



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RODRIGO SELMO DA SILVA

**“CARLINDA ME FALOU QUE TU NÃO FALOU A SUA MÃE A RESPEITO DISTO”:
A VARIAÇÃO TEU/SEU NO PARADIGMA DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
EM CARTAS DE AMOR INTERIORANAS DO SÉCULO XX**

Recife
2023

RODRIGO SELMO DA SILVA

**“CARLINDA ME FALOU QUE TU NÃO FALOU A SUA MÃE A RESPEITO DISTO”:
A VARIAÇÃO TEU/SEU NO PARADIGMA DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
EM CARTAS DE AMOR INTERIORANAS DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Coorientador: Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

S586c Silva, Rodrigo Selmo da
“Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto”: a
variação teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas
de amor interioranas do século XX / Rodrigo Selmo da Silva. – Recife,
2023.
124f.: il.

Sob orientação de Marcelo Amorim Sibaldo.
Sob coorientação de Cleber Alves de Ataíde.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras,
2023.

Inclui referências e apêndices.

1. Português brasileiro. 2. Linguística histórica. 3. Variação linguística.
4. Cartas de amor. 5. Pronomes possessivos. I. Sibaldo, Marcelo Amorim
(Orientação). II. Ataíde, Cleber Alves de (Coorientação). III. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-97)

RODRIGO SELMO DA SILVA

**“CARLINDA ME FALOU QUE TU NÃO FALOU A SUA MÃE A RESPEITO DISTO”:
A VARIAÇÃO TEU/SEU NO PARADIGMA DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
EM CARTAS DE AMOR INTERIORANAS DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística

APROVADA EM: 15 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo
(UFPE - orientador)

Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde
(UFPE - coorientador)

Prof. Dr.^a Huda da Silva Santiago
(UEFS)

Prof. Dr.^a Renata Livia de Araújo Santos
(UFRPE-UAST)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus por permitir a minha existência e aos meus pais Selmo e Lindací por todo o apoio e amor a mim direcionados.

Aqui eu agradeço e dedico esse trabalho a duas mulheres que sempre torceram e me apoiaram na luta pelos meus sonhos. A primeira em memória a minha madrinha Maria Rodrigues, que em seu lugar de descanso sei que está muito orgulhosa e feliz com esse momento. Também dedico essa dissertação à minha tia, avó e mãe Mariquinha. Mariquinha me acolheu em sua casa e me adotou como filho. Essa realização de hoje é, principalmente, graças a ela.

Aos meus irmãos Leilton, Leilson, Helenildo, Selma Larice, Lindalice e Maria Aparecida por todo o nosso companheirismo, apoio e união.

Ao meu amigo João Paulo, foi você quem me inscreveu no ENEM e quem me inscreveu no SISU. Eu só recebi a notícia que tinha passado para cursar letras na UFRPE. Jamais esquecerei disso, gratidão, meu amigo!

Ao governo **Lula** por criar o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Foi graças a essa política que eu tive acesso à universidade Federal. Ao meu presidente Lula eterna gratidão!!!

À minha madrinha Maria Rodrigues, que sempre foi fonte de inspiração, força e humildade. Sou grato pelos ensinamentos e incentivos em ser sempre “o menino curioso”. À senhora eu dedico essa monografia e a conquista de um curso superior.

À minha tia Mariquinha e às minhas primas Geraldina, Vania, Sandra, Dilene e Dilma por terem me adotado e me apoiado durante essa caminhada.

Ao grupo Pajeú por ter me concedido o meu primeiro trabalho formal, o que garantiu a minha permanência na cidade de Serra Talhada.

Ao professor Marcelo Sibaldo, meu orientador, por ter aceito ser o meu orientador e ter sido tão compreensivo no meu processo de construção dessa pesquisa.

Ao professor Cleber Ataíde, meu coorientador, por ter me apresentado os caminhos da linguística Histórica desde o primeiro período da graduação, no ano de 2016, também agradeço a confiança, paciência, tempo e atenção dispensadas a mim.

Ao professor Adeilson, por ter acreditado em mim no compromisso de me tornar bolsista do PET e por todos os ensinamentos enquanto tutor do programa.

À professora Larissa Cavalcanti pelos ensinamentos, parcerias em trabalhos e aconselhamentos. Você contribuiu muito com a minha formação!!!

Às professoras Jane Cristina, Lílian Noêmia, Maria de Fátima e Socorro Almeida pelo jeito humano de ensinar e fazer ciência. Com vocês eu aprendi que é possível sim não se deixar enrijecer em meio a tantas cobranças que a vida acadêmica nos delega.

Às professoras Dorothy Brito, minha tutora no PET, e a professora Renata Livia por me acompanharem durante a minha caminhada enquanto bolsista PIC e até aqui no mestrado.

Ao meu amigo irmão Eduardo, por todas as parcerias em trabalhos, pela parceria na vida e por todas as experiências. Você é muito especial, sem sombra de dúvidas, ter conhecido você foi um dos maiores ganhos que a universidade me propiciou.

À minha amiga Elayne Souza, por ter se tornado a minha irmã e ter me acompanhado durante essa caminhada. Te amo!!!

À minha amiga Rebeca Rocha, minha amiga e primeira parceira em projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos. Eu cresci muito ao teu lado!

Aos meus primos Lelo e Cris, pela nossa amizade, companheirismo e boas conversas. Vocês foram fundamentais para a minha adaptação em Serra Talhada.

Ao meu irmão Ewerton Marques, que surgiu de forma inesperada e nunca mais saiu da minha vida. Obrigado por tudo!

Ao meu amigo Deivid, pelo incentivo e força para tentar a seleção de mestrado. Foi tudo tão rápido e inesperado que só foi possível graças a tua ajuda.

Aos professores Cícero Barbosa e Hudson Veras pelas indicações de leituras e incentivos em trilhar os caminhos acadêmicos.

Às minhas amigas Rosineide, Uratinai e Patrícia por estarem comigo me dando todo o suporte que a relação de amizade pode ofertar a alguém.

À minha amiga Daniela Malta, que sempre foi uma referência para mim enquanto professora e acadêmica.

Às professoras Neuma Antunes e Marta Cristina pela oportunidade que me deram em fazer parte da Secretaria de Educação de Serra Talhada.

Aos meus amigos que conheci no mestrado Karinini, Luanda, Rosiely, Mailson, Laegua, Juliana, Geicylane, Sabrina, Thiago, Rogério, Jhosef esse caminho foi mais leve por ser compartilhado com vocês.

Aos meus sobrinhos e afilhados Tiago, Jeferson, Tauany, Ana Livia, Gael, Júlio, Levy e Josué. Por vocês eu busco um futuro melhor para os incentivar em seus estudos.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), por ter me propiciado muitos conhecimentos sobre a Linguística Histórica.

“Sertão: é dentro da gente”.

(ROSA, 1986)

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/tua/seu/sua* e investigar como é estabelecida a concordância com os pronomes pessoais *tu* e *você* na posição de sujeito. O nosso *corpus* é constituído por 153 cartas pessoais escritas por casais do século XX, pertencentes ao banco informatizado de textos do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). Na análise dos dados, consideramos tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos socio-pragmáticos. Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). Adotamos também os pressupostos da Tradição Discursiva (KABATEK, 2006) e de teorias que tratam do estudo das relações estabelecidas na interação entre os missivistas, como a teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e a Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) para a discussão dos dados. Para o tratamento dos dados, utilizamos o programa *GoldVarb X*. Na análise dos dados, as únicas variáveis extralinguísticas controladas foram a) sexo b) década em que as cartas foram redigidas. Em se tratando das variáveis linguísticas, selecionamos como categoria de análise: c) as formas de expressão de segunda pessoa de sujeito; d) a categoria preenchida e não preenchida de sujeito, e) a semântica do termo possuído; f) a posição do possessivo em relação ao substantivo e g) a estrutura composicional da carta. Como resultados, nas 153 cartas pernambucanas, identificamos 314 ocorrências do fenômeno analisado, que se distribuem em 203 ocorrências de *seu* e 111 de *teu*. Também foi verificado que há concordância entre as formas *você-seu*, *tu-teu* e que, a partir da década de 90, as formas *você-seu* são quase unânimes no *corpus*.

Palavras-Chave: português brasileiro; linguística histórica; variação linguística; cartas de amor; pronomes possessivos.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the variation of Brazilian Portuguese second-person possessive pronouns *teu/tua/seu/sua* and to investigate how the agreement with the personal pronouns *tu* and *você* in the position of subject is established. Our *corpus* consists of 153 personal letters written by couples in the 20th century taken from the digital text bank of the Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). In analyzing the data, we consider both linguistic and socio-pragmatic aspects of variation. The study is developed on the grounds of Historical Sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972). We also adopt assumptions from Discursive Tradition (KABATEK, 2006) and theories that deal with the study of the relationships established in the interaction between the authors of the letters, such as the theory of Power and Solidarity (BROWN AND GILMAN, 1960) and Theory of Politeness (Brown and Levinson, 1987) to discuss the data. The data was processed using the software *GoldVarb X*. In the data analysis, the only controlled extralinguistic variables were a) gender b) decade in which the letters were written. In terms of linguistic variables, we selected as analytical categories (c) the expression forms for second-person as subject; d) the accommodated and non-accommodated category of subject, f) the semantics of the possessed term; g) the position of the possessive in relation to the noun and g) the compositional structure of the letter. As a result, in the 153 letters from Pernambuco, we identified 314 occurrences of the analyzed phenomenon, which are distributed in 203 occurrences of *seu* and 111 of *teu*. It was also verified the agreement between the forms *você-seu*, *tu-teu* and that, beginning in the 1990s, the forms *você-seu* became almost unanimous in the *corpus*.

Keywords: brazilian portuguese; historical linguistics; linguistic variation; love letters; possessive pronouns.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos	33
Quadro 2 -	Os pronomes você, seu e dele em gramáticas prescritivas	38
Quadro 3 -	Os pronomes você, seu e dele em gramáticas descritivas	38
Quadro 4 -	O sistema pronominal em diferentes regiões do Brasil	39
Quadro 5 -	Os pronomes possessivos no português brasileiro	40
Quadro 6 -	Estudos que se ativeram a variação teu/seu e seu/dele.	42
Quadro 7 -	A distribuição de teu e seu ao longo do tempo, na amostra brasileira em Machado (2011).	47
Quadro 8 -	Distribuição de teu e seu em função do critério diatópico em cartas brasileira dos séculos XIX e XX	50
Quadro 9 -	Distribuição de teu e seu em função do sujeito encontrado nas cartas e da região	51
Quadro 10 -	Estudos realizados com o paradigma de segunda pessoa do singular	55
Quadro 11 -	Organização do corpus	67
Quadro 12 -	Os possessivos teu e seu em referência a tu e você nas categorias preenchida e não preenchida de sujeito.	68
Quadro 13 -	Codificação dos dados	73
Quadro 14 -	Classificação das cartas	83
Quadro 15 -	A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: teu	85
Quadro 16 -	A semântica do termo possuído: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: teu.	89
Quadro 17 -	A década em que as cartas foram escritas: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: teu.	91
Quadro 18 -	A estrutura composicional da carta: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: teu.	94
Quadro 19 -	A posição do possessivo em relação ao termo possuído: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: teu	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Ocorrências dos pronomes tu e você ao longo das três décadas	82
Gráfico 2 -	Ocorrências gerais dos possessivos teu/seu	84
Gráfico 3 -	A posição de sujeito	96
Gráfico 4 -	A semântica do termo possuído	90
Gráfico 5 -	Os possessivos ao longo das três décadas	92
Gráfico 6 -	A distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta.	94
Gráfico 7 -	A posição dos pronomes possessivos em relação ao termo possuído	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A INSERÇÃO DO VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL, OS PRONOMES POSSESSIVOS EM GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS E O SUBSISTEMA DE POSSE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
2.1	A inserção do pronome você no quadro pronominal do português brasileiro	17
2.2	O você e teu/seu/tua/sua em gramáticas do português	32
2.3	Sobre a variação do subsistema pronominal de posse	41
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	57
3.1	A Sociolinguística Variacionista	57
3.2	A Sociolinguística Histórica	59
3.3	A Teoria do Poder, Solidariedade e Polidez	61
3.4	As Tradições Discursivas	62
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A DESCRIÇÃO DO CORPUS E A ESCOLHA DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	64
4.1	A carta de amor como objeto de estudo para a Sociolinguística Histórica	64
4.2	O <i>corpus</i>	66
4.3	A localidade das cartas	69
4.4	O perfil social dos missivistas	70
4.4.1	<i>Casal I (1956-1958)</i>	70
4.4.2	<i>Casal II (1972-1977)</i>	70
4.4.3	<i>Casal III (1993-1994)</i>	71
4.5	Algumas dificuldades encontradas no <i>corpus</i>	72
4.6	Os fatores de análise/variáveis independentes	72
4.6.1	<i>A variável década de escrita da carta como fator condicionante da variação teu/seu</i>	74
4.6.2	<i>A variável sexo como fator condicionante da variação teu/seu</i>	74
4.6.3	<i>A variável escolaridade como fator condicionante da variação teu/seu</i>	75
4.6.4	<i>As formas na posição de sujeito</i>	76
4.6.5	<i>O valor semântico do termo possuído</i>	77

4.6.6	<i>Posição do possessivo em relação ao termo possuído</i>	78
4.6.7	<i>A estrutura composicional da carta</i>	79
4.6.8	<i>O número do possessivo</i>	79
4.6.9	<i>O gênero do possessivo</i>	80
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	82
5.1	Quantitativo geral das ocorrências de teu/seu	84
5.2	A posição de Sujeito	85
5.3	A semântica do termo possuído	89
5.4	A variável década	91
5.5	A estrutura composicional da carta como fator condicionante da variação	93
5.6	A posição do possessivo	96
5.7	Cruzamento de algumas variáveis	101
6	CONCLUSÕES	105
	REFERÊNCIAS	110
	APÊNDICE A – VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS	115
	APÊNDICE B – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PHPB	118
	APÊNDICE C - EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	120

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve aumento relevante no número de pesquisas que têm como objeto focalizado o quadro pronominal do português brasileiro (FARACO, 1982; OLIVEIRA e SILVA, 1982; KATO, 1985; PERINI, 1985; RAMOS, 1989; DUARTE, 1996; MENON, 1996; LOPES, 2012, LIMA, 2020; entre outras). Esse fato se deve à significativa quantidade de variações e mudanças que estão surgindo e se consolidando no sistema linguístico, como já destacado em pesquisas anteriores de Kato (1985), Duarte (1996), Scherre (2009) e Lopes *et al* (2018).

Essa instabilidade/mudança do quadro pronominal do Português Brasileiro (PB) se deu pela perda das desinências verbais de segunda e terceira pessoa em meados do século XVIII e, posteriormente, pela gramaticalização do *você* a partir dos anos 1960, como destaca Oliveira e Silva (1982), Perini (1985), Duarte (1996). Com a entrada do pronome *você* no quadro pronominal, iniciou-se um contexto de variação entre *tu* e *você* (DUARTE, 2003; LOPES; RUMEU, 2008; MACHADO, 2011; SOUZA, 2012; SCHERRE *et al.* 2015; ATAÍDE; LIMA 2018).

O comportamento dessas variantes pode ser nitidamente observado no trabalho desenvolvido por Janaina Souza (2012). Ao analisar esse fenômeno em cartas cariocas escritas no período de 1870-1970, a autora constatou que o comportamento da forma inovadora *você* se apresenta de forma distinta, sendo possível identificar três fases, conforme apresentado por Souza (2012, p. 90):

- 1ª fase: de 1870 a 1890 - *você* era menos produtiva que a forma *tu*;
- 2ª fase: de 1900 a 1930 - a distribuição das duas formas se alterou, apresentando índices de frequência bastante equilibrados;
- 3ª fase: de 1930 a 1970 - a forma inovadora *você* passa a ter uso majoritário com o declínio do pronome canônico *tu*.

Conforme Lopes (2012), essa migração não causou alterações somente no sistema dos pronomes pessoais, mas também nos sistemas dos possessivos, dos pronomes-complemento (os pronomes oblíquos átonos), na formação do imperativo e na conjugação verbal. A migração das formas pronominais de terceira pessoa para a segunda ocasionou a variação também entre os pronomes possessivos *teu/seu*.

Com base nessas informações, nesta pesquisa, tomamos como foco a instabilidade causada no sistema possessivo. O objetivo do estudo é mapear a concordância estabelecida entre os pronomes pessoais *tu* e *você* na posição de sujeito e as formas possessivas de segunda pessoa do singular *teu/tua/seu/sua*. Para tanto, a pesquisa utiliza 153 cartas escritas por casais na região do sertão do Pajeú, interior do estado de Pernambuco.

Para nortear essa investigação, foram elencadas as seguintes questões, as quais a pesquisa se propõe a buscar respostas:

1. Como se comportam as formas variantes *teu/seu* no *corpus*?
2. Quando as formas *tu* e *você* estão na posição de sujeito qual o pronome possessivo utilizado para a indicação de posse?
3. Quais os fatores linguísticos e extralinguísticos estão associados à variação da frequência de uso *teu/seu*?
4. A variação entre os pronomes *teu* e *seu* ocorre, com mais frequência, em que partes da estrutura composicional da carta?

O nosso objetivo geral é investigar quais fatores condicionam a variação entre os pronomes possessivos *teu/seu* na indicação de posse para a segunda pessoa do singular. Esse objetivo está sistematizado pelos seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os usos dos pronomes possessivos *teu* e *seu* como indicadores de posse para a segunda pessoa do singular;
2. Identificar se o possessivo *seu* é a forma preferível para a indicação de posse quando o *você* está na posição de sujeito;
3. Identificar os contextos morfossintáticos e socio-estilísticos dos pronomes possessivos *teu* e *seu*. Interessa-nos aqui identificar se há contextos sociopragmáticos que propiciem tal variação;
4. Identificar, nas cartas, se a relação estabelecida entre as formas possessivas e a estrutura composicional das cartas formam uma tradição discursiva.

Para tanto, com base no levantamento bibliográfico de alguns estudos que se debruçaram sobre este fenômeno, elencamos as seguintes hipóteses e pressupostos:

1. As variantes *teu* e *seu* são formas utilizadas pelos missivistas para a indicação de posse na segunda pessoa do singular.
2. O possessivo *seu* é uma forma de indicar posse para a expressão de segunda pessoa mesmo quando o *tu* ocupa a posição de sujeito;
3. As variantes *teu* e *seu* são condicionadas em determinados contextos linguísticos específicos, a saber: a posição de sujeito, a posição do possessivo no sintagma nominal, a semântica do termo possuído, o número e gênero gramatical do possessivo, a década em que a carta foi escrita, a distribuição do possessivo na estrutura composicional da carta, a escolaridade dos missivistas e o sexo. Em se tratando dos contextos posição do possessivo no sintagma nominal e semântica do termo possessivo acredita-se que o possessivo *seu* é mais utilizado em posição pós-nominal e indica posse de substantivos inanimados e o possessivo *teu* é mais utilizado em posição pré-nominal e indica a posse de substantivos animados;
4. Na distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, o possessivo *teu* é mais ocorrente na abertura e no início do núcleo dela. O possessivo *seu* é mais ocorrente nas partes finais da missiva.

À vista disso, a natureza do nosso objeto se constitui da variação entre os possessivos *teu/seu*, ocasionada após a inserção do pronome *você* no quadro pronominal. Vejamos a seguir os exemplos extraídos do *corpus* para ilustrar o fenômeno:

(01) *tu* não falou a *sua* mãe a respeito disto (C2_F_1974_16).

(02) *você* faz mal em duvidar porque pelo *teu* amor pela *tua* pessoa eu enfrentarei tudo na vida. (C1_M_1958_13)

(03) sem fingi- | mento meu amor, nasceu somente para | ti, és de toda minha
consideração não ti | esqueço em um so momento fico horas a pen- | sar e meditar
em que abraços andara | aquela querida que consagrei todo meu | amôr puro e
declarando pois é claro que | *tua* simpatia me domina. (C1_F_1956_2)

(04) Talvez *você* venha ainda com *suas* desculpas, mas não adianta, | sempre a mesma
coisa e isto eu já acho o cúmulo. (C2_F_1974_14)

O exemplo (01) apresenta o pronome pessoal *tu* ocupando a posição de sujeito na categoria preenchida associado ao possessivo *sua*. Outro fato é que o verbo *falar*, relacionado com a segunda pessoa do singular, indicado pelo pronome *tu*, não está conjugado na segunda pessoa, mas na terceira (*falou*). Já o exemplo (02) mostra o *você* em posição de sujeito e o possessivo *teu/tua* realizando a indicação de posse.

No exemplo (03), há a ocorrência do *tu* em posição não preenchida sendo demarcada pela conjugação do verbo *ser* “és”. Essa categoria de análise pode ser um fator que influencie na escolha do possessivo *seu* para a indicação de posse. E, por fim, no exemplo (04), há a ocorrência do *você* em posição preenchida de sujeito e o possessivo *seu* realizando a indicação de posse. Em vista a esses exemplos, podemos ter uma prévia da instabilidade do quadro pronominal presente no *corpus*.

As respostas aos nossos questionamentos e às confirmações ou refutações das nossas hipóteses estão sistematizadas nesta dissertação, a qual está estruturada em quatro capítulos. A começar por esta **Introdução**, em que apresentamos uma breve contextualização respaldada em estudos que explicam o objeto de estudo.

Na **Seção I**, apresentamos um levantamento bibliográfico que se inicia com estudos sobre a inserção do *você* no quadro pronominal do português brasileiro. Na seção seguinte, apresentamos uma análise comparativa sobre a indicação de posse no português brasileiro entre gramáticas normativo-prescritivas de Almeida (1951); Said Ali (1969); Rocha Lima (1983); Bechara (2002); Cunha e Cintra (2017) e gramáticas descritivo-funcionalistas de Neves (2000) e Castilho (2010). E, por fim, para enquadrar o nosso fenômeno, na sequência, apresentamos o levantamento bibliográfico das dissertações e das teses que se ativeram ao paradigma dos possessivos de segunda pessoa, *teu/seu*.

Na **Seção II**, por sua vez, apresentamos uma breve revisão bibliográfica das teorias que embasam a pesquisa: as teorias da Sociolinguística Variacionista e da Histórica, a teoria do Poder, Solidariedade e Polidez e o conceito de Tradição Discursiva.

Na **Seção III**, descrevemos os passos metodológicos utilizados no tratamento do *corpus* e os fatores selecionados para a análise dos dados.

Posteriormente, no **Seção IV**, apresentamos os resultados desta investigação sobre a variação entre os pronomes possessivos *teu/seu* e a possível concordância com os pessoais *tu* e *você* na posição de sujeito. Além disso, apresentamos os resultados obtidos por meio do controle das variáveis dependentes selecionadas. A última parte do estudo corresponde às **Considerações Finais** da pesquisa.

2 A INSERÇÃO DO *VOCÊ* NO QUADRO PRONOMINAL, OS PRONOMES POSSESSIVOS EM GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS E O SUBSISTEMA DE POSSE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, apresentamos uma discussão sobre o surgimento do pronome *você* com base em Alberto Faraco (1982; 2017), Menon (1996), Souza (2012), Gomes e Lopes (2016) e Lopes *et al.* (2018). Também apresentamos uma análise comparativa entre gramáticas normativo-prescritivas e descritivo-funcionalistas sobre como é apresentado o quadro de possessivos após o surgimento da forma pronominal *você*. Por fim, apresentamos os estudos, como estado da arte, já realizados sobre a variação *teu/seu*.

2.1 A inserção do pronome *você* no quadro pronominal do português brasileiro

A inserção da forma *você* no quadro pronominal acarretou não só o processo de variação *tu/você*, mas também gerou mudanças na indicação de posse para a segunda pessoa do singular e nos subsistemas. Segundo Souza (2012), as formas *teu/seu* como variantes estão diretamente relacionadas ao comportamento das formas tratamentais na posição de sujeito, *tu/você*. Diante disso, nesta seção, apresentaremos os resultados de pesquisas buscando compreender o surgimento e a inserção do *você*.

Para começarmos uma contextualização acerca desse fenômeno, tomemos como ponto de partida dois trabalhos do professor Alberto Faraco sobre a história do português brasileiro. Sobre o fenômeno, Faraco (1982; 2017) diz que o sistema latino tardio de tratamento do interlocutor se organizava em dois eixos: o paradigma do pronome *tu* para a referência singular menos formal, e o paradigma do pronome *vós* usado tanto para a referência formal a um único interlocutor (tratamento singular formal), como para a referência universal a mais de um interlocutor (tratamento plural formal ou não). Com esses dois eixos, estavam correlacionadas formas específicas do paradigma verbal (a segunda pessoa do singular e do plural, respectivamente).

De acordo com o autor, ao analisar os primeiros textos da língua portuguesa, percebe-se que ela herda esse sistema com profundas reformulações consolidadas na língua em uso. Essas reformulações são evidenciadas principalmente nas expressões de referência ao(s) que se combinava(m) não mais com a segunda pessoa verbal, mas com a terceira. Esse fato introduziu na língua uma duplicidade de formas (as herdadas se combinando com a segunda

pessoa verbal e as novas se combinando com a terceira pessoa verbal) que acabou gerando grande instabilidade nos paradigmas verbais e pronominais, redesenhando-os, por consequência, e definindo vários traços que caracterizam o português atual.

Para melhor entendermos o surgimento e o percurso do *você* no sistema pronominal do português, apresentaremos alguns trabalhos de estudiosos que se ativeram à questão. Com um dos estudos pioneiros a respeito do referido pronome, Faraco (1982) analisou o português de Portugal no qual mostra que as formas *tu* e *vós* se apresentam de forma estável no país desde o século XIV. De meados desse século em diante, notou-se que, com o avanço econômico no país, propiciado pelas grandes navegações e o estabelecimento de rotas comerciais, o poder do reino se intensificou e a burguesia ascendeu.

Dessa forma, o pronome *vós* era utilizado em relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior); e o pronome *tu* era a forma utilizada em relações simétricas ou assimétricas descendentes (de superior para inferior). Com a ascensão da classe burguesa, a forma *Vossa Mercê*, antes empregada para se dirigir ao rei, passou a ser reclamada pelos burgueses que assumiram uma nova posição social. Em decorrência disso, foram criadas formas tratamentais polidas para se referir à nobreza – de modo que a forma *Vossa Mercê* passou a ser utilizada entre as classes menos favorecidas.

Faraco (1982) pontua que esses fatos estimularam mudanças tanto nas relações sociais quanto nas formas de tratamento, pois as construções utilizadas ao nos referirmos a interlocutores que exigem um traço de respeito e cerimônia são levadas em consideração nos atos comunicativos. Segundo o autor, no século XIV, o plural de *tu* era demarcado pelo pronome *vós*, sendo utilizado em relações assimétricas, ou seja, em relações em que há um grau de inferioridade e superioridade nas relações sociais estabelecidas entre os falantes.

Ao longo dos anos, a referida forma se pôs a variar. Tal variação ocorreu, inicialmente, no nível da fonética (*Vossa Mercê* => *vosmicê* => *vancê* => *você*). Consequentemente, deu-se a variação no nível semântico em função do papel honroso que a estrutura pronominal *Vossa Mercê* representava anteriormente e também nos níveis fonológico, morfológico e pragmático

Faraco (2017) realizou um estudo mais recente, intitulado “*O tratamento você em português: uma abordagem histórica*”, com o objetivo de tentar reconstituir aspectos do ambiente sociocultural que desencadeou a introdução de novas formas de tratamento do interlocutor em português. De acordo com o linguista, os impactos de todas essas mudanças sobre a vida social decorrentes da ascensão econômica acarretaram mudanças na língua, sobretudo pelo surgimento de novas formas tratamentais.

O relevante número de pessoas que passou a viver diretamente ligado à corte iria desenvolver novos hábitos que caracterizassem a ascensão social. Faraco (2017) diz que nesse momento:

O protocolo da corte, por exemplo, tornou-se extremamente elaborado e formal; e a suntuosidade, alimentada pelo vasto fluxo de riquezas do comércio colonial, atingiu seu pico pelos fins do século XV; e começos do século XVI. Novos padrões de vestuário, de alimentação e de tratamento do interlocutor foram introduzidos entre a nova aristocracia (FARACO, 2017, p. 117).

Portugal, nesse momento, passa por diversas inovações geradas pelo grande aumento de poder econômico. No entanto, segundo o autor, essas inovações decorrem, principalmente, da necessidade de a incipiente aristocracia definir um novo papel social. Agora, estabelecia-se uma sociedade que estava substituindo a estrutura feudal por uma estrutura caracterizada pelo declínio do poder da velha aristocracia rural, pela ascensão de uma burguesia urbana e pela centralização do poder.

Com base em Bakhtin/Voloshinov (1973, p. 19), Faraco reforça que a língua, sendo o mais sensível indicador das mudanças sociais, não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas. Essas situações discursivas surgem na medida em que se estabeleciam novas possibilidades comunicativas no emaranhado das relações interpessoais.

Essa dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento do interlocutor, já que esse sistema representa talvez a forma mais direta de alguns dos fundamentos axiológicos da organização do *status* social. Assim, se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pode-se esperar que mudanças linguísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis consequências para outros aspectos da estrutura da língua, como a inserção do *você* e *a gente* e instabilidade que isso causou no quadro pronominal.

Ainda de acordo com Faraco, a partir da inserção das novas formas tratamentais, pode-se observar um conjunto de mudanças gramaticais. O linguista sistematiza tais mudanças da seguinte forma:

a) reformulação do sistema de tratamento da segunda pessoa do discurso (especialmente a arcaização de *vós* e o desenvolvimento de *você/s*);

b) rearranjos no sistema pronominal, com algumas das antigas formas dativas e possessivas desenvolvendo novos valores na língua;

c) rearranjos na conjugação verbal (arcaização das formas verbais de segunda pessoa do plural; acréscimo de novos valores para as formas de terceira pessoa verbal; e alterações na composição do imperativo);

d) rearranjos na estrutura sintática, com uma forte tendência de o pronome nominativo ocorrer obrigatoriamente.

Desta forma, o estudo do autor mostra que o português, entre os séculos XIV e XVIII, mudou completamente o sistema de tratamento do interlocutor, o qual fora herdado do latim. Houve, com isso, a substituição do sistema tardio do latim (*tu/vós-vos*), em que havia a concordância com a segunda pessoa por um sistema particular – no qual as novas formas de tratamento têm como característica a possibilidade de se combinarem com a flexão de terceira pessoa do verbo.

Sobre essa concordância entre as novas formas tratamentais e a terceira pessoa, Faraco (2017) explica que ela decorre da origem semântica dessas formas. Inicialmente, utilizava-se, para tratar o rei, um sintagma nominal, ou seja, uma expressão não pronominal que fazia referência não diretamente ao rei como pessoa do discurso, mas a uma de suas propriedades (“a sua mercê”, “a sua senhoria”, e assim por diante), sintagma nominal de terceira pessoa, portanto; e, por consequência, determinando a concordância do verbo em terceira pessoa.

Nas palavras do autor:

Tratava-se, de início, de um modo metonímico de fazer referência ao rei como interlocutor (a propriedade pelo todo da pessoa do discurso), semântica que vai se perdendo à medida que o sintagma nominal se gramaticaliza, isto é, à medida que ele perde sua realidade composicional e passa a significar em bloco; à medida que ele perde sua significação metonímica e adquire uma significação dêitica, processo que é acompanhado de sucessivas erosões fonéticas até a relativa estabilização da forma *você*. Da situação original, preservou-se apenas a relação de concordância, depois de um período de instabilidade. (FARACO, 2017, p. 122-123)

Após o processo de inserção e de gramaticalização, a forma tratamental adentra no sistema pronominal brasileiro e começa a variar. Em se tratando do nível sintático, Menon (1996) diz que a locução nominal *vossa mercê*, que é constituída pelo pronome possessivo *vosso* e o substantivo *mercê*, estabelecia concordância apenas com verbos flexionados na terceira pessoa do singular. Com base em Reighard (1978) e Hopper e Traugott (1993), a

autora explica que, ao ser empregada em contextos de segunda pessoa, tal forma passa a funcionar como pronome, ocorrendo, assim, a *gramaticalização*¹.

Como resultado, surgiu uma situação instável entre as regras normativas de concordância. Essa instabilidade decorre do fato de a concordância permanecer sendo realizada com o verbo em 3ª pessoa, ainda em referência quando a forma não era utilizada como pronome.

Em relação ao nível da fonética, Ramos (1997) ressalta que, em alguns dialetos do português brasileiro, nota-se mais duas variações da forma *você*, a saber, *ocê*² => *cê*, como em: “Cê vai trabalhar hoje?”. Contudo, segundo Arduin (2005), embora a forma *você* tenha sofrido essas mudanças fonéticas e semânticas, a referida forma sempre foi utilizada como tratamento ao interlocutor. Inicialmente, sendo empregada em relações assimétricas ascendentes, posteriormente nas descendentes e, por fim, nas relações simétricas.

Para Gomes e Lopes (2016), acredita-se que esse processo de variações sintáticas e fonéticas pelo qual a forma *você* passou implicou a perda da marca morfológica de segunda pessoa. Agora, o *você* passa a ter uma forma *não marcada* idêntica à de terceira pessoa, além das já possuídas formas referentes à segunda pessoa canônica *tu*.

Todo esse processo resulta em uma situação indissociável das formas de segunda e de terceira pessoa do verbo. Dessa forma, o paradigma *você* tornou-se estável no emprego referente à terceira pessoa do sistema pronominal, passando depois a competir com a segunda pessoa (*tu*), o que mostra uma instabilidade na origem da forma em que ela é a segunda pessoa do discurso e a terceira pessoa gramatical. E é do século XIX para o XX que o *você* assume o “comportamento híbrido, ora guardando o caráter cerimonioso da forma originária, ora assumindo um caráter mais informal em variação com o *tu-íntimo*” (GOMES; LOPES, 2016, p. 138). Segundo as autoras, esse novo paradigma é ocasionado pelo processo de pronominalização *Vossa Mercê* > *você*, gradativamente.

Após essa contextualização sobre a história da inserção e da gramaticalização acerca do *você* no quadro pronominal, apresentaremos os dados estatísticos sobre a variação da proforma *você* e do pronome canônico *tu*. Mostramos a seguir os resultados do trabalho intitulado *Mudanças sintáticas das classes de palavras*, organizado pela professora Célia Regina Lopes dentro do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

¹ Consideramos como gramaticalização o fato da forma nominal *você* passar a ser empregada como pronome pessoal.

² Variante falada em Minas Gerais (RAMOS, 1997).

Esse estudo tem por objetivo discutir a reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na posição de sujeito, seguindo uma perspectiva diatópico-diacrônica. O *corpus* utilizado é composto por cartas pessoais escritas durante os séculos XIX e XX, nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Com base em Sherre *et al.* (2015), os autores postulam que as formas tratamentais para a segunda pessoa do singular se apresentam em três, como foi adotado nesse estudo. Nesse sentido, a linguista apresenta os três subsistemas: (i) *você*, (ii) *tu*, (iii) *você/tu*.

A autora explica esses subsistemas da seguinte forma: (i) no subsistema *você*, os indivíduos/missivistas (pessoas que escreveram as cartas) empregam majoritariamente ou exclusivamente o pronome *você* no trato ao interlocutor; no subsistema (ii), *tu* refere-se a indivíduos/missivistas que empregam o tratamento *tu* com ou sem marcas de concordância; por fim, no subsistema (iii), *você/tu* completaria o uso variável das duas formas de tratamento em referência ao interlocutor. A seguir, apresentaremos brevemente os resultados encontrados em cada localidade:

- Rio de Janeiro

Nesse estado, a pesquisadora Janaina Pereira de Souza analisou 366 cartas, escritas entre 1870 e 1979 por pessoas que pertenciam a diferentes grupos de famílias, contendo cartas trocadas entre amigos, família e casais. No *corpus*, foram analisados 1525 dados, sendo 763 ocorrências de *você* e 762 dados da estratégia *tu*, como sujeito pleno ou nulo. A autora diz que, apesar do equilíbrio entre os dados das duas variantes, a sua distribuição ao longo do período analisado não é regular.

Nesse sentido, o estudo apresenta um percurso que define três fases distintas da forma *você* ao longo dos séculos XIX e XX, como apresenta Janaina Souza (2012, p. 90):

- i. de 1870 a 1899: *tu* era mais frequente que *você*;
- ii. de 1900 a 1939: *tu* e *você* apresentando frequências próximas;
- iii. de 1940 a 1979: predomínio de *você* sobre *tu*.

A pesquisadora aponta, nessas três etapas, os valores das duas formas e como as próprias relações sociais se modificaram. Segundo Souza (2012), na etapa (i) (1870-1899), *tu* e *você* não eram necessariamente formas variantes, uma vez que a primeira era empregada nas

relações mais íntimas e a segunda ainda resguardava traços de cortesia de *Vossa Mercê*. Os contextos de uso e o efeito discursivo para o emprego das duas formas eram diversificados. O pronome *você* era empregado para suavizar pedidos, reclamações e ordens (1); funcionando também como estratégia de discurso reportado na referência ao interlocutor, como se vê em (2). Por outro lado, o pronome *tu* era mais usual como estratégia de individualização do destinatário e nas relações mais íntimas, como em (3):

- (1) [20,1 CP RJ³] Peço-te pois *intenderes* com eles esperando qelleasuma ao meo pedido, pelo q mui agradecido. Podia tambem escrever a seoPae, e Dr J. P. porem entendo não ser necessario só basta q *você* si interessou.
- (2) [19,2 CP RJ] aqui se falla muito que *Você* está ganhando dinheiro como advogado, que hé muito procurado, que tens conferencias com os homens mais notaveis, qe hé muito consultado sobre negocios do Brasil enfim que tens brilhante posição, nada disto me admira.
- (3) [19,1 CP RJ] tu resolveras como entenderes, meu querido anjo, e, eu cegamente cumprirei o que tu ordenares.

O estudo mostra que, na fase (i) (1870-1899), o *você* era empregado como estratégia de atenuação a favor da polidez linguística, marcando um maior distanciamento, o que garantia um tom menos invasivo à interação. Na fase (ii) (1900-1939), entretanto, a forma *você* começou a ser empregada nos mesmos contextos funcionais de *tu*, sendo empregado em situações menos formais e íntimas. Por fim, na fase (iii) (1940-1979), o uso de *você* suplantou a estratégia mais antiga, espraiando-se pelos contextos típicos de *tu*. Como uma estratégia de referência neutra, o pronome *você* tornou-se uma estratégia “coringa” para os novos papéis sociais das sociedades contemporâneas, de acordo com Souza (2012) principalmente em uma cidade cosmopolita como o Rio de Janeiro.

Os resultados desse estudo evidenciam que, nas cartas cariocas, houve o espraiamento do *você* e seu caráter polifuncional sendo utilizado nos diferentes tipos de relação: simétrica ou assimétrica. Além disso, o estudo destaca três fases distintas do percurso do *você* no *corpus*.

- Minas Gerais

³ Essa codificação refere-se ao código utilizado pelos pesquisadores nos dados. Esse dado pertence à primeira metade do século XX, realizado em uma Carta Pessoal redigida no Rio de Janeiro.

O estudo realizado com o *corpus* mineiro mostra, assim como Ramos (1997) já havia destacado, que, nesse Estado, a referência ao sujeito de segunda pessoa se faz principalmente pelo *você* e variantes *ocê* e *cê*. De acordo com os estudos de Peres (2006) e Mota (2008) na fala de Belo Horizonte, há o predomínio de *cê* com 72,6%, seguido de *você* com 23,5% e 3,9% de *ocê*.

Diante desses dados, o objetivo desse estudo, organizado por Lopes *et al.* (2018), é verificar se o emprego da forma *você* já era produtivo na escrita mineira, desde a segunda metade do século XIX (1850) até a segunda metade do século XX (1989). Com base na pesquisa realizada por Lopes e Cavalcanti (2011), conjectura-se que, no final do século XX e início do XX, o subsistema tratamental de *você* na posição de sujeito já era produtivo na escrita mineira.

O *corpus* utilizado é composto por 89 cartas mineiras escritas entre 1850 e 1989, trocadas entre amigos e familiares. Nesse conjunto de missivas, foram identificados 226 dados que se distribuem em 84% (189 dados) de *você*, 12% de *tu* (28 dados) e do *Vossa Mercê* ocorreram 4% (9 dados).

Ao analisar o percurso do *você*, o estudo mostra que, entre 1850 e 1879, coexistem apenas o *Vossa Mercê* com 60% (9 dados) e com o *você* 40% (6 dados), sem nenhuma ocorrência de *tu*. Nas duas primeiras décadas do século XX (1900-1929), não é realizada nenhuma ocorrência do *Vossa Mercê*, ficando a variação estabelecida pelas variantes *você* e *tu*.

Seguindo a mesma estratégia utilizada com os dados cariocas, os dados mineiros também são organizados especificando as três fases do comportamento das estratégias de referência à segunda pessoa:

- i. de 1850 a 1879: variação apenas entre *Vossa Mercê* e *você*, sem a presença de *tu*;
- ii. de 1890 a 1930: presença tímida de *tu* ao lado de *você* majoritariamente (acima de 80%) em quase todo o período, com exceção de um pico *tu* nos anos de 1930;
- iii. de 1940 a 1989: o *você* suplanta o *tu* com 100% de frequência no final do século.

Com base nesses dados, o estudo confirma que o *você* é de maior produtividade na referência à segunda pessoa do discurso, mesmo nem sempre sendo a única estratégia, como

foi nas últimas cartas a partir de 1940. Assim, haja vista ser vigente na fala mineira contemporânea, como já discutido por Lopes e Cavalcante (2011) e conforme Sherre *et al.* (2009), os resultados anunciam o surgimento do *você* suplantando o *Vossa Mercê* e, posteriormente, o *tu*. Ademais, o estudo comprova que o nível da variação *tu/você* já apontava para a atual prevalência de *você* entre os mineiros.

Em se tratando das relações sociais, o estudo mostra que o *você* era utilizado tanto pela elite quanto por anônimos mineiros. Dessa maneira, compreende-se que, ainda que o *você* viesse sendo empregado, desde o século XIX, no interior da elite letrada brasileira, já se havia disseminado no uso doméstico de mineiros letrados (LOPES; MACHADO, 2015). O mesmo ocorreu com os escreventes menos ilustres das cartas mineiras. O estudo mostra que o *você*, no Brasil oitocentista, conservava traços de formalidade herdadas da forma nominal *Vossa Mercê*, que, aos poucos, foi se perdendo para a expressão atual da semântica da Solidariedade, ou seja, para uma forma mais habitual e menos cerimoniosa.

- São Paulo

O estudo realizado com as cartas paulistas teve por objetivo analisar a inserção do *você* na elite do Estado. Desta forma, as cartas foram trocadas entre familiares e amigos nas famílias mais abastadas paulistas entre os anos de 1870 a 1939. O *corpus* é constituído por 67 cartas, que foram extraídas do *corpus* do *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP).

A partir da análise dos dados, foram obtidos 148 dados para a segunda pessoa do singular. Esses dados se distribuem de forma bem equilibrada, sendo 41% (60 ocorrências) de *tu* e 46% (68 ocorrências) de *você*, o restante do percentual corresponde às formas tratamentais empregadas (*Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *o/a senhor(a)*). O estudo ainda mostra que além das duas variantes estudadas, os remetentes utilizaram *o/a senhor(a)*, *vossa senhoria* e *vossa excelência*, em posição de sujeito.

O estudo apresenta uma conservação do pronome *tu*, principalmente na década de 1890 (1890 a 1899), em que o *tu* suplantou o *você*. No entanto, Lopes *et al.* (2018) explicam que esse dado pode estar associado ao fato de, nessa década, ter apenas duas missivas de dois remetentes, sendo que um deles residiu por muito tempo no Rio de Janeiro. Nas demais décadas, os dados se apresentam de forma bem equilibrada, principalmente a partir de 1900.

Outro dado interessante é que 100% das ocorrências da variante *tu*, em posição de sujeito, são realizadas de forma nula, ao passo que 84% das ocorrências de *você* são realizadas

de forma plena. O estudo também apresenta a classificação das cartas quanto à simetria do tratamento e mostra que, dos 148 dados, 36 (24%) foram retirados de cartas que apresentavam uso exclusivo de *você* e 28 dados (19%) de cartas que apresentavam uso exclusivo de *tu*, o restante do percentual corresponde às formas tratamentais empregadas (Vossa Excelência, Vossa Senhoria, o/a senhor(a)). E, por fim, 33% desses dados estavam em carta de simetria mista. Em conclusão, o estudo mostra que o *você* apresenta um uso majoritário ao longo do tempo, compreendido como estratégia neutra presente na maioria das relações sociais.

- Santa Catarina

As motivações e hipóteses apresentadas nesse estudo no Estado de Santa Catarina têm como fonte teórico-metodológica os trabalhos realizados por Ramos (1980), Loregian (1996) Loregian e Penkal (2004), Rocha (2012), Davet (2013), que são considerados pioneiros, principalmente, os dois primeiros, no estudo da variação da segunda pessoa do singular.

Esse estudo buscou explicar, com base nesses trabalhos, o trajeto realizado pelo *você* desde a sua entrada no sistema comunicativo/interacional em Santa Catarina. Nesse sentido, os dados coletados pertencem a correspondentes ilustres e não ilustres, para verificar se o grau de letramento interfere na escolha das variantes.

As cartas dos remetentes ilustres totalizam o número de 37, que se distribuem em 20 cartas de amor e de amizade escritas no século XIX e 17 cartas de amizade escritas no século XX. Essas missivas foram escritas por quatro remetentes. Lopes *et al.* (2018) reforçam que a escrita de pessoas ilustres nem sempre corresponde à escrita das demais pessoas, uma vez que o grau de letramento desses indivíduos é mais alto.

Dessas 37 cartas, foram obtidos 223 dados das formas de segunda pessoa do singular. Esse total se distribui em 215 dados de *tu* e 8 dados de *você*. Ao realizar o cruzamento entre as variáveis posição de sujeito e período em que as cartas foram escritas, percebe-se que, nas duas últimas décadas do século XIX, não há ocorrências da forma *você*. Lopes *et al.* (2018) dizem que, embora não se tenha ocorrências no *corpus*, não se pode dizer que o *você* ainda não existia nessa região. O estudo cita como comprovação o trabalho realizado por Nunes de Souza (2011), que analisou peças teatrais escritas por florianopolitanos entre os séculos XIX e XX. Nesse estudo, há ocorrências do *você* em falas de personagens, principalmente em relações assimétricas descendentes. Na primeira metade do século, são registradas 3 ocorrências, e, na segunda metade, há 13 ocorrências.

O estudo com os remetentes ilustres mostra também a predileção p

elo sujeito nulo. O que corrobora estudos tais como o de Duarte (1993, 1995), os quais mostram o pronome nulo como a estratégia preferida em detrimento do pronome expresso no século XIX. Lopes *et al.* (2018) apresenta o seguinte exemplo para ilustrar esse dado:

(4) [19,2 CP SC] *Se o juramento que me fizeste dentro da igreja é sagrado e se pensas n'elle com amor, eu creio em ti para sempre, em ti que és hoje a maior alegria da minha vida, a unica felicidade que me consóla e que me abre os braços com carinho.*

Nesse sentido, o estudo revela que a presença de um pronome sujeito implica ênfase contrastiva e a sua omissão, neutralidade. O exemplo a seguir ilustra o pronome expresso na função de foco contrastivo:

(5) [19,2 CP SC] *Só tu és merecedôra de que eu te ame muito, como te amo, muito, muito, e cada vez mais, com mais firmeza, sempre fiél, sempre teu escravo bom e agradecido, fazendo de ti, minha estrella, a esposa santa, adorada companheira dos meus dias.*

De acordo com os trabalhos que embasam esse estudo, Lopes *et al.* (2018) dizem que é a partir de 1930 que o *você* passa a ser a estratégia de segunda pessoa mais utilizada. É também a partir dessa data que a realização do sujeito passa a ser de sujeito expresso. No entanto, no final do século XX, há o predomínio do pronome *tu* em posição nula.

Nas cartas dos remetentes não ilustres, há 34 cartas e 3 bilhetes escritas por 13 remetentes distintos. O *corpus* é dividido em 16 cartas escritas na cidade de Florianópolis e 18 cartas e 3 bilhetes escritas na cidade de Lages. Nessas duas cidades, os dados se apresentam em oposição: em Florianópolis, dos 112 dados, 65% (73 dados) são da variante *tu* e em Lages, dos 92 dados, 83% (77 dados) são da variante *você*. Os dados também mostram que nas duas localidades o *você* apresenta o maior percentual de pronome sujeito expresso (56% em Florianópolis e 66% em Lages) em relação ao *tu*.

Algo interessante que o estudo também apresenta é que apenas dois remetentes redigem cartas com uma única simetria, um com *tu* exclusivo e outro com *você* exclusivo. Os demais utilizam a simetria mista. Desta forma, o estudo aponta um quadro bem instável na variação para a segunda pessoa do singular. Os remetentes ilustres conservam o pronome *tu* nulo em Florianópolis e o uso variável do pronome *tu* nulo e do *você* expresso pelos

remetentes não ilustres. Na comparação das duas localidades, é observada uma variação diatópica em que os remetentes não ilustres de Florianópolis conservam o *tu* nulo e os remetentes não ilustres de Lages favorecem o *você* expresso.

- Bahia

O estudo realizado por Lopes *et al.* (2018) na Bahia analisa 383 cartas presentes em diferentes *corpora*. As cartas foram escritas entre os séculos XIX e XX (de 1810 a 1990) e foram extraídas da Coleção de Cartas Brasileiras⁴⁴. As missivas foram retiradas de diversos acervos para selecionar somente as cartas redigidas por baianos, bem como para definir o grau de escolaridade dos remetentes. Nesse sentido, as cartas são de remetentes ilustres com alto grau de escolaridade, de remetentes semicultos, de áreas rurais da Bahia e, ainda, de remetentes semipopulares e populares.

No *corpus* foram identificados 838 dados de formas em referência a segunda pessoa na posição de sujeito. Ao contrário do que foi apresentado nos outros estados, nas cartas baianas, a polarização deu-se entre o *Vossa Excelência* (47%) e a forma *você* (41%). O pronome *tu*, por sua vez, apresentou apenas 6 dados, correspondendo a um percentual de 1% no *corpus*. Os poucos dados foram realizados de forma nula em contextos de intimidade e solidariedade em relações de amigos e casais, como mostra o exemplo a seguir retirado de uma carta de casal:

(6) [20,2 CP BA] Bem *sabis* que é a maior representante de minha vida?

Por se tratar de relações sociais, o estudo mostra que o *você* é utilizado nas relações simétricas e nas assimétricas descendentes. Segundo Lopes *et al.* (2018), já que o *você* está em contexto de variação com formas mais cerimoniosas, ele parece ter entrado no sistema pronominal por relações assimétricas descendentes e simétricas. Além disso, o *você* é utilizado em relações mais solidárias. Em relação ao preenchimento do sujeito, o estudo mostra que as formas de tratamento de base nominal são preferencialmente realizadas de forma plena; em contrapartida, 100% das ocorrências de *tu* são na forma nula.

- Pernambuco

⁴⁴ Essas cartas fazem parte do *corpus* do PHPB.

O estudo realizado em Pernambuco utilizou 123 cartas pertencentes a Fundação Joaquim Nabuco⁵, em Recife. As cartas foram escritas entre os séculos XIX e XX (entre os anos de 1869 a 1969) trocadas entre amigos, familiares e casais considerados remetentes ilustres. No *corpus*, foram identificadas 349 ocorrências das formas de tratamento, sendo a polarização contida pelas variantes *você* 80% (279 ocorrências) e *tu* 18% (64 dados). As formas de base nominal *Vossa Mercê* e *o/a senhor(a)* apresentaram um percentual de 1% cada na amostra. Importa destacar que essas ocorrências foram registradas em contextos de maior formalidade em relações assimétricas ascendentes.

Assim como no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, é possível identificar três fases do percurso do *você* no *corpus*:

- i. de 1870 a 1899: *tu* era mais frequente que *você*;
- ii. de 1900 a 1929: *tu* e *você* em plena variação;
- iii. de 1930 a 1989: predomínio de *você* sobre o *tu*.

Algo interessante revelado pelo estudo é que o *você* apresenta um comportamento híbrido, tendo um percentual acima de 60% na maioria das relações observadas. Lopes *et al.* (2018) afirmam que esse fator pode ter contribuído para a generalização do *você* no Português Brasileiro (PB). No *corpus*, foi identificado um *você* que ora é empregado como forma de intimidade, como em uma carta de mãe para filha (7), ora para demarcar respeito, como na carta de filho para mãe em (8), solicitando dinheiro para custear a estadia na Bahia enquanto cursava medicina.

(7) [19,2 CP PE] *Minha Filha / Todos os dias espero receber carta sua perguntei a j. disce ele q' voce a muito não escreve a ele q' já se esqueceo de escrever não basta o cuidado q' tenho em E.. [...]*

(8) [20,1 CP PE] *Minha querida mamãe [...] Não podia você mandar me na segunda-feira, alguma cousa em carta não registrada? Seria um bom allivio para mim e estou bem certo não seriagrande transtorno para você, pois se estivesse ahi, você me dando 200 diarios e 1000 semanaes, só me tinha dado 6.800, quantia inferior*

⁵ Essa fundação tem por objetivo preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco, com foco nas regiões Norte e Nordeste.

ao que me tem mandado. Já que sobre matéria de dinheiro, não lhe estou dando grandes prejuízos.

Conforme Lopes *et al.* (2018), embora o *você* tenha se mostrado majoritário na maioria das relações sociais no recorte temporal do *corpus*, em alguns períodos, a variação *tu/você* foi bem acirrada, a saber, em fins do século XIX (1870) e início do século XX (1900-1910). O estudo mostra que o emprego de *tu* era sociopragmaticamente motivado, ocorrendo eventualmente nas relações assimétricas descendentes, mas solidárias. Nas relações simétricas entre amigos, foi identificado esse emprego nas últimas décadas do século XIX (1870-1899) e nos anos de 1920, quando o pronome *tu* perdeu efetivamente espaço para o *você*.

- Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, foram analisadas 304 cartas de amigo, de família e de casal escritas durante o século XX, pertencentes ao Projeto *Para a História do Português Brasileiro* no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). A partir da análise, foram identificadas 892 ocorrências de formas de referência à segunda pessoa. Esse total de ocorrências está dividido em 84% (756 ocorrências) do *você* em disputa com 9% (86 ocorrências) do pronome *tu*, e 5% (50 dados) de *a senhora*. As ocorrências de *a senhora* foram realizadas por um missivista que endereçava cartas à sua mãe durante o período de 1943-1944.

Esse estudo realizado por Lopes *et al.* (2018) corrobora os resultados encontrados por Moura (2013), nos quais se evidencia que, no Rio Grande do Norte, o *você* já é bastante produtivo no início do século XX (1910-1920). O *você* é mais produtivo em quase todas as décadas, com exceção das décadas de 1940 (69 ocorrências de *tu*, em 113 dados) e 1950 (9 ocorrências de *tu*, em 9 dados).

Lopes *et al.* (2018) explicam que essas ocorrências foram registradas em cartas de casal quando da demarcação do início do relacionamento. Uma observação interessante que o estudo apresenta é que o missivista deixa de utilizar o *tu* após o casamento, em 1947. De acordo com a pesquisa, cujo *corpus* são cartas de amor, o casal passa a trocar cartas familiares abordando questões domésticas e organização da família.

Apesar de haver essas ocorrências de *tu* nas cartas de amor, o *você* mostrou-se muito produtivo nos demais subgêneros analisados: cartas de amigos (451/453 – 99%), de amor (274/348 – 78%) e de família (31/41 – 75%). O *tu* apresenta aumento de ocorrências com percentuais de 21% em cartas de amor e de 24% em cartas de família. Segundo Lopes *et al.*

(2018), esses resultados corroboram outros estudos sociolinguísticos que em que se constata que o *tu* é produtivo em relações simétricas mais íntimas. Contudo, esse estudo realizado no Rio Grande do Norte evidencia que o *você* é mais produtivo que o *tu* em todo o percurso do século XX.

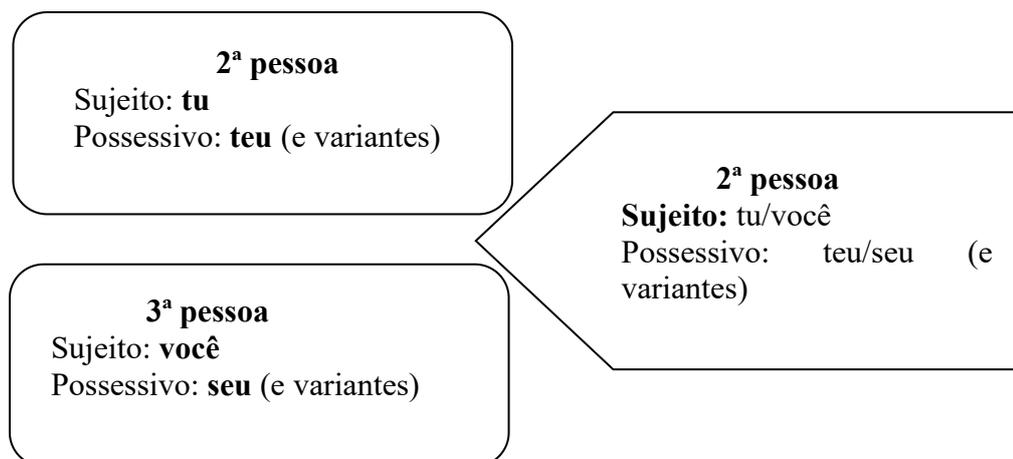
Na conclusão desse estudo, Lopes *et al.* (2018, p. 138-140) elencam:

- a. Em todas as regiões analisadas as formas *tu* e *você* foram registradas;
- b. de forma geral, registrou-se uma perda gradativa do pronome *tu* em relação a nova forma gramaticalizada *você*;
- c. o uso de *tu* foi registrado em relações assimétricas descendentes e/ou em relações simétricas mais solidárias nas cartas;
- d. a forma *você* apresenta um comportamento polifuncional sendo ocorrente em todos os tipos de relações simétricas e assimétricas, inicialmente com a semântica do poder e posteriormente no plano da solidariedade;
- e. em Santa Catarina, é evidenciada uma variação diatópica, influenciada pela sócio-história de formação do estado ao comparar os resultados dos falantes de Florianópolis e Lages;
- f. nos estudos realizados em RJ, SP, SC, BA e RN, ao controlar o preenchimento do sujeito, foi observado que o *tu* é mais realizado de forma não preenchida e o *você* é mais ocorrente de forma explícita;
- g. na amostra do Rio de Janeiro, embora apresentando produtividade limitada, já há registros de *tu* sem marca de concordância verbal canônica;
- h. na amostra do RJ e de PE, foi observado que a partir de 1940 o *você* passa a ser empregado de forma mais generalizada nas relações sociais;

Após esse estudo, Lopes *et al* (2018), ao analisar os impactos da gramaticalização das novas formas pronominais, diz que a inserção do *você* no sistema pronominal também possibilitou alterações nos subsistemas, como é o caso do possessivo de segunda pessoa, que para Lopes *et. al.* (2018, p. 177-178) data do “momento em que [o] *você* passa a fazer parte do terreno de intimidade que o possessivo *seu*, original de *você*, passa a coexistir com o possessivo *teu*, original do pronome de intimidade *tu*”, projetando um novo quadro no PB.

Devido ao advento desse novo paradigma, observamos novas possibilidades de uso do possessivo referente à segunda pessoa, como demonstra o esquema abaixo:

Figura 1: Novo quadro pronominal do Português Brasileiro



Fonte: Adaptado de Lopes *et. al.* (2018, p. 147)

Após essa contextualização, na próxima seção, apresentamos uma análise de como o subsistema de posse no Português é tratado em gramáticas brasileiras. Nosso interesse é fazer uma descrição dos registros de variação de usos dos pronomes *teu/tua/seu/sua* e verificar se há menções do *você* como pronome pessoal.

2.2 O *você* e *teu/seu/tua/sua* em gramáticas do português

No latim, a indicação de posse é realizada pelos possessivos que se referem ao caso genitivo. Este corresponde, no português, à função de adjunto adnominal restritivo que é o complemento que restringe um nome. Segundo Almeida (1951), no português, ao utilizarmos uma frase como “*Casa de Pedro*” e atribuirmos o complemento *de Pedro* a palavra *casa*, estamos restringindo a possibilidade de essa palavra ter qualquer outro referente como possuidor.

Nesse sentido, *de Pedro*, ao mesmo tempo em que completa o sentido de *casa*, está restringindo, está especificando este nome. Almeida (1951) afirma que o adjunto adnominal restritivo vem sempre acompanhado da preposição *de*. No entanto, não se configura como regra que a preposição indique sempre um adjunto restritivo, embora ela sempre anteceda o adjunto e geralmente indique posse.

Iniciando a análise do que as gramáticas do português dizem sobre os pronomes possessivos, apresentamos o que é dito por Said Ali (1969) a respeito desses pronomes. Said Ali (1969, p. 63) define o pronome como “a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. Os pronomes possessivos são definidos,

pelo autor, como aqueles que designam posse em relação às três pessoas do discurso. A seguir, reproduziremos o quadro no qual o autor representa o paradigma dos pronomes pessoais e possessivos:

Quadro 1: Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos

	Formas de Sujeito	Possessivos
Singular 1ª Pessoa	Eu	meu, minha, meus, minhas
2ª Pessoa	Tu	teu, tua, teus, tuas
3ª Pessoa	Êle, Ele	seu, sua, seus, suas
Plural 1ª Pessoa	Nós	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª Pessoa	Vós	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª Pessoa	Eles, Elas	seu, sua, seus, suas

Fonte: Said Ali (1969, p. 62-63)

Said Ali (1969) faz três observações a respeito do quadro apresentado: a primeira diz respeito ao pronome *tu* no paradigma pronominal, que, de acordo com o autor, é mais frequente no trato familiar em que ocorre muita intimidade e liberdade, o que nem sempre existe em outras relações. Para o autor, no português brasileiro, o pronome *tu* está perdendo a sua posição para a forma *você*.

Esse fato também faz com que o pronome *vós* se torne obsoleto, e essa é a segunda observação feita pelo autor, já que o plural de *tu* e de *você* passa a ser marcado pela forma *vocês* e não mais pelo pronome *vós*. A terceira observação aponta para o traço de a forma *seu* referir-se tanto a terceira pessoa do singular quanto à terceira do plural. Said Ali (1969), portanto, afirma que esse possessivo é atribuído em referência à pessoa com quem se fala: é referente ao *você*, ao *senhor*, à *vossa senhoria*, etc.

Rocha Lima (1983) apresenta para os possessivos a mesma definição proposta por Said Ali. Em relação ao paradigma desses pronomes, em sua gramática, é apresentado apenas o paradigma tradicional normativo (*meu, teu, seu, nosso, vosso, seu*). O autor menciona brevemente a forma *você(s)* como ocorrente no tratamento familiar, no entanto, não faz qualquer menção ao pronome possessivo *seu* na segunda pessoa ou a forma *dele* como possessivo de terceira pessoa.

Para Bechara (2002, p. 162), “os pronomes são a classe de palavras categoremáticas, que reúne unidades em número limitado e que se referem a um significado léxico pela situação ou por palavras do contexto”. O gramático utiliza o termo *categoremática* porque essa classe apresenta, geralmente, apenas um significado categorial, não é representante de nenhum elemento extralinguístico e sua função é exercida intralinguisticamente como dêixis, ou seja, refere-se a algo de forma catafórica ou anafórica. O linguista nos diz que essa característica do pronome nos permite considerá-lo como “formas sem substância”, pois esta concerne ao conteúdo lexical que é verificável em outras classes de palavras: nos nomes, por exemplo. Consideremos as seguintes palavras como exemplo:

- (a) “casa”, “lápis”, “cachorro”
- (b) “ele”, “dele”, “isso”.

Podemos notar que as três palavras apresentadas em (a) possuem como referente um objeto ou um ser que existe no mundo extralinguístico, diferentemente do que ocorre em (b), em que seus elementos, obrigatoriamente, irão se referir a um nome ou a um evento, a uma pessoa localizada no discurso, como os apresentados em (a). Enquanto pronomes, os exemplos em (b) não apresentam independência referencial, pois tal independência só seria obtida a partir da substância que, nesse caso, só os nomes possuem. Em outras palavras, os nomes possuem conteúdo lexical, já os pronomes são mais funcionais/gramaticais.

Assim como Said Ali e Rocha Lima, Bechara (2002, p. 166) define os pronomes possessivos como aqueles que encerram ideia de posse em relação às três pessoas do discurso: 1ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante); 2ª *tu* (correspondente ao ouvinte); e a 3ª *ele*, pessoa indeterminada, que não corresponde nem ao falante nem ao ouvinte.

Embora a gramática tradicional defina o pronome possessivo, simplesmente, categoria pronominal que indica ideia de posse em relação às três pessoas do discurso, nota-se que essa é a função mais básica exercida pelo possessivo. Nesse sentido, conforme Bechara (2002, p. 183), o possessivo também pode exercer outras funções, tais como:

- a. Indefinição;

Ex. “É verdade que a gente, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo”

- b. Aproximação numérica e

Ex.: “Nessa época, tinha *meus* quinze anos.”

c. Portador de valores afetivos;

Ex.: O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR. 4, 206, apud Bechara, grifos nossos].

A respeito do uso do possessivo *seu* como referente à segunda pessoa do singular, Bechara diz que tal deslocamento só ocorre em contextos nos quais são empregadas as expressões de tratamento do tipo *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, mas não faz nenhuma menção ao *você*. Para evitar a ambiguidade causada pelo possessivo *seu* que ora pode estar como terceira pessoa, ora como segunda, o gramático afirma que como solução utilizam-se das formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, do senhor, etc, ao invés de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*.

Em sua *Gramática de Usos do Português*, Maria Helena Neves (2000) postula os elementos tradicionalmente chamados possessivos como aqueles que estabelecem um tipo de referência pessoal. Ao utilizar um possessivo como determinante do nome, há sempre uma 3ª pessoa em relação com outra, que, por sua vez, pode ser a 1ª, a 2ª ou a 3ª, sendo a própria forma possessiva responsável por essa diferenciação.

POSSESSIVO	SUBSTANTIVO
1ª/2ª/3ª pessoa	3ª pessoa

Ex.:

1ª e 3ª: Todas as MINHAS predileções vão para o passado.

2ª e 3ª: Tenho a TUA ficha!

3ª e 3ª: Cada país tem SEU uso, cada roca tem o SEU fuso.

Dessa forma, a autora evidencia que a relação expressa nas construções possessivas é, pois, uma relação bipessoal. Neves ainda afirma que há cinco possessivos para referência às três pessoas gramaticais do singular e do plural. Para o singular: *meu*, *teu*, *seu*; e para o plural: *nosso*, *vosso*, *seu*.

Ao considerar a forma inovadora *você* como pronome pessoal, a linguista ressalta, assim como Said Ali, que as formas de terceira pessoa, *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, (o mesmo ocorre com outros pronomes), podem referir-se à segunda pessoa, à pessoa com quem se fala, se o pronome escolhido para referência for *você*, ou um pronome de tratamento, como *vossa senhoria*, *vossa excelência*.

A expressão da relação possessiva pode ser operada não apenas pelo elemento formalmente possessivo, mas também por expressões que nos ajudam a identificar melhor a pessoa do possuidor e o gênero do possuidor. Vejamos a seguir tais expressões postuladas por Neves (2000, p. 473):

- De + substantivo,

Exemplo: Previa muita coisa, menos aquela fraqueza *DE SÍLVIO*. (A)

- De + pronome pessoal de 3ª pessoa, ou

Exemplo: Agora Candinho quase não conversa comigo. Fico falando sozinha no jantar só para distrair a cabeça *DELE*, o médico disse que é bom. (AF)

- De + pronome de tratamento (aqui incluída a forma *você*).

Exemplo: Olha que eu boto a boca no mundo e sei os podres de todos, *de você* e de seus amigos. (BB)

Como Neves (2000), Castilho (2010) define os possessivos como uma classe que estabelece uma relação entre um possuidor e uma coisa possuída. O participante *possuidor*, expresso pelo especificador possessivo, distribui-se pelas três pessoas do discurso.

Para o autor, a migração das formas de 3ª pessoa para a de 2ª foi resultado do enfraquecimento dos pronomes *teu* e *vosso*, que deixaram uma casa vazia na 2ª pessoa do quadro pronominal, como observado por Perini (1985). E, segundo Castilho (2010), a colocação dos possessivos no sintagma nominal pode ocorrer numa posição pré-núcleo não marcada, e numa posição pós-núcleo marcada, enfática. Para o autor, essa é mais uma propriedade que os possessivos compartilham com os demonstrativos:

Exemplo: Meu filho/seu filho não anda por aí em más companhias. Filho meu/filho *seu* leva as coisas a sério.

O gramático postula que a regra variável de colocação dos possessivos ocorre apenas com as formas da P1 e da P2. A forma possessiva de P3⁶ propõe-se categoricamente, ou seja,

⁶ As formas P1, P2 e P3 correspondem às três pessoas do discurso.

são utilizadas espontaneamente sem gerar dúvidas no falante. Os sintagmas nominais especificados por possessivos se constituem numa realidade semanticamente complexa, em que o substantivo remete a um referente, privativamente da 3P, ao qual atribui o papel semântico de /possuído/, enquanto o possessivo remete a qualquer uma das pessoas gramaticais, atribuindo-lhes o traço de /possuidor/.

Isso quer dizer que o possessivo é um operador dêitico que seleciona dois escopos, sendo um textual, referencial, e outro contextual, que são as pessoas do discurso. Os dois processos semânticos são simultâneos. Atuando como um fórico, os possessivos contribuem para a coesão do texto, assinalando a continuidade do tópico textual.

Na última gramática analisada, de cunho prescritivo, Cunha e Cintra (2017), em sua *Gramática do Português Contemporâneo*, postulam que “os pronomes possessivos acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 227).

Além disso, os gramáticos postulam que os possessivos podem apresentar três séries de formas, a depender da pessoa a que se referem. Tais formas vão variar de acordo com o gênero e número da coisa possuída, e com o número de pessoas representadas no possuidor.

Após esses postulados, Cunha e Cintra (2017) apresentam atribuições dos possessivos já citadas por outras gramáticas aqui apresentadas, principalmente as de Bechara (2010), a exemplo, o emprego ambíguo do possessivo *seu* de 3ª pessoa, o uso do possessivo para expressar valores como aproximação numérica, a posição que o pronome pode assumir em relação ao substantivo possuído, designar um hábito, ou até expressar valores afetivos como intimidade, simpatia, ironia, entre outros.

Os gramáticos também comentam sobre a concordância dos possessivos, considerando que estes concordam “em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e em pessoa, com o possuidor do objeto em causa” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 228).

Podemos observar que em todas as formas apresentadas sempre haverá uma entidade possuída que se relaciona com outra entidade que a possui. Postas essas informações, passemos ao que as gramáticas dizem a respeito do subsistema dos possessivos. Nos quadros a seguir, apresentamos os resultados de uma análise entre gramáticas normativas-prescritivas: Said Ali (1969), Rocha Lima (1983), Bechara (2002); Cunha e Cintra (2017) e gramáticas descritivo-funcionalistas: Neves (2000) e Castilho (2010), em que observamos como são apresentados o pronome *você*, e os possessivos *seu* e *dele*:

Quadro 2: Os pronomes *você*, *seu* e *dele* em gramáticas prescritivas.⁷

Gramáticas Normativas-prescritivas	<i>Você</i> como pronome de tratamento	<i>Seu</i> como 3 ^a pessoa (referência a pronome de tratamento)	<i>Dele</i> 3 ^a Pessoa
Said Ali (1969)	✓	✓	Não menciona
Rocha Lima (1983)	✓	✓	Não menciona
Bechara (2002)	Não menciona	✓	✓
Cunha e Cintra (2017)	Não menciona	✓	✓

Fonte: o autor (2023)

Quadro 3: Os pronomes *você*, *seu* e *dele* em gramáticas descritivas⁸.

Gramáticas- Descritivas Funcionalistas	<i>Você</i> como pronome de tratamento	<i>Seu</i> 3 ^a como pessoa (referência a pronome de tratamento)	<i>Dele</i> 3 ^a Pessoa
Neves (2000)	✓	✓	✓
Castilho (2010)	✓	✓	✓

Fonte: o autor (2023)

Das seis gramáticas analisadas, apenas duas de cunho normativo-prescritivo apresentam a forma *você* como pronome de tratamento. O possessivo *seu* é apresentado como em referência à terceira pessoa e apenas Bechara (2002) menciona o possessivo *dele* em referência à terceira pessoa. Tais gramáticas expõem o quadro canônico para os pessoais e possessivos, bem como definem os possessivos como aqueles que realizam a ideia de posse em relação às três pessoas do discurso.

Por outro lado, nas gramáticas de cunho descritivo-funcionalista, os possessivos são classificados como referentes e caracterizados por estabelecerem uma relação bipessoal. A forma *você* é considerada como pronome pessoal, o possessivo *seu* como de segunda pessoa

⁷ As gramáticas normativas prescritivas, em sua essência, postulam as regras gramaticais, ou seja, ditam como devemos utilizar a língua portuguesa.

⁸ As gramáticas descritivas funcionalistas possuem como objetivo descrever como a língua é produzida por seus falantes em atos reais de fala.

ao lado de *teu* e o possessivo *dele* como em referência à terceira pessoa. Nota-se que, nessas gramáticas, é considerado o processo de inserção, migração e gramaticalização de tais formas.

Vale ressaltar que essa análise é apenas para expor o que as gramáticas dizem sobre as funções e as definições dos pronomes possessivos e não para despontar julgamentos/apreciações analíticas. De toda forma, é consensual as gramáticas prescritivas em suas abordagens serem mais restritivas e conservadoras em relação às descritivas.

Ao analisarmos as gramáticas, em Castilho (2010), é apresentado um postulado interessante que, inclusive, já foi abordado por Perini (1985). Aquele, ratifica-se, diz que a migração das formas de 3ª pessoa para a de 2ª é resultado do enfraquecimento de *teu* e *vosso*, que deixou uma casa vazia na 2ª pessoa do quadro pronominal.

Retomando essa ponderação, revisitamos também o estudo de Perini (1985), em que ele apresenta uma discussão sobre o sistema pronominal do português coloquial nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo, e outras áreas das regiões Norte e Sul do país.

No quadro abaixo, Perini (1985) apresenta a correlação entre os pronomes pessoais em (1), os possessivos descritos no português padrão em (2)⁹ e os possessivos da região central do país em (3):

Quadro 4: O sistema pronominal em diferentes regiões do Brasil

Pessoas do discurso	(1) Pronomes Pessoais do Português coloquial ou do padrão.	(2) Pronomes possessivos associados aos pronomes pessoais referentes ao português padrão.	(3) Sistema de possessivos para o português coloquial da região central do país.
Singular 1ª pessoa	Eu	Meu	Meu
2ª pessoa	Você	Seu	Seu
3ª pessoa	ele/ela	Seu	Dele
Plural 1ª pessoa	Nós	Nosso	Nosso
2ª pessoa	Vocês	Seu	de vocês
3ª pessoa	eles/elas	Seu	Deles

Fonte: Perini (1985)

O deslocamento do possessivo *seu* para a 2ª pessoa do singular criou uma ambiguidade, sendo ele ora de 2ª pessoa ora de 3ª. Para solucionar esse problema, foi criada a construção genitiva *de + ele = dele* para a terceira pessoa. A partir da análise do quadro

⁹ Vale ressaltar que o autor considera o português padrão como a variedade formal, geralmente, escrita da língua que é muito uniforme em todo o território.

proposto por Perini (1985), notamos que o seu estudo apresenta uma situação de estabilidade para o quadro pronominal na região central do Brasil.

De acordo com este linguista, como vemos no quadro 4, o *you* suplantou o *tu* e o *you*s suplantou o *vous*. O possessivo *seu* passou a ser utilizado unicamente na segunda pessoa (2P) e o genitivo *dele* na terceira pessoa (3P). A construção genitiva *de you*s é utilizada na 2P do plural e *deles* na 3P¹⁰ do plural. Embora esse seja o possível resultado para o quadro pronominal, em várias regiões do Brasil ainda se encontram contextos de variação em que a mudança ainda não foi consolidada.

Com base nesses dados, podemos observar que as gramáticas brasileiras de cunho normativo-prescritivo apresentam um ideal, uma proposta que não se consolida no uso real da língua portuguesa. Não nos é apresentado a forma de possessivo *de you*s, ao invés de *vosso*, como também *dele/dela*, em confluência com *seu/sua*.

Outro ponto, em que a distribuição dos possessivos nas gramáticas tradicionais diverge do uso coloquial da língua portuguesa, é o fato de não apresentar a variação ocorrente no âmbito da segunda pessoa do singular. Nessas gramáticas, é feita a distinção do possessivo *teu* como referente à segunda pessoa e *seu* como referente unicamente a terceira pessoa do singular e do plural.

De acordo com estudos de Perini (1985) e Soares (1999), no português brasileiro contemporâneo, o quadro dos pronomes pessoais e possessivos apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 5: Os pronomes possessivos no português brasileiro¹¹

Pessoa/Número	Pronomes Pessoais	Pronomes possessivos
1ª Singular	Eu	Meu, Minha, Meus, Minhas
1ª Plural	Nós	Nosso, Nossa, Nossos, Nossas
2ª Singular	Tu/Você	Teu/Seu, Tua/Sua, Teus/Suas, Tuas/Tuas, de você ¹² , do senhor
2ª Plural	Vous	Seu, Sua, Seus, Suas, de vous
3ª Singular	Ele/Ela	Seu/Dele, Sua/Dela
3ª Plural	Eles/Elas	Seus/ Deles, Suas/Delas

Fonte: adaptado de Soares (1999).

¹⁰ As formas 1P, 2P e 3P correspondem às três pessoas do discurso.

¹¹ Com base no estudo de Soares (1999).

¹² Sabe-se que o emprego da forma possessiva *de você* não é tão frequente, chegando a um percentual de 2% (GUEDES, 2014).

No quadro acima, colocamos o pronome *você* ao lado de *tu* por ele ainda ser produtivo em algumas regiões do Brasil, como exemplo, o Nordeste. Diferente da estabilidade apresentada por Perini (1985), Soares (1999) identificou que os possessivos ainda apresentam contextos de variação entre o uso coloquial e as formas tradicionais da gramática normativa.

A partir da análise do quadro, podemos observar que, no paradigma de segunda pessoa do singular, há a variação dos pronomes pessoais *tu/você*; para indicar posse tem-se as formas *teu, seu, de você e do senhor*. Para a terceira pessoa do singular e do plural, tem-se os possessivos *seu/dele*; para a segunda pessoa do plural, tem-se o *vocês*, que suplantou o *vós*, o possessivo *seu* e a construção genitiva *de você* para indicar posse.

Com relação à indicação de posse na língua latina, em comparação à língua portuguesa, há algumas diferenças evidentes. Para Bechara (2002) e Neves (2000), no português, a indicação de posse apresenta um maior número de possibilidades em relação à língua latina, podendo ser indicada por: (1) estruturas nominais mediante o emprego de possessivos, *teu livro*; (2) frases prepositivas com valor genitivo formadas por *de + substantivo, de + pronome pessoal, de + pronome de tratamento, o livro de Maria, o livro dela, o livro da senhora*; (3) por meio de pronomes relativos possessivos, *Pedro, cujo livro*¹³; e (4) mediante verbos que a indiquem, *Laura tem um livro, Laura possui um livro*.

Na próxima seção, apresentamos um levantamento bibliográfico dos estudos já realizados acerca da variação os possessivos *teu* e *seu*.

2.3 Sobre a variação do subsistema pronominal de posse

De acordo com Oliveira e Silva (1982), após a inserção do *você* no quadro pronominal, o pronome possessivo *seu*, que formalmente se referia à terceira pessoa do singular e terceira do plural, passa a ser encontrado em contextos de segunda pessoa. Com essa mudança, ocorre uma instabilidade quanto ao uso do possessivo *seu* que ora se refere à terceira pessoa do singular, estando em confluência com *dele*, ora se refere à segunda pessoa do singular, estando em variação com a forma possessiva *teu*.

Dessa forma, o possessivo *seu* torna-se objeto de estudo para diversas pesquisas de orientação sociolinguística. Sendo assim, evidenciaremos o levantamento dos resultados de algumas dessas pesquisas. Apresentamos aqui os estudos de Menon (1996), Soares (1999) e Mendes (2008), como uns dos primeiros estudos que se debruçaram sobre o estudo da

¹³ Segundo Bechara (2002), *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dela* (dela), *do qual* (da qual): O livro cujas páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dela*, as *suas* páginas).

variação da indicação de posse para segunda e terceira pessoa do singular. No quadro, a seguir, sintetizamos os resultados desses estudos:

Quadro 6: Estudos que se ativeram à variação *teu/seu* e *seu/dele*

Estudo	Região/Corpus	Hipótese	Resultados
Menon (1996) ¹⁴	Sul/VARSUL ¹⁵	A escolha pelas formas variantes é motivada pelos aspectos de familiaridade, respeito e formalidade presentes na relação interindividual.	Embora haja a preferência pela forma <i>você</i> em referência à segunda pessoa do singular, os falantes utilizam as duas formas variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> .
Soares (1999)	Sul/VARSUL	A idade, a escolaridade e o valor semântico do possessivo são variáveis condicionantes da variação.	No paradigma de segunda pessoa, o possessivo <i>seu</i> é mais utilizado por falantes adultos com nível de escolaridade referente ao primário, sendo favorecido em referência às partes do corpo, e o possessivo <i>teu</i> sendo mais utilizado por falantes jovens com nível de escolaridade referente ao segundo grau, sendo favorecido em referência a características psicológicas ou físicas.
Mendes (2008)	Sul/VARSUL	A variação estilística seria a motivação da migração do possessivo <i>Seu</i> para a segunda pessoa do singular.	Nas relações simétricas, o possessivo <i>teu</i> é o mais utilizado, por outro lado, o possessivo <i>seu</i> é o mais ocorrente nas relações assimétricas, principalmente, nas assimétricas ascendentes em que o possessivo <i>seu</i> faz referência a <i>você</i> ou ao senhor/senhora.

Fonte: o autor (2023)

No quadro acima, apresentamos os estudos realizados sobre os paradigmas possessivos de segunda e terceira pessoa no português brasileiro. Com a análise desses resultados podemos observar que o possessivo *seu* passa a ser utilizado em contextos de segunda pessoa do singular na língua falada por pessoas com pouco grau de escolaridade e em relações assimétricas ascendentes, ou seja, em uma hierarquia de inferior para superior

¹⁴ Embora esse estudo atenda apenas à indicação de posse para a segunda pessoa do singular, enquadramo-lo junto aos que estudam os paradigmas de segunda e terceira por ele, assim como os outros, não apresentar dados quantitativos e por ser um estudo não muito recente.

¹⁵ Banco de dados linguística do projeto de Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil.

destinado a vocativos como senhor/senhora. A seguir, apresentaremos as contribuições de um trabalho específico sobre a terceira pessoa a fim de compreendermos melhor o funcionamento do possessivo *seu* em contextos de segunda pessoa do singular e, na sequência, nos atentaremos aos estudos realizados sobre o paradigma de segunda pessoa.

- Neta (2004)

Em seu trabalho intitulado *Perfil do possessivo de terceira pessoa na fala pessoense*, Neta (2004) verificou as mesmas variáveis testadas por Oliveira e Silva (1982, 1991) com o objetivo de comparar os resultados apresentados pelos dois *corpora*. O estudo foi realizado com dados de fala da cidade de João Pessoa, pertencentes ao Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALP). Os dados estatísticos foram obtidos pelo pacote de programas VARBRUL.

Das variáveis testadas, o programa elencou como significativas as variáveis:

- Sociais:
 1. *faixa etária*;
 2. *anos de escolarização*.
- Linguísticas:
 1. *combinação do número do possuidor e possuído*;
 2. *especificidade do possuidor*.

No que se refere à variável *faixa etária*, o autor identificou que os falantes acima de 50 anos favorecem o emprego do possessivo *seu* e os falantes mais jovens o emprego do possessivo *dele*. Em relação à *escolaridade*, o autor constatou que quanto maior o grau de escolaridade menos é o uso da construção genitiva *dele*. Essa variante é favorecida apenas pelos falantes analfabetos.

Neta (2004) justifica esse dado com o argumento de que mesmo os gramáticos da primeira metade do século XX reconhecendo a ambiguidade causada pelo possessivo *seu*, eles sugerem outras formas de evitá-la sem ser necessário utilizar a forma *dele*. Para comprovar uma relação entre essas duas variáveis, a autora realizou o cruzamento e identificou que a forma inovadora *dele* é favorecida pelos falantes em idade adulta e pelos falantes analfabetos.

Nas variáveis linguísticas, o estudo aponta a combinação entre número do possuidor e número do possuído como primeira na ordem de relevância. Nessa variável, com base em

Oliveira e Silva (1982), a autora selecionou seis formas de concordância a fim de testar se alguma delas favorecia o uso de uma das variantes.

As formas de concordância que se mostraram significativas, de acordo com o programa, foram apenas duas em favorecimento da forma *dele*: *quando há dois ou mais possuidores tendo um possuído em comum* (posse coletiva) e *quando há um possuidor tendo um possuído*. Nesse sentido, a autora confirma a hipótese de que a forma *dele* seria usada para atenuar a insegurança do falante perante um tipo de número não habitual, já que não existe hierarquia de número em outras categorias.

Quanto ao possuidor, a autora, com base em Dubois (1937), diz que se trata do objeto específico que o falante tem em mente ao realizar algum enunciado. Neta (2004) apresenta o enunciado *eu vi o homem que matou Maria*, em que o objeto específico para o falante é *o homem*. Por outro lado, o não específico representa um conjunto que está na mente do falante, mas não é identificável nem por parte do falante nem por parte do ouvinte. Como exemplo, o pesquisador apresenta o enunciado *o homem é um ser racional*, que se refere a qualquer dos elementos desse conjunto.

De acordo com os dados apresentados, esse fator foi significativo para a escolha entre as formas *seu* e *dele*. Os possuidores específicos favorecem a aplicação de *dele* (57% das ocorrências). Por outro lado, a não especificidade do possuidor favorece o possessivo *seu* (73% das ocorrências). A autora explica que esses dados se justificam pelo fato de a forma *seu* não ser marcada quanto ao gênero – nem [+ feminino] nem [- feminino] em se tratando do possuidor e ser pouco nítida em relação ao número, sendo mais propensa a ser empregada em enunciados não específicos. A autora especifica que o possessivo *seu* concorda em gênero e número com o possuído, mas não deixa pistas sobre o possuidor.

Aqui apresentamos os estudos mais antigos que se ativeram aos paradigmas de posse de segunda e terceira pessoa do singular. A seguir, apresentaremos, de forma mais detalhada, os estudos relativamente recentes que se dedicaram unicamente ao paradigma de segunda pessoa, a variação *teu/seu*.

- Arduin (2005)

O primeiro estudo apresentado é o de Arduin (2005), intitulado *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. No referido trabalho, a autora analisou dados de fala pertencentes ao banco de dados VARSUL

coletados nas cidades de Blumenau, Chapecó, Florianópolis, Flores da Cunha, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja, resultando em 192 entrevistas.

Quanto às influências linguísticas e estilísticas, a autora previa que a variação:

- “1 – é motivada linguisticamente por:
- a) está associada ao paralelismo formal: quanto maior o uso de *tu* maior o de *teu*;
 - b) está associada à posição do possessivo em relação ao nome: *teu* deve vir anteposto ao nome;
 - c) está associada ao tipo de discurso (genérico ou específico): os discursos específicos devem preferir o possessivo *teu*;
- 2 – é motivada estilisticamente:
- a) o que está regendo a variação dos possessivos *teu* e *seu* são as questões de poder e solidariedade existentes entre os interlocutores;
 - b) o possessivo *teu* deve ser mais utilizado nas relações simétricas e nas relações assimétricas de superior para inferior;
 - c) quanto ao discurso reportado, esperamos encontrar a forma *seu* nos discursos de pessoas não-próximas.” (ARDUIN, 2005, p. 12).

Nesse estudo, Arduin (2005) utiliza o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, juntamente com a teoria de Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (2003). Como resultado quantitativo, foram encontradas 415 ocorrências dos possessivos que se distribuem em 86% (356 ocorrências) do possessivo *teu* e apenas 14 % (69 ocorrências) do possessivo *seu*. Os dados apontam que a escolha do possessivo *teu* ou *seu* está diretamente ligada ao emprego dos pronomes pessoais *tu* e *você*, acreditando-se na correspondência entre *tu-teu*, *você-seu*.

Relacionando os resultados à estratificação dos dados, atribuiu-se às variáveis *escolaridade* e *gênero* maior condicionamento no uso das referidas formas pronominais. Dessa forma, o possessivo *teu* é mais ocorrente que *seu*, sendo utilizado principalmente por mulheres e falantes com escolaridade de nível ginásial. Arduin (2005) ressalta ainda que o possessivo *teu* aparenta possuir prestígio na região onde se deu a coleta de dados; além disso, a forma variante não sofre estigma.

Os resultados obtidos no estudo de Arduin (2005), relacionados aos estudos de Brown e Gilman (2003), indicam que os aspectos de poder e solidariedade também interferem no emprego dos possessivos. O possessivo *teu* continua como mais ocorrente, sobretudo em relações simétricas ou assimétricas descendentes, e o possessivo *seu* mais frequente em relações assimétricas ascendentes, de inferior para superior. Segundo a autora, os informantes mais jovens utilizam com maior frequência o possessivo *teu*, que é a forma mais solidária.

Portanto, Aduin (2005) conclui que a variação dos possessivos *teu* e *seu* é linguisticamente, estilisticamente e socialmente motivada. Em relação à variável linguística

paralelismo formal, a autora constata que “a presença do pronome *tu* exerce influência no uso do possessivo *teu*, já a presença do pronome *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*” (ARDUIN, 2005, p. 116, grifos nossos). Sobre a variação estilisticamente motivada, Arduin (2005) conclui que “o uso do possessivo *teu* é favorecido em relações assimétricas de superior para inferior e nas relações simétricas entre iguais” (ARDUIN, 2005, p. 116).

- Machado (2011)

Um trabalho que se dispôs a analisar as formas de tratamento na posição de sujeito e também os pronomes possessivos *teu* e *seu* em variação foi o de Machado (2011). O seu trabalho é intitulado: *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. O estudo tem como objetivo geral descrever a trajetória dos sistemas de formas de tratamento e identificar variáveis independentes que condicionem tal variação.

Para a realização desse estudo, Machado (2011) utilizou um *corpus* constituído por 29 peças teatrais escritas ao longo dos dois séculos. A autora, ao analisar as 14 peças da amostra brasileira, observou que é possível dizer que há um predomínio da forma de tratamento *tu* de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX. No ano de 1937, a forma de tratamento *você* passa a ser a mais empregada, suplantando o pronome *tu*.

Em relação à variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu*, a autora analisou no *corpus* a hipótese de que o pronome *você* seria um condicionante para o uso do possessivo *seu* na segunda pessoa do singular. Além dos possessivos *teu* e *seu*, a linguista analisou também o possessivo *vosso*. Segue abaixo o quadro com a distribuição de *teu* e *seu* ao longo do tempo, na amostra brasileira em Machado (2011):

Quadro 7: A distribuição de *teu* e *seu* ao longo do tempo, na amostra brasileira em Machado (2011)

Data	Formas de Tratamento	
	Teu (e flexões)	Seu (e flexões)
1846	18/22 – 82%	4/22 – 18%
1857	52/92 – 57%	40/92 – 43%
1870	4/16 – 25%	12/16 – 75%
1896	2/24 – 8%	22/24 – 92%

1908	43/94 – 46%	51/94 – 54%
1918	9/95 – 9%	86/95 – 91%
1937	0/93 – 0%	93/93 – 100%
1952	3/78 – 4%	75/78 – 96%
1962	11/90 – 12%	79/90 – 88%
1972	2/88 – 2%	86/88 – 98%
1980	0/85 – 0%	85/85 – 100%
1995	08/126 – 6%	118/126 – 94%
2003	12/37 – 32%	25/37 – 68%

Fonte: Adaptado de Pereira (2016)

Nas 14 peças teatrais brasileiras, Machado (2011) identificou 959 ocorrências de possessivos, que se distribuem em 85% (785 ocorrências) da variante *seu* e 15% (174 ocorrências) da variante *teu*. Por meio da análise dos dados, a autora identificou que as variantes *teu* e *seu* se comportam de forma diferente em cada tipo de peça. Nas peças portuguesas do século XX, o possessivo *seu* apresenta crescimento contínuo, como já observado no início e meio do século XIX.

Portanto, em suas considerações, Machado (2011) diz ser possível considerar que o pronome possessivo *seu* na indicação de posse para a segunda pessoa do singular ocorre justamente pela inserção do *você* no quadro pronominal. Essa constatação é validada, pelo fato da variante *teu* ser mais ocorrente antes da década de 1930, a partir dessa data, a variante *seu* torna-se a mais ocorrente juntamente com o *você* em posição de sujeito.

- Pereira (2016)

Um dos estudos mais citados que se ativeram ao fenômeno analisado é o de Pereira (2016), intitulado *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. Propõe-se em seu estudo uma pesquisa sobre a inserção do pronome possessivo *seu* como um pronome de segunda pessoa do singular. Para isso, a autora utilizou um *corpus* de 363 cartas pessoais pertencentes a famílias de pessoas ilustres e não ilustres, do Rio de Janeiro, datadas dos anos de 1870 a 1970.

O estudo de Pereira (2016) possui duas hipóteses norteadoras: a primeira é a de que a variação encontrada nos possessivos se comporta de maneira similar aos resultados

encontrados no que concerne à posição de sujeito de segunda pessoa, seja pleno ou nulo. Assim, acredita-se que o possessivo *seu* como de segunda pessoa acompanha a entrada da forma *você* no quadro pronominal. Na segunda hipótese, acredita-se que o possessivo *seu*, por estar relacionado à forma *você*, teria o mesmo comportamento polifuncional do pronome pessoal correspondente, o que supõe que a forma *seu* assumiria diferentes valores ao longo do tempo.

No *corpus* da linguista, foram identificadas 1376 ocorrências de pronomes possessivos, subdividindo-se em 1041 dados de *teu* (76%) e apenas 335 dados de *seu* (24%), o que indica o predomínio da forma *teu* em relação a *seu*. Para corroborar a primeira hipótese, a autora apresenta dois exemplos:

(09) “Muito penhorado agradeço os amáveis | felicitações pelo meu aniversário natalício, en- | viados na *sua* carta de 22, aqui chegada | no dia próprio. (...) *Seu* pai saberá | fazer o regime que lhe conserve a saúde, | necessária aos *seus*. Desejo que todos [inint] com amizade | Washington Luis”. (Fundo Washington Luis, carta escrita em Nova Iorque, em 26/10/1946)

(10) “Affonsinho | Recebi hoje *teu* cartão | pedindo a *tua* correspondência | só tem um cartão de Dona Maria | Amaliafelicitando te pelo *teu* bonito exame (...) Queres os jornais? | Deves levar o Alexandre no | dia 28 sem falta para ele come- | çar os estudos no dia 1o de | Março; não fique esperando | não adie nem um dia.” (Família Penna, sem localização, em 20/02/1899)

A partir dos exemplos (09) e (10), Pereira (2016) percebeu que só é possível explicar a variação entre as formas possessivas pelo tratamento na posição de sujeito, e não pelo local em que a carta foi escrita. No exemplo (09), o sujeito não está explícito na carta, o que acaba influenciando o missivista a empregar outras formas pronominais que não referenciem um sujeito específico.

Por esse motivo, o missivista utiliza-se do possessivo *seu* que, por estar relacionado a um paradigma de terceira pessoa, é uma forma menos direta de tratar o interlocutor. Em contrapartida, no exemplo (10), embora o sujeito não esteja explícito, há a presença do vocativo “Afonsinho”, que é retomado pelo possessivo *teu* empregando também formas verbais relacionadas à segunda pessoa (*queres, leves*).

Tratando-se de sua segunda hipótese, a autora destaca que não se pode afirmar que o possessivo *seu* migrou simultaneamente com o *você* para a segunda pessoa do português brasileiro. Todavia, ela assume que a inserção do pronome *você* funciona como um ponto de partida para diferentes mudanças pronominais que ocorrem no sistema. Embora não possa ser

afirmado categoricamente que o pronome *seu* acompanhe a entrada do pronome *você* no sistema pronominal, sabe-se que tal pronome só passa a ser referido à segunda pessoa a partir do momento em que *você* entra nesse sistema como variante de *tu*.

Os resultados dos trabalhos supracitados, sendo a maioria realizados na região sul do Brasil, apontam para o pronome *teu* como mais ocorrente. Esse possessivo é favorecido em relações simétricas de maior intimidade entre os interlocutores. O possessivo *seu*, por sua vez, ao aparentar um caráter neutro, é mais ocorrente em situações assimétricas ascendentes ou quando o falante não possui certeza quanto ao como se referir ao seu interlocutor.

- Lopes *et al.* (2018)

Em seu trabalho realizado com o objetivo de mapear a inserção e o percurso do *você* no quadro pronominal do português brasileiro em sete estados brasileiros, Lopes *et al.* (2018) apresentam também a correlação da inserção do *você* e as instabilidades observadas em outros subsistemas. Diante disso, apresentaremos aqui os resultados da observação da variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu* na indicação de posse para a segunda pessoa do singular.

Inicialmente, Lopes *et al.* (2018) definem a concepção de pronome possessivo adotada na abordagem, que é a mesma definida por Castro (2006) em sua tese de doutorado. Nesse sentido, o possessivo é compreendido como:

[...] o constituinte, pertencente à estrutura do sintagma nominal, que traz uma informação de pessoa e realiza um argumento genitivo do nome com o qual estabelece relação temática que, dentre outras, pode ser a de posse (LOPES *et al.*, 2018, P. 177).

Após essa definição, o estudo apresenta um apanhado histórico sobre o *você* que nós já apresentamos na abertura deste capítulo. Algo um tanto inovador, apresentado pela pesquisa, diz respeito ao momento em que a forma *você* passa a fazer parte, também, do campo da intimidade, o que autoriza a presença e o uso do possessivo *seu* na indicação de posse da segunda pessoa em variação com o possessivo *teu*, original do pronome de intimidade *tu*.

Partindo para os resultados obtidos, nas cartas escritas nos sete estados analisados, foram identificados 2488 dados dos possessivos *teu* e *seu*. Esses dados se distribuem em 58% (1433 ocorrências) do possessivo *teu* e 42% (1055 ocorrências) do possessivo *seu*. Esses quantitativos são apresentados de forma mais detalhada de acordo com cada estado em uma tabela que reproduziremos a seguir:

Quadro 8: Distribuição de *teu* e *seu* em função do critério diatópico em cartas brasileiras dos séculos XIX e XX

Genitivo	Teu	Seu	Total
RJ	1002/1300	298/1300	1300/2488
	77%	23%	52%
MG	29/146	117/146	146/2488
	20%	80%	6%
SP	46/108	62/108	108/2488
	43%	57%	4%
BA	1/105	104/105	105/2488
	1%	99%	4%
PE	67/249	182/249	249/2488
	27%	73%	10%
RN	119/317	198/317	317/2488
	37%	63%	13%
SC	169/263	94/263	263/2488
	64%	36%	11%
Total	1433/2488	1055/2488	2488
	58%	42%	

Fonte: Lopes *et al.* (2018, p. 178)

A partir dos dados detalhados no quadro 8, foi observado que, nos sete estados, as variantes *teu* e *seu* estão presentes, mesmo que na Bahia tenha sido identificado apenas uma ocorrência do possessivo *teu*. Lopes *et al.* (2018) fazem uma organização dos resultados em dois grupos:

- Sul-Sudeste (Santa Catarina e Rio de Janeiro): predomínio do possessivo *teu*; e
- Sudeste-Nordeste (São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte): predomínio do possessivo *seu*.

O estudo também apresenta a correlação das formas possessivas com a simetria adotada na totalidade da carta. No quadro a seguir, esses dados estão apresentados de forma detalhada:

Quadro 9: Distribuição de *teu* e *seu* em função do sujeito encontrado nas cartas e da região

Sujeito/Genitivo	Formas genitivas de 2P e o uso do sujeito	
	Teu	Seu

Tu ¹⁶ (Exclusivo)	RJ	691/724 97%	33/724 3%
	MG	24/31 77%	07/31 23%
	SP	21/25 84%	4/25 16%
	BA	1/1 100%	- -
	PE	59/59 100%	- -
	RN	27/30 90%	3/30 10%
	SC	149/178 84%	29/178 16%
Você (Exclusivo)	RJ	35/269 21%	234/269 79%
	MG	-	107/107 100%
	SP	6/47 13%	41/47 87%
	BA	-	37/37 100%
	PE	2/157 1%	155/157 100%
	RN	10/78 13%	68/78 87%
	SC	3/47 6%	44/47 94%
Tu/Você	RJ	276/307 71%	31/307 29%
	MG	05/08 64%	03/08 38%
	SP	27/36 75%	9/36 25%
	PE	4/12 33%	8/12 67%
	SC	21/36 42%	15/36 58%

Fonte: Lopes *et al.* (2018)

Mediante a análise dos dados apresentados na tabela 12, identifica-se que em todos os estados analisados há correlação entre as cartas as quais possuem *tu* exclusivo e o possessivo *teu* e as cartas que possuem o *você* exclusivo e o possessivo *seu*. Nas cartas de simetria mista, em Pernambuco e em Santa Catarina, observa-se o favorecimento do possessivo *seu*; em

¹⁶ No estudo citado assim como no nosso trabalho, é considerado simetria exclusiva de *tu* ou de *você* as cartas em que o missivista emprega apenas o pronome na posição de sujeito e seu paradigma.

contrapartida, no Rio de Janeiro, São Paulo, e em Minas Gerais, há o favorecimento do possessivo *teu*.

Esse estudo mostra que em cartas escritas em diferentes localidades, durante os séculos XIX e XX, a variação *teu/seu* foi registrada. O *você* é predominante nas localidades em que o subsistema *você* exclusivo na posição de sujeito é encontrado ao longo do século XX. Em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, o subsistema misto *tu/você* favorece o possessivo *teu*, que se manteve resistente até a primeira metade do século XX. Segundo Lopes *et al.* (2018), ao contrário do que foi observado nos complementos verbais dativos e acusativos, o possessivo *seu* acompanhou o espraiamento de *você* na posição de sujeito.

Por fim, Lopes *et al.* (2018) finalizam o texto com o dado de que há uma correlação entre *tu-teu* e *você-seu*. Além disso, a pesquisa reforça a necessidade de mais estudos sobre a indicação de posse para a segunda pessoa do singular que tentem explicar estrutural e/ou funcionalmente esse fenômeno.

- Barbosa (2018)

Outro trabalho realizado na região Nordeste é o de Barbosa (2018), intitulado *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. Esse estudo tem por objetivo analisar, em uma perspectiva diacrônica, o emprego dos possessivos *teu* e *seu* em cartas pessoais redigidas por escreventes semialfabetizados. As missivas foram escritas na região baiana conhecida como Sisal, no século XX.

O *corpus* é constituído por 91 cartas, que pertencem ao *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* – CE-DOHS. Entre os objetivos que buscam descrever e explicar o emprego dos possessivos de segunda pessoa do singular, o autor elenca também uma análise comparativa dos resultados com os encontrados por Pereira (2016).

Como resultado, foram encontrados no *corpus* 185 dados dos possessivos *teu* e *seu* em referência à segunda pessoa do singular. Esse quantitativo geral divide-se em 9% (17 ocorrências) do possessivo *teu* e 91% (168 ocorrências) do possessivo *seu*. A partir da análise desses resultados com os encontrados por Pereira (2016), evidencia-se que o possessivo *seu* já era uma estratégia de posse utilizada no século XIX. Com base nos dados de sua pesquisa, Barbosa (2018) assume que esse processo de variação já indica uma mudança no paradigma de uso dos possessivos, uma vez que das 168 ocorrências do possessivo *seu* apenas 1 foi em referência à terceira pessoa.

- Araújo (2019)

Araújo (2019) em sua tese de doutorado intitulada *Formas de tratamento no português brasileiro do século XX: conservação e variação em cartas pessoais do Norte e Nordeste* analisou a indicação de posse realizada pelos possessivos *teu, seu* e *vosso* em cartas religiosas.

O *corpus* é constituído por 44 cartas redigidas por membros da igreja Assembleia de Deus, nascidos e/ou residentes no Norte e Nordeste Brasileiro. As cartas foram escritas entre os anos de 1940 e 1986 ao pastor cearense José Alencar e Macedo, nascido na cidade de Crato em 1899. Em 1920, o pastor se converteu ao protestantismo e começa a viajar pelo Norte e Nordeste difundindo a nova igreja, e isso explica as diferentes localidades de escrita das cartas que constituem o *corpus*.

O estudo é embasado pela linha teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista e pela Sociolinguística Histórica, uma vez que utiliza um *corpus* de sincronia do passado. O estudo também utiliza como base teórica os pressupostos da teórica do Poder e Solidariedade propostos por Brown e Gilman (1960). O uso dessa teoria justifica-se pelo objetivo geral de compreender o processo de variação na indicação de posse por meio da relação e do grau de intimidade entre remetente e destinatário. Os dados estatísticos das variáveis controladas foram obtidos por meio do programa *GoldVarb X*.

O pressuposto aplicado ao *corpus* é embasado por Faraco (1996) e diz que a variação dos possessivos pode ser interpretada como um fenômeno decorrente do aumento do fator solidariedade nas relações sociais. A forma *você* teria adquirido o traço [+ intimidade] e reduzido sua função de reverência, quando então outras expressões tiveram de ser postas em circulação para substituí-la.

Na organização do *corpus*, Araújo (2019) dividiu as cartas em dois blocos: cartas de relação de intimidade e cartas de relação de não intimidade. Cada bloco continha vinte e duas (22) cartas. Para realizar essa divisão, ele utilizou os critérios estabelecidos por Nunes e Souza (2011) que definem intimidade como a) convivência sob o mesmo teto; b) conhecimentos de detalhes da vida e rotina do outro; c) relação longa e significativa. Cada bloco ainda foi dividido em duas categorias: relações simétricas e relações assimétricas.

No *corpus* foram identificadas 148 ocorrências de possessivos e de construções nominais formadas por *de + nome*. O possessivo *seu* foi o mais ocorrente apresentando 41,9 % (62 ocorrências), o possessivo *teu* muito próximo apresentou 40,5% (60 ocorrências) e o possessivo *vosso* 13,5% (20 ocorrências).

Araújo (2019) assume que o possessivo *teu* é reafirmado como legítima forma T¹⁷, enquanto *vosso* o é como forma V, competindo como *seu*, que só se mostra mais neutro quanto à proximidade dos interlocutores. Nesse sentido, os resultados mostram que o possessivo *teu* predomina nas relações de proximidade (81,6%) e nas relações simétricas (83,3%). O possessivo *seu* não mostrou especificidade entre relações *íntimas* (48,3%) e *não íntimas* (51,7%), mas foi mais recorrente nas relações simétricas (64,5%) assim como o possessivo *vosso*. Quanto ao sexo do remetente, *teu* foi mais usado pelas mulheres (71,7%), enquanto *seu* (85,4%) e *vosso* (75%) foram mais recorrentes nas cartas de homens.

- Tosi (2021)

Também realizado no Rio de Janeiro, mas com dados de fala, o trabalho de Tosi (2021), *O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticas*, apresenta uma análise sincrônica sobre o fenômeno. A autora analisou um *corpus* constituído por 362 esquetes humorísticos do coletivo Porta dos Fundos, um dos maiores canais do *YouTube* do Brasil.

O estudo é embasado pelos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista e os dados estatísticos das variáveis controladas foram obtidos por meio do programa *GoldVarb X*. A hipótese testada por Tosi (2021), já postulada por Cabral (2011), é que no *corpus* seja encontrado um quadro de variação linguística intensa entre os possessivos com o predomínio da forma *seu* sobre a forma *teu*. Além desta hipótese principal, para cada variável independente, foram elencadas suas respectivas hipóteses.

Ao todo foram controladas doze variáveis independentes, sendo oito linguísticas e quatro extralinguísticas. Entre as variáveis selecionadas, foram consideradas como significativas apenas cinco, a saber: (i) a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito, (ii) a naturalidade dos atores/atrizes, (iii) a relação interpessoal estabelecida no episódio, (iv) o sexo dos atores/das atrizes e (v) a animacidade do nome possuído.

No *corpus* foram encontradas 773 ocorrências, que se distribuem em 60,5% (468 ocorrências) do possessivo *seu* e 39,5% (305 ocorrências) do possessivo *teu*. No que diz respeito às variáveis controladas, assim como nas pesquisas de Arduin (2005) e Pereira (2016), a variável *posição de sujeito* se mostrou como bastante significativa. O possessivo *seu* é

¹⁷ Forma T e forma V corresponde, respectivamente aos pronomes Tu e paradigma e Você e paradigma.

favorecido quando o *você* está na posição de sujeito e o possessivo *teu* favorecido quando o *tu* ou *tu/você* está na posição de sujeito.

Em síntese, os resultados dos trabalhos mais recentes aqui apresentados podem ser organizados da seguinte forma:

Quadro 10: Estudos realizados com o paradigma de segunda pessoa do singular

Trabalho	Região	Natureza do <i>corpus</i>	Possessivo	
			Teu	Seu
Arduin (2005)	Sudeste	Entrevistas	Teu	86%
			Seu	14%
Machado (2011) ¹⁸	Sudeste	Entrevistas	Teu	15%
			Seu	85%
Pereira (2016)	Sudeste	Cartas	Teu	76%
			Seu	26%
Barboza (2018)	Nordeste	Cartas	Teu	9%
			Seu	91%
Araújo (2019)	Nordeste	Cartas	Teu	40,5%
			Seu	41,9% ¹⁹
Tosi (2021)	Sudeste	Entrevistas	Teu	39,5%
			Seu	60,5%

Fonte: o autor (2023)

Dos trabalhos empreendidos até o momento na região Sudeste do Brasil, os trabalhos de Machado (2011) e o de Tosi (2021), realizados com dados de fala, apresentam o possessivo *seu* como a variante mais utilizada no *corpus*. O que vai de encontro aos resultados apresentados por Lopes *et al.* (2018) que constata:

- Sul-Sudeste (Santa Catarina e Rio de Janeiro): predomínio do possessivo *teu*; e
- Sudeste-Nordeste (São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte): predomínio do possessivo *seu*.

O resultado apresentado por Tosi (2021), constatado por Lopes, mostra que o possessivo *seu* é favorecido na fala, um outro fator que pode justificar a divergência entre Pereira (2016) e Tosi (2021) é o período de coleta dos dados. Diante disso, duas hipóteses são

¹⁸ Apresentamos nesse quadro de forma resumida os dados dos trabalhos já realizados sobre o fenômeno em estudo. Dessa forma, reunimos todos os trabalhos que tivemos acesso.

¹⁹ O autor também controlou outras formas de posse, como o possessivo *vosso* que apresentou 13,5% (20 ocorrências).

levantadas sobre essa região: *o possessivo seu é favorecido em dados de fala ou o possessivo seu apresenta um crescimento contínuo no decorrer do tempo.*

Em relação aos trabalhos realizados no Nordeste, evidenciamos, de início, a falta de estudos sobre o fenômeno. Como constatado por Lopes *et al.* (2018), nessa região só encontramos dois estudos realizados recentemente. Nesses dois estudos, com base em dados escritos, nota-se o favorecimento do possessivo *seu*, assim como foi identificado nas cartas pernambucanas analisadas por Lopes *et al.* (2018).

Diante disso, na busca por estudos que se ativeram unicamente ao paradigma de segunda pessoa, identificamos que o número de trabalhos em relação aos que analisaram o paradigma de terceira pessoa é pequeno. Por meio dos resultados dos trabalhos encontrados evidencia-se que os estudos realizados há mais tempo favorecem o possessivo *teu*, como o de Arduin (2005).

Embora o trabalho de Arduin (2005) tenha sido realizado com dados de fala, os demais trabalhos que também utilizaram entrevistas, Machado (2011) e Tosi (2021), o possessivo mais ocorrente foi o possessivo *seu*. Os trabalhos que utilizaram cartas na constituição do *corpus* também favoreceram o uso do possessivo *seu* em detrimento do possessivo *teu*, exceto o de Pereira (2016). Embora os três trabalhos tenham sido realizados com dados de sincronias passadas, o período de escrita das cartas de cada *corpus* difere. O trabalho de Pereira (2016) aborda um recorte temporal de 100 anos com cartas que datam de 1870 a 1970; o trabalho de Barboza (2018) utiliza um recorte que data de 1906 a 2000; e o trabalho de Araújo (2019) analisa um recorte que data de 1940 a 1986. Portanto, o trabalho de Pereira é o único que analisa cartas oitocentistas, o que pode ter favorecido o possessivo *teu*.

Apresentado o levantamento bibliográfico sobre como o fenômeno ocorre em alguns estudos feitos no Brasil, no próximo capítulo, apresentamos, brevemente, as teorias que embasam a nossa pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, fazemos uma apresentação das teorias que embasam a nossa pesquisa. Inicialmente, descrevemos o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, por utilizarmos sua metodologia. Em seguida, apresentamos a Sociolinguística Histórica, que se utiliza de

alguns procedimentos da Sociolinguística Variacionista, mas trata de especificidades por trabalhar com materiais datados, isto é, opera com dados diacrônicos.

Na sequência, apresentamos as teorias do Poder, Solidariedade e Polidez para auxiliar na compreensão do tipo de relação estabelecida entre os missivistas e como essa relação pode condicionar o uso das variantes. E, por último, apresentamos os conceitos de Tradição Discursiva por acreditarmos que a existência de formas cristalizadas possa favorecer o uso de uma das variantes.

3.1 A Sociolinguística Variacionista

A visão de língua antes dos estudos sociolinguísticos consistia em um sistema homogêneo adotado por um falante ideal. Com o advento da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a língua é reconhecida por um sistema heterogêneo, constituída por uma variação sistematizada, ou seja, com formas alternativas de dizer a mesma coisa com o mesmo significado (LABOV, 2008 [1972]).

Além disso, a Sociolinguística Variacionista rompe a dicotomia saussuriana *diacronia/sincronia* colocando-as em conjunção, permitindo, assim, “que o enfoque não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas” (COAN; FREITAG, 2010, p. 117). A mudança, então, não é dada subitamente, pois anterior à mudança está o processo de variação em que duas variantes se põem em contraste até que uma se sobressaia à outra, o que não implica a extinção de uma ou de outra variante.

A concepção de língua como um sistema heterogêneo corroborou a inserção da mudança linguística a esse modelo teórico, resultando na criação do artifício metodológico do “tempo aparente”. De acordo com esse artifício, ao realizarmos estudos sobre a variação de falantes de faixas etárias diferentes, conviventes numa mesma comunidade de fala, em um mesmo tempo e lugar, estamos realizando uma demonstração da mudança numa diacronia.

Uma determinada variação linguística observada em um momento atual pode ser explicada por meio de um recorte histórico, no qual elementos linguísticos indicam a manifestação dessa variação. Nesse sentido, segundo Coan e Freitag (2010), a teoria do tempo aparente é muito eficaz na explicação desse fenômeno.

Uma vez que as comunidades de fala compartilham normas sociais e linguísticas, essa variação caracteriza a identidade de diversas comunidades, determinadas a partir de vários contextos sociais nos quais o falante pode estar inserido. Portanto, dentro dessa perspectiva, ao se propor a observar o uso da língua, faz-se necessário levar em consideração as

características sociais e identitárias dos falantes da comunidade em estudo, o que pode condicionar a variação.

Diante do exposto, tomemos uso dos termos utilizados por essa teoria. Segundo Mollica (2007, p. 10), a variação pressupõe que formas linguísticas variantes estejam coexistindo dinamicamente. Variantes, segundo Tarallo (1986, p. 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*”, a variável dependente. Ainda, de acordo com o autor, dentro do processo de variação, há os fatores condicionadores linguísticos e sociais/variáveis independentes que podem condicionar a variação favorecendo uma ou outra variante.

Em face disso, sabendo que a mudança não ocorre de maneira repentina, ao estudarmos o *teu* e o *seu* como formas de indicação de posse para a segunda pessoa do singular, estamos lidando, naturalmente, com um processo de variação. Nesse processo, as duas formas cumprem com eficiência a sua função, a indicação de posse para a segunda pessoa do singular, nossa variável dependente. Ao confirmarmos a existência da variação entre *teu* e *seu* no *corpus*, propusemo-nos a averiguar a existência de condicionadores linguísticos e sociais/variáveis independentes que possam agir nesse processo.

Mediante isso, consideramos fundamental utilizar a Sociolinguística Variacionista como aporte teórico-metodológico. Ela se faz necessária uma vez que a escolha do tratamento pelos escreventes pode estar condicionada aos valores que cada forma assume na interlocução.

Ao acreditarmos que o contexto em que o pronome possessivo se realiza pode influenciar nas escolhas linguísticas realizadas pelo próprio falante, assumimos que fatores linguísticos possuem forte atuação na variação *teu/seu*. Dessa forma, no decorrer da pesquisa, utilizamos métodos e termos que são inerentes a essa teoria.

Colocadas algumas questões a respeito da Sociolinguística Variacionista, discorreremos, a seguir, acerca da Sociolinguística Histórica ou Sócio-história.

3.2 A Sociolinguística Histórica

Os postulados da teoria da variação deram margem a diversas proposições complementares para o estudo e interpretação dos dados do passado (ROMAINE, 1999; CONDE SILVESTRE, 2007). Nesse sentido, a Sociolinguística Histórica vale-se de alguns princípios da Sociolinguística Variacionista no processo de estudo e interpretação dos dados

históricos. No entanto, no viés histórico, não se pode utilizar todos os princípios da Sociolinguística Variacionista.

Tal limitação deve-se ao fato de as informações sobre as fontes disponíveis ao investigador serem fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis com a produção real de seus falantes (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35). Para Gomes e Lopes (2016, p. 140), “os dados são procedentes de textos escritos que sobreviveram na atualidade ‘por sorte’”. Para Paixão de Souza (2006), também há algo de ideológico e político no que o tempo deixou sobreviver. Em confirmação, é muito difícil encontrar narrativas “vivas” de pessoas menos favorecidas de sincronias passadas. Isso quer dizer que o controle de condicionadores sociais como faixa etária, escolaridade, gênero e categoria social pode ser lacunar, pois os informantes não estão mais à disposição do investigador como ocorre nos estudos sincrônicos. Nesse caso, o fato de os textos terem sobrevivido às intempéries do tempo já é um ato de muita sorte para o pesquisador em Sociolinguística Histórica.

Por esse motivo, Lopes (2018, p. 40) afirma que são diversos os estudos em Sociolinguística Histórica em que a análise é realizada a partir das frequências brutas dos fatores linguísticos e sociais controlados, pois nem todas as “células” podem ser preenchidas. Devido a essa problemática, segundo Conde Silvestre (2007), pode-se dizer que nenhum trabalho está concluído, uma vez que a descoberta de novos materiais sempre poderá elucidar as lacunas observadas nos estudos parciais realizados com os dados até então disponíveis.

Com base na leitura de Conde Silvestre (2007), Souza (2014) elenca algumas dificuldades e questionamentos que são comuns ao pesquisador em Sociolinguística Histórica. O primeiro deles seria “até que ponto o material histórico pode refletir a língua da época que se analisa?” Com esse questionamento, a autora se refere ao *caráter pouco autêntico dos dados*, já que os documentos escritos são desprovidos, muitas vezes, do contexto e da situação de produção. Outro problema está relacionado ao *caráter fragmentário*, dado que os textos são simples restos de *corpora* mais amplos. Dessa maneira, esses materiais são limitados, porque não trazem todos os estilos, registros ou variedades do passado.

Mais um problema é a *falta de representatividade*, já que os dados são muitas vezes desiguais. Com isso o investigador dispõe de poucos deles e, por essa razão, não há como ter controle sobre o *corpus*. Essa limitação faz com que o pesquisador faça generalizações amplas em seu estudo, utilizando-se de uma análise qualitativa (MONTGOMERY, 1995 *apud* ROSA, 2015).

Além desses, há o *problema da validade histórica e social*, dado que as visões de mundo, a caracterização e a valoração que fazemos de nossa realidade é diferente das que

ocorriam no passado. A *autoria* é mais um problema, que ocorre principalmente em cartas, visto que o texto pode ter sido ditado a um copista. Dessa maneira, o material pode sofrer influência linguística do redator.

O *Princípio do Uniformitarismo*, formulado pela geologia no século XIX e transposto para a Linguística Histórica, postula que as forças que trabalham na produção de mudança linguística no presente são as mesmas que atuaram no passado. Essa é a pré-condição para que o linguista histórico possa realizar suas investigações (WHITNEY, 1867; LABOV, 1994; JOSEPH; JANDA, 2003 *apud* ROSA, 2015).

A relevância desse princípio é inquestionável, no entanto, é preciso que ele seja utilizado de forma moderada para que não caiamos em um anacronismo. Isto é, se admitirmos que os padrões de hoje eram os mesmos do passado, podemos caracterizar um missivista inadequadamente, com traços que não pertenciam a época de produção das cartas (SOUZA, 2014).

Quanto ao procedimento metodológico, Rosa (2015, p. 9) afirma que a Sociolinguística Histórica adota técnicas semelhantes à Sociolinguística Sincrônica, a saber:

- i. Delimitação da variável dependente;
- ii. delimitação das variáveis extralinguísticas;
- iii. coleta de dados;
- iv. transcrição e codificação dos dados;
- v. quantificação dos dados por meio de um programa de regra variável.

Vale ainda ressaltar que, embora a Sociolinguística Histórica utilize metodologias semelhantes às da Sociolinguística Variacionista, os problemas encontrados na Histórica são restritos apenas a ela. A abordagem da Sociolinguística Histórica, neste trabalho, justifica-se pela natureza do nosso *corpus*. Como fonte dos dados linguísticos, esse estudo se vale de cartas escritas por três casais entre as décadas de 1950, 1970 e 1990. Diante disso, acreditamos que essa teoria nos auxiliará a fazer o melhor uso dos dados no processo de compreensão e análise.

Finalizada a abordagem sobre os modelos teórico-metodológicos sociolinguísticos, na próxima seção, dispomos uma abordagem sobre a teoria que busca classificar a natureza da relação estabelecida entre os missivistas.

3.3 A Teoria do Poder, Solidariedade e Polidez

Ao trabalharmos com um *corpus* constituído por cartas de amor, revisitamos as teorias que tratam dos tipos de relações sociais estabelecidas entre os falantes. Busca-se, com o controle do tipo de relação social estabelecida entre remetente e destinatário, identificar o grau de motivação e a intencionalidade comunicativa presente na forma de tratamento que os missivistas utilizam. Em virtude disso, foram revisitadas as Teorias da Polidez, idealizada por Brown e Levinson (1987), em que as estratégias de polidez utilizadas na interação são levadas em conta.

Tais estratégias funcionam como formas modalizantes dos atos de fala que por si só são considerados ameaçadores à face do interlocutor, pois a partir do que for dito o falante pode ser mal interpretado. Para Brown e Levinson (1987), a face positiva (face) seria o ato polido e face negativa (território) seria um ato menos polido. Entretanto, a ideia central é a de que a interação é o lugar dos conflitos e as estratégias de polidez são recursos para evitá-lo. Assim, é preciso lidar com a preservação pessoal e o modo como se é visto socialmente.

A teoria do Poder e solidariedade, proposta por Brown e Gilman (1960), é muito utilizada nos estudos em Sociolinguística Histórica por permitir o controle do tipo de relação que se estabelece entre os interlocutores. Para elucidar essa oposição entre poder e solidariedade, Briz (2014 *apud* LOPES, 2018) considera que a solidariedade se refere a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores que se negociam e se constroem na interação, independentemente do estatuto social.

Nesse sentido, as relações mais simétricas são aquelas em que existe igualdade funcional entre os participantes da interação, tais como idade, gênero ou profissão. As relações simétricas também são compreendidas quando há a presença de fatores sociopragmáticos que denotam proximidade, compartilhamento de saberes e experiências, contato físico e compromisso afetivo.

As relações assimétricas são marcadas pelo poder como relações verticais, diferenciáveis ou não recíprocas (diferentes faixas etárias, gêneros ou posições hierárquicas institucionais). O papel funcional, os direitos e as obrigações se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

Mediante o exposto, de acordo com a Teoria do Poder e Solidariedade, são estabelecidos os seguintes tipos básicos de relações com ênfase nas relações de parentesco e entre amigos:

- A) Relações assimétricas descendentes (de superior para inferior): pai-filho, mãe-filho etc.
- B) Relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior): filho-pai, filho-mãe etc.
- C) Relações simétricas (solidárias): entre amigos, entre casais etc.

Por meio dos postulados da teoria de Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (1960), podemos considerar o tipo de relação estabelecida entre os missivistas das cartas, que compõem o nosso *corpus*, como uma relação *simétrica*, já que formam três casais. No entanto, o *corpus* apresenta a variável gênero como condicionadora da variação, o que pode se tratar de uma questão de poder e solidariedade. Além disso, o uso de formas de terceira pessoa pode se configurar como uma estratégia de Polidez.

Após essa classificação dos possíveis tipos de relações estabelecidas entre os missivistas, faz-se necessário analisar se, nos atos de fala, há formas mais fixas que possam condicionar o uso de uma ou de outra forma variante. Para tanto, realizamos uma breve visita à teoria da Tradição Discursiva.

3.4 As Tradições Discursivas

Com o surgimento da Linguística do texto e da Pragmática, surgem também os estudos das Tradições Discursivas, doravante TD. Segundo Kabatek (2006), o conceito dessa teoria tem origem na linguística alemã, sendo influenciado principalmente pelos estudos de Eugênio Coseriu sobre a linguística do texto. A respeito da atividade linguística, Coseriu (1997) distingue três níveis: nível universal do falar em geral; nível histórico das línguas e o nível dos textos ou discursos concretos.

Nesse sentido, o conceito de TD surge com base nesses três níveis da atividade linguística, considerando a língua e sua significação em seu uso real historicamente. De acordo com Kabatek (2006, p. 157), na virada do século XIX para o XX, na perspectiva das TDs, verificou-se que as escolhas do sistema de tratamento são motivadas também pela natureza e pela historicidade do texto, neste caso, pela natureza das cartas pessoais.

Segundo a autora, é a partir de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira peculiar de escrever ou de falar que se adquire o valor de signo próprio, tornando-se significável, assim, gerando uma TD. Ainda conceituado a TD, o autor diz:

[...] é a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2006, p.157).

Segundo Lopes (2018), utilizar a TD em estudos que se valem de processos analíticos dos usos linguísticos é fundamental para a compreensão dos dados. A TD contribui com a distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as formas fixas, convencionalizadas em determinado gênero particular.

Nesse sentido, como a natureza do nosso *corpus* é constituída por documentações datadas de décadas passadas, utilizaremos a TD para distinguirmos os dados que representam a norma linguística do período estudado e as formas fixas do gênero em análise, a carta pessoal. Essa abordagem se faz necessária por considerarmos que a estrutura composicional da carta pessoal possui partes fixas que, por si, constituem uma TD. Além disso, essas partes fixas, juntas a ocorrências linguísticas que retratam a norma vigente, podem formar outras Tradições Discursivas.

Por utilizar esses conceitos, a discussão dos resultados transita da análise quantitativa à análise qualitativa com base nos fatores pragmáticos e nos papéis sociais dos interlocutores que condicionam a opção por certas formas de tratamento e suas variantes.

Posta esta discussão, no próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos tomados na realização da pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E A ESCOLHA DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Nesta seção, apresentamos os aspectos metodológicos adotados em nosso estudo. De início, destacamos a natureza de nosso *corpus*. Em seguida, discorreremos acerca do local de produção das cartas, que é o mesmo de origem dos missivistas, bem como trazemos informações relevantes sobre os interlocutores. Posteriormente, retomamos alguns problemas levantados por Souza (2014) no que se refere ao material histórico e, por fim, delimitamos as variáveis dependentes e os fatores de análise.

4.1 A carta de amor como objeto de estudo para a Sociolinguística Histórica

Diferentemente da Sociolinguística Variacionista, que elege o material oral como fonte de pesquisa, os estudos históricos dependem do material escrito. Os textos escritos são fonte primordial para os pesquisadores em sociolinguística histórica, já que os dados, por diversos fatores, na maioria das vezes, conservaram-se nessa modalidade.

De acordo com Bakhtin (1997), como gênero discursivo bastante conhecido no mundo ocidental, a carta configura-se como uma circunstância espontânea de comunicação verbal. A carta é uma enunciação sem presença do interlocutor *in loco* que, entretanto, é pressuposto. Segundo Marcuschi (2001, p. 38), as cartas pessoais constituem um gênero que, pela linguagem utilizada e pela natureza da relação estabelecida entre os missivistas, aproxima-se da oralidade, permitindo, assim, que muitos aspectos comuns à fala espontânea sejam verificados.

De acordo com Maingueneau (2006 *apud* LOPES, 2018, p.36), a carta perpassa diferentes domínios discursivos, pois está presente no domínio pessoal (cartas de família, de amor, de amigo), no domínio jornalístico (carta do leitor, carta do redator) e no domínio comercial (carta de referência, de cobrança). Ainda, segundo o autor, a carta pessoal constitui-se de uma organização textual recorrente, que pode se configurar em diferentes sequências textuais, ligadas por elementos comuns, o que nos permite tratá-la como um *hipergênero*.

Para Lopes (2018), essas variedades de domínios discursivos, de natureza e de finalidade acarreta a adoção de diferentes rótulos, entre os quais: carta comercial, carta administrativa, carta de redator e carta pessoal. O emprego do vocativo, por exemplo, já dá pistas do tipo gênero ao qual a carta corresponde: de leitor, aberta, comercial, pessoal etc.

A carta pessoal possui uma linguagem mais coloquial e é veiculada entre missivistas que, geralmente, possuem uma relação de parentesco, amizade ou relacionamento amoroso (casamento). De acordo com Lopes (2018), a carta pessoal tem servido de base a inúmeras pesquisas diacrônicas em virtude dessas características. A estrutura da carta pessoal, em razão da recorrência dos seus elementos constitutivos, permite informalidade e multiplicidade temática, caracterizando a diversidade dos interlocutores e a variedade dos propósitos comunicativos.

Nesse sentido, a carta pode ocupar, de acordo com essas características e com outras, diferentes espaços no contínuo da proximidade à distância comunicativa. Trata-se, por isso, de um gênero bastante recorrente nos estudos sobre os pronomes de tratamento. Ainda, segundo

Lopes (2018), em termos da estrutura textual, o gênero epistolar, no geral, apresenta uma macroestrutura constituída pelas seguintes partes:

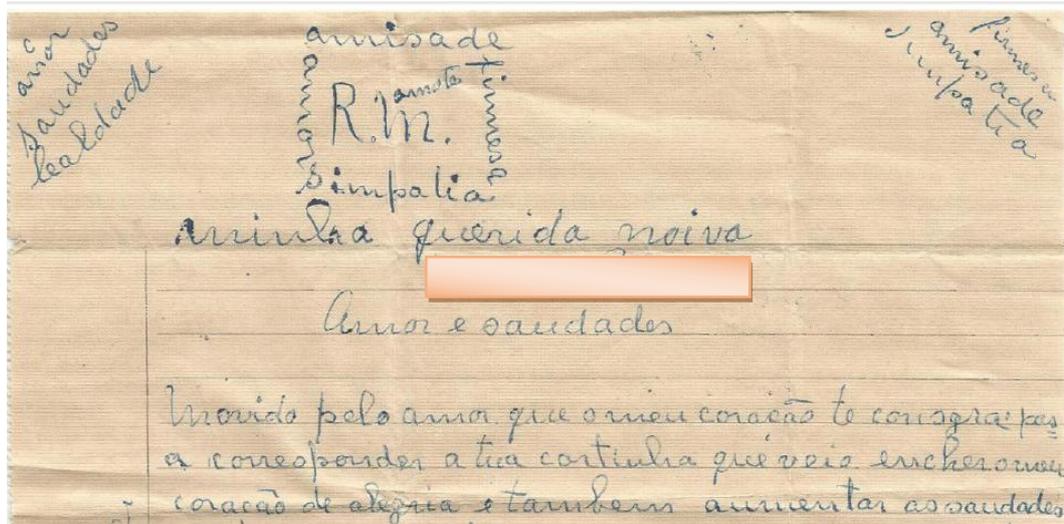
- I. a seção de contato inicial (em que costuma figurar a saudação e captação da benevolência);
- II. o núcleo da carta (o corpo do texto, a razão pela qual a carta está sendo escrita, predominando um pedido de algo concreto, notícias ou uma ordem a ser cumprida etc.) e
- III. a seção de despedida.

Lopes (2018) considera a carta pessoal como um hiperônimo que abrange os subgêneros: carta familiar, de amor e de amigos. Os seus tipos estão unidos por elementos comuns, como os demais textos dessa tradição discursiva. Sendo assim, há um padrão composicional reconhecido que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura.

Entretanto, essas cartas guardam alguns traços de autonomia fortemente relacionados ao tipo de relação estabelecido entre o emissor e o destinatário. De acordo com Ataíde (2020) e Ataíde e Gomes (no prelo), essa particularidade acarreta maior ou menor grau de cumplicidade, de afetividade, de expressividade, com implicação direta na escolha do tratamento a ser empregado.

Para ilustrar a discussão sobre a carta pessoal e a sua contribuição para as pesquisas de investigação da língua, apresentamos aqui um exemplo do início de uma carta pessoal de temática amorosa:

Figura 1: A abertura da carta de amor C1_M_1958_15



Fonte: Ataíde (2020)

Na figura acima, podemos identificar algumas das características da carta pessoal, mais especificamente, da carta de amor. Na abertura da carta, o missivista apresenta, na saudação inicial, o vocativo “minha querida noiva M. R.” seguido das palavras “amor e saudade”, o que já nos indica o tipo de carta e o tipo de escrita que encontraremos nesse texto. Também é possível identificar vocábulos afetivos, na extremidade superior do escrito, formando uma figura com as letras R e M ao centro.

O uso dessas letras pode se tratar das iniciais dos nomes dos missivistas (ATAÍDE, 2020). Além disso, encontramos, já na segunda linha da abertura da carta (captação da benevolência), uma ocorrência do possessivo *tua*, o que evidencia a riqueza de dados que a carta pessoal oferece para os estudos linguísticos. Com base nisso, justificamos o uso do subgênero carta de amor como *corpus* de nossa pesquisa.

Posta essa discussão, na próxima seção, apresentamos o *corpus* utilizado nesta pesquisa.

4.2 O *corpus*

O *corpus* utilizado para esta pesquisa é constituído por 153 cartas, do gênero carta de amor e cartas de casal²⁰, datadas da segunda metade do século XX (1956 a 1994). As cartas

²⁰ Nesse *corpus*, utilizamos cartas trocadas entre casais e compreendemos que o discurso presente nessas cartas nem sempre se configura como um discurso amoroso. Compreendemos como discurso amoroso aquele que envolve as figuras que denotam esse amor, como a promessa do amor infinito, o ciúme, a posse e a idealização. Essa discussão é mais aprofundada em um estudo recente de Almeida (no prelo ((não está nas referências))). Em etapas futuras pretendemos amadurecer essa discussão para que possamos criar uma metodologia que nos permita classificar os contextos de ocorrências dos possessivos uma vez que entendemos também que há cartas que apresentam discursos mistos.

foram escritas por pessoas não ilustres, oriundas do interior do estado de Pernambuco. As cartas foram recolhidas no arquivo privado da família Ramos, localizado na cidade de Triunfo, onde os missivistas residiram/residem. Por se tratar de cartas de amor, os missivistas formam três casais. O quadro, a seguir, ilustra a organização do nosso *corpus*:

Quadro 11: Organização do *corpus*

Casais	Missivista masculino/número de cartas	Missivista feminina/número de cartas	Total de cartas	Período de escrita das cartas
Casal I	21	01	22	1956-1958
Casal II	55	61	116	1972-1977
Casal III	04	11	15	1993-1994

Fonte: O autor (2023)

Cabe ressaltar que o plano de trabalho de coleta do *corpus* foi executado por Lima (2018), no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX, XX e XXI*, sob orientação do professor Cleber Ataíde²¹. Na coleta do material, foram seguidas as instruções metodológicas da Sociolinguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista: 1 - Delimitação do material a ser analisado; 2 - Aplicação de questionário Sociolinguístico; 3 - Transcrição semidiplomática²² e codificação do *corpus*; 4 - Divulgação na plataforma digital.

Após o material ser fotografado, realizamos a codificação. No código da carta preocupamo-nos em identificar: o casal ao qual a carta pertence, representado pela letra C e o número que corresponde ao casal: (1) ao primeiro (2) para o segundo e (3) para o terceiro. Em seguida, identificamos o gênero do missivista, representado por (F) para feminino e (M) para masculino; logo após colocamos o ano em que a carta foi escrita ou a sigla SD, quando a carta não possui data; e, por fim, o número da carta. Desta forma, a primeira carta pertencente ao casal 1, escrita no ano de 1956 pela missivista, possui o código C1_F_1956_1.

A transcrição do material foi realizada pelos pesquisadores do LeDoc, seguindo as normas de transcrição semidiplomática, segundo recomendações do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). As normas e as instruções estão disponíveis na plataforma do laboratório: www.ledoc.com.br. Adotados esses procedimentos, realizamos a transcrição das 153 cartas de amor. Também levamos em consideração as condições de produção e o

²¹ O material encontra-se disponível na plataforma digital do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc): <http://ledoc.com.br/sobre>

²² As normas de transcrição estão nos anexos deste trabalho.

contexto sócio-histórico e cultural em que os textos foram escritos, como também a finalidade comunicativa, os temas abordados e a organização estrutural das cartas.

Após a realização das transcrições, a partir da leitura atenta das cartas, realizamos os seguintes passos metodológicos:

- i. Mapeamento das ocorrências do *tu* e *você* na posição de sujeito;
- ii. classificação das cartas a partir da predominância das formas tratamentais;
- iii. identificação das formas de indicação de posse *teu/seu*.
- iv. elaboração de um quadro para controle do número de ocorrências de cada possessivo e a qual pronome pessoal ele fazia a referência;
- v. análise da ordenação do possessivo em relação ao termo possuído;
- vi. análise da semântica do termo possuído;
- vii. análise da distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta.

A seguir, apresentamos um exemplo de como elaboramos o quadro geral para o controle das ocorrências:

Quadro 12: Ocorrências gerais do *teu* e *seu* em referência ao *tu* e *você*

Código da carta	Ocorrências	Posição de sujeito				Indicação de posse	
		<i>Tu</i> Preenchido	<i>Tu</i> Não preenchido	<i>Você</i> preenchido	<i>Você</i> não preenchido	<i>teu</i>	<i>seu</i>
C1_F-SD_1	<i>tu</i> não avalias ais saudades que vivo sofrendo por te nestes dias que não posso passar ao <i>teu</i> lado sentindo a doçura do <i>teu</i> amor	2x				2x	

Fonte: o autor: (2023)

No quadro acima, preocupamo-nos em colocar o código da carta e o trecho em que se encontra a ocorrência para, assim, controlarmos a posição de sujeito e a quantidade de ocorrências de cada possessivo.

4.3 A localidade das cartas

O município de Triunfo, a primeira comunidade linguística explorada para coleta de material, está localizado na mesorregião do alto sertão pernambucano. O município está situado na microrregião do Pajeú, com cerca de 1.010 m de altitude, no planalto da Borborema, inserida na bacia hidrográfica do Rio Pajeú. A cidade possui uma área de aproximadamente 191.516 km², com seu ponto culminante registrado em 1.260 m de altitude, conhecido como Pico do Papagaio. Encontra-se a 399,7 km da capital do estado de Pernambuco, Recife, e de acordo com o último censo do IBGE/2018 o município possui uma população estimada de 15.221 habitantes.

O município de Triunfo, conhecido em fins do século XVIII como Serra da Baixa Verde, era inicialmente habitada por índios Cararis e foi arrendada por Domingos Pereira Pita, em tempos de colonização. A partir de junho de 1824, outros habitantes foram chegando à cidade, atraídos pelas ótimas condições do solo, fontes perenes e vegetação sempre verde.

O nome atual de Triunfo originou-se em comemoração às várias batalhas travadas entre a poderosa família Campo Velho, da cidade de Flores, e os habitantes que faziam o povoado da Baixa Verde crescer cada vez mais. Em junho de 1870, um abaixo-assinado, solicitado à Assembleia Provincial e ao Diocesano, pedia a transformação do povoado em freguesia e, posteriormente, elevação à categoria de Vila. Em junho de 1884, por meio da Lei Provincial nº 1.805, foi criada a comarca de Triunfo e, com isso, a Vila da Baixa Verde foi elevada à categoria de cidade (LIMA, 2018).

O primeiro acervo de textos encontrados pertence ao arquivo privado de uma família residente da zona rural deste município: a família Ramos. Os gêneros textuais coletados estavam armazenados num baú, guardado por membros ainda vivos da família. O acervo de textos contém vários manuscritos datados de meados dos séculos XIX e XX: postais e recibos equivalentes a pagamentos de orações e missas; cartas pessoais de diversos subgêneros; cadernos de anotações de dívidas; inventários; comprovantes de compra e venda de terras; jornais antigos, entre outros ainda não catalogados. A seguir, apresentaremos, em resumo, as informações levantadas sobre os missivistas.

4.4 O perfil social dos missivistas

Por intermédio de um questionário sociolinguístico, proposto por Almeida (2012) e aplicado por Lima (2018) com os integrantes do casal da década de 50, extraímos algumas informações sociais sobre os escreventes mediante os concessores dos materiais. As cartas analisadas narram diferentes fases da história de amor dos dois casais de nordestinos não ilustres.

4.4.1. Casal I (1956-1958)

Sobre as cartas do casal dos anos 50, identificamos a *Missivista* M.R. que nasceu na comunidade rural do sítio Brejinho, no dia 8 de agosto do ano de 1940. Quando criança, foi alfabetizada no nível escolar de primeiras letras. Contudo, para o contexto sociocultural da época e da região, as pessoas que detivessem esse grau de instrução eram consideradas privilegiadas entre os demais. Quando adulta, a missivista ocupou-se com atividades de costura e redação de testamentos e inventários de terras. No mais, era praticante veemente do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, ao lar e à maternidade.

As cartas escritas por M.R. endereçavam-se ao *Missivista Narrador* (R.S.): o escrevente nasceu na mesma comunidade que sua destinatária, no ano de 1935. Trabalhou como agricultor e tirador de trempe (funções designadas para quem trabalha em um dos processos de cozimento da rapadura) no engenho da família de sua amada. O missivista não possuiu nível de escolaridade, portanto suas cartas eram ditadas a um redator.²³

O *Missivista Redator* (T.Q.) viveu na cidade de Triunfo-PE, onde ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do referido município. Também trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, apenas de homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão docente, embora fosse considerado um dos grandes sábios daquela região, já que era um dos poucos letrados em sua comunidade.²⁴

4.4.2. Casal II (1972-1977)

²³ Nesse caso, estamos considerando a “escrita” das epístolas do remetente R.S. como *escrita delegada*, uma vez que o conteúdo empregado no texto é de autoria do sujeito R.S., embora a materialização da língua na modalidade de texto escrito seja realizada por um terceiro interlocutor.

²⁴ Durante a entrevista, o missivista redator (T.Q.) diz que transcreveu fielmente as cartas ditadas pelo missivista narrador (R.S.).

Sobre o casal dos anos 70, a *Missivista* C.R. nasceu na zona rural do município de Triunfo, interior do estado de Pernambuco, em 25 de outubro de 1952. Teve formação superior em Ciências Biológicas, com complementação em Matemática, concluído no ano de 1997. Em sua infância, teve contato contínuo com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de natureza impressa e/ou manuscrita que circulavam nos diversos contextos daquela época, à vista disso, a informante se declara autodidata no processo de alfabetização.

Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida em sua comunidade rural; frequentou a instituição até a 4ª série do ensino fundamental e, logo após esse período, cessou os estudos por cinco anos, retomando-os em 1969 no Colégio Stella Maris, onde formou-se no ensino médio em 1976. Segundo a *missivista*, o relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se casaram em 1º de julho de 1978.

O *Missivista* (J.G) nasceu na cidade de Floresta, interior do estado de Pernambuco, em 25 de abril de 1954. Residiu até os 17 anos na fazenda Porção, zona rural da comuna. Lá, estudou da primeira à quarta série do ensino regular, depois iniciou um supletivo já no município de Triunfo (PE), para concluir o ciclo do fundamental 2.

Ao terminar essa etapa de sua escolarização, ingressou no Ensino Médio (antigo 2º grau) na mesma cidade mencionada. Em meados desse período, mudou-se para a comuna de Custódia (PE). Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e deu continuidade a seus estudos até o ano de 1977, quando foi transferido para Salgueiro (PE), ficando impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização.

4.4.3. Casal III (1993-1994)

No casal dos anos 90, o casal III, a *Missivista* M foi alfabetizada em uma escola da zona rural, no município de Triunfo (PE); deu subsequência aos estudos formando-se em magistério, em 1993, na zona urbana do município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE. O *Missivista* S. L. nasceu na zona rural e frequentou a escola na localidade na qual viveu, no município de Triunfo (PE), e concluiu o que se conhece hoje por Ensino Médio (2º grau).

Apresentado as informações sobre o *corpus*, o tratamento dos dados e as informações dos *missivistas*, na próxima seção, apresentaremos algumas dificuldades encontradas na realização da pesquisa.

4.5 Algumas dificuldades encontradas no *corpus*

Revisitando algumas das dificuldades apontadas na discussão sobre a Linguística Histórica, apresentaremos as dificuldades que permeiam o nosso *corpus*. O fato de alguns dos missivistas ainda viverem em Triunfo fez com que o nosso estudo não enfrentasse problemas voltados à *validade histórica e social e da pouca autenticidade dos dados*. No entanto, naturalmente, deparamo-nos com outros que dificultaram alguns procedimentos da pesquisa.

O primeiro deles foi o *caráter fragmentário e a falta de representatividade dos dados*, pois o primeiro casal possui apenas uma carta da missivista. Diante disso, não possuímos dados equilibrados dos missivistas, o que impossibilita a realização do controle mais preciso das variáveis sociais, como por exemplo, a variável sexo. No entanto, essa questão de não possuímos um número equilibrado de cartas entre os missivistas de cada casal e de um casal para outro não nos impediu de utilizarmos um programa estatístico para a rodagem dos dados.

A segunda dificuldade com que nos deparamos ainda no primeiro casal foi o problema da *autoria*. Esse problema surge ao passo que o missivista narrador (R.S.), por não saber escrever, ditava suas cartas à outra pessoa, nesse caso, o missivista redator (T.Q.). Com isso, cria-se o questionamento se o missivista redator não haveria realizado interferências na escrita das cartas. No entanto, consideramos as palavras do missivista redator que diz, na entrevista concedida ao pesquisador Lima (2018), não ter realizado qualquer interferência durante a transcrição.

O fato de ter sido possível realizar uma entrevista com os missivistas faz com que a nossa pesquisa enfrente menos problemas quanto aos dados sociais. Tais problemas dificultam, mas não tornam o estudo impossível. Consideramos ser importante elencar os problemas que permeiam o nosso *corpus* para que tenhamos conhecimento de que a pesquisa sofrerá algumas limitações.

4.6 Os fatores de análise/variáveis independentes

Para a realização desta pesquisa, com ajuda da Sociolinguística Variacionista, delimitamos a variação entre os pronomes possessivos na indicação de posse para a segunda pessoa do singular como a nossa variável dependente, realizada por meio das variantes *teu* e *seu* (e suas variações de gênero e número). No tocante às variáveis independentes, como possíveis condicionantes da variação, selecionamos 9 variáveis, que se distribuem em 6 linguísticas e 3 sociais.

Como variáveis independentes linguísticas, selecionamos: *a posição de sujeito (preenchida e não preenchida), a posição do possessivo em relação ao termo possuído, a semântica do possessivo, a estrutura composicional da carta, o número do possessivo e o gênero do possessivo*. Como variáveis independentes extralinguísticas foram selecionadas: *variável gênero, escolaridade e a década em que a carta foi escrita*.

Para submetermos as variáveis ao programa de estatística *GoldVarb X*, realizamos a codificação dos dados seguindo os códigos da tabela a seguir:

Quadro 13: codificação dos dados

VARIÁVEIS DEPENDENTES			
TEU	Código	SEU	Código
	1		2
VARIÁVEIS INDEPENDENTES			
Variáveis sociais		Variáveis linguísticas	
Década	Código	Posição de sujeito	Código
D. 50	C	Tu preenchido	T
D. 70	S	Tu não preenchido	O
D. 90	N	Você preenchido	V
		Você não preenchido	W
Sexo	Código	Semântica do substantivo	Código
Homem	H	Animado	J
Mulher	M	Inanimado	K
Escolaridade	Código	Posição do possessivo	Código
Ensino Fundamental	F	Pré-nominal	A
Ensino médio	Z	Pós-nominal	B
Ensino Superior	E	Estrutura da carta	Código
		Captação da benevolência	L
		Núcleo da carta	U
		Seção de despedida	D
		P.S.	G
		Número do possessivo	Código
		Singular	I
		Plural	P
		Gênero do possessivo	Código
		Masculino	Q
		Feminino	R

Fonte: o autor (2023)

Após a seleção dos códigos para cada variável selecionada, realizamos a codificação dos dados, submetemos ao programa de estatística *GoldVarb X*. Nessa rodagem, controlamos nove variáveis independentes que serão apresentadas na próxima seção.

4.6.1 A variável *década de escrita da carta* como fator condicionante da variação *teu/seu*

Essa variável foi selecionada a fim de compararmos em uma linha temporal o comportamento das variantes ao longo das três décadas. Assim como Souza (2012), que identificou que, a partir de 1930, o *você* apresenta predomínio em relação ao *tu*. Respaldados por esse dado, esperamos que em nosso recorte temporal, que vai de 1956 a 1994, encontremos o crescimento contínuo das formas ambíguas *você-seu* e o declínio das formas *tu-teu*.

Nesse sentido, selecionamos as seguintes hipóteses:

- I. Na década de 50, os missivistas tendem a preservar as formas canônicas *tu-teu*;
- II. nas décadas de 70 e 90, os missivistas preferem utilizar as formas inovadoras *você-seu*;

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- Década de 50:

(01) *tú* não con= |fias em mim e duvida dos meus | protestos de amor deixas de acreditar | em mim que sou *teu* noivo. (C1_M_1958_11)

- A partir da década de 70:

(02) | Talvez *você* venha ainda com *suas* desculpas, mas não adianta, | sempre a mesma coisa e isto eu já acho o cúmulo. (C2_F_1974_14)

4.6.2 A variável *sexo* como fator condicionante da variação *teu/seu*

Selecionamos essa variável com o intuito de analisarmos se ela pode ser um fator condicionante da variação dos possessivos *teu/seu*. Para discutir os resultados, utilizaremos as Teorias de Poder e Solidariedade (BROWN E GILMAN, 1960) e a Teoria da Polidez (BROWN E LEVINSON, 1987). Para tanto, selecionamos as seguintes hipóteses:

- I. As mulheres tendem a conservar as formas canônicas prescritas pela gramática normativa *tu-teu*;
- II. os homens preferem utilizar as formas inovadoras *você-seu*;

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- Missivistas femininas:

(03) D. Carlinda me falou que tu não | falou a sua mãe a respeito disto.(C2_F_1974_16)

- Missivista masculino:

(04) Eu estou preocupada com esta idéia de | *você* entrar na polícia, principalmente porque *você* não tem | ordem de *sua* mãe. (C2_F_1974_16)

4.6.3 A variável *escolaridade* como fator condicionante da variação *teu/seu*

Selecionamos essa variável a fim de analisarmos se ela pode ser um fator condicionante da variação dos possessivos *teu* e *seu*. A escolha dessa variável se deu por ser uma variável social muito significativa nos trabalhos em sociolinguística. Nas palavras de Neta (2012): “os estudos realizados nessa área têm verificado correlação significativa entre os tipos de variantes e o grau de escolarização”. Algo que deve ser considerado é que esse fenômeno parece não apresentar estigmatização como fenômenos de ordem fonética, a exemplo, o rotacismo.

Além disso, o nosso *corpus* apresenta missivistas com três níveis de escolaridade distintos. Diante disso, acreditamos que os missivistas com grau de escolaridade mais elevado tenderão a preservar as formas canônicas.

Portanto, lançamos mão das seguintes hipóteses:

- I. Os missivistas com grau de escolaridade mais elevado tendem a conservar as formas canônicas prescritas pela gramática normativa *tu-teu*;
- II. os missivistas com grau de escolaridade menos elevado tendem a utilizar as formas inovadoras *você-seu*;

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- Missivistas com grau de escolaridade elevado:

(05) *tú* não con= |fias em mim e duvida dos meus | protestos de amor deixas de acreditar | em mim que sou *teu* noivo e te | amo com firmeza; para dares ouvi= | do e apoio as calunias e mentiras | de pessoas que ali vivemcorroidas de inveja do nosso amor e do nosso | noivado. (C1_M_1958_11)

- Missivistas com grau de escolaridade menos elevado:

(06) Para finalizar só quero | dizer-lhe que só desejo a tua felicidade, mesmo | que seja necessário perder a minha, pois *você* é | a minha razão de viver. Depois deste desentendi- | mento não cheguei a uma conclusão do que | está sentindo e como você vai decidir-se; só por | causa desta frase: “logo irei aí resolver isto.” Estou | lhe esperando e pronta para aceitar *sua* decisão. (C2_F_1976_40)

4.6.4 As formas na posição de sujeito

Elencamos a *posição de sujeito* como um fator de análise com o intuito de sabermos se o *tu* ou o *você*, quando na posição sintática referida, influencia a escolha dos possessivos *teu* e *seu*. Vale ressaltar que consideramos também o *tu* e o *você* em posição de objeto, no entanto não controlamos essa distinção. Segundo Lopes e Cavalcante (2011, p. 45), no português brasileiro, em meados do século XIX e início do século XX, havia grande ocorrência de sujeito não preenchido. Em contrapartida, a partir dos anos 30, a categoria preenchida começou a se tornar a mais utilizada. Diante disso, também verificamos a distribuição dos possessivos de acordo com as categorias preenchida e não preenchida de sujeito.

Dessa forma, ao mapearmos a ocorrência do pronome possessivo, procuramos a forma tratamental à qual ele faz referência. Vale ressaltar que formas elípticas do *você* em contextos em que o pronome *tu* estava em posição preenchida de sujeito foram consideradas como referente *Tu*, por acreditarmos que o missivista referencie com o possessivo a forma explícita canônica. Mediante isso, classificamos as cartas em que o sujeito é *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo ou *Tu~Você*.

Para isso, verificamos o pressuposto de Pereira (2016) que diz:

- I. Quando o sujeito é *tu* (exclusivo) há a preferência pelo possessivo *teu*;
- II. quando o sujeito é *você* (exclusivo) há a preferência pelo possessivo *seu*;
- III. quando ocorre a alternância entre *tu* e *você* ocupando a posição sujeito, há também alternância na escolha do possessivo *teu/seu*, sendo possível encontrar o possessivo *teu* em referência ao pronome pessoal *você*.

- IV. Quando o sujeito não é preenchido, o falante possui maior liberdade para utilizar tanto o *teu* quanto o *seu*.

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- Sujeito *tu* (exclusivo):
(07) tú nunca_s dei= |xe_s de acreditar em mim que sou o teu | noivo(C1_M_1958_11)
- Sujeito *você* (exclusivo):
(08) você | acabou o *seu* casamento por sua livre vonta= | de?(C1_M_SD_17)
- Alternância entre *tu* e *você* em posição de sujeito:
(09) Maria se eu não | me casar com você eu não caso | com outra porque de que me vale a | vida sem o teu amor? (C1_M_SD_21)

(10) *Tu* não deveria ter ciúmes de mim, não esqueças que o meu amor é só *seu*. (C2_F_1975_21)
- Sujeito não preenchido:
(11) Meu bem, foi ótimo *teres* ido visitar tua mãe. (C2_F_1975_23)

(12) E mande dizer quando | vem para não acontecer o que ocorreu ontem. Mas uma | vez feliz viagem ao Recife e leve-me em seus pensamento.#(C2_F_1975_29)

4.6.5 O valor semântico do termo possuído

Considerando a natureza do nosso *corpus*, que é composta por cartas de casal pressupõe-se a existência de uma relação de intimidade entre os falantes e, conseqüentemente, a preferência pelas formas *tu-teu*, que denotam proximidade entre os interlocutores. No entanto, isso não impede que, mesmo em cartas de casal, haja ocorrências de formas de terceira pessoa, as quais denotam um grau de cerimônia e distanciamento. Em virtude disso, selecionamos o fator *a semântica do termo possuído* para analisarmos se esse fator pode

condicionar o uso de uma ou de outra variante, e, assim, possa explicar a escolha pelas formas de terceira pessoa.

Como hipóteses, com base em Soares (1999), elencamos as seguintes:

- I. O possessivo *teu* é mais utilizado para realizar a indicação de posse de substantivos animados;
- II. o possessivo *seu* é mais utilizado para a indicação de posse de substantivos inanimados.²⁵

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- *Teu* indicando a posse de substantivo inanimado:

(13) Recebí, tua carta; não sei se devo dizer-te que o motivo | que me leva a escrever-te são saudades.(C2_F_1975_31)

- *Seu* indicando a posse de substantivos animado:

(14) Carlinda me falou que *tu* não | falou a sua mãe a respeito disto. (C2_F_1974_16)

4.6.6 Posição do possessivo em relação ao termo possuído

A partir desse fator, buscamos identificar se a posição do possessivo em relação ao termo possuído pode condicionar a escolha de uma ou de outra forma. Para tanto, analisamos se os possessivos se encontram em posição pré-nominal ou pós-nominal; analisamos em quais contextos morfossintáticos há a realização do possessivo em tais posições; e se há preferência pelo possessivo *teu* ou *seu* para ocupar as posições pré-nominal ou pós-nominal. Em face disso, apresentamos as seguintes hipóteses:

- I. O *teu* é mais ocorrente em posição pré-nominal;
- II. o *seu* é mais ocorrente em posição pós-nominal;

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- O possessivo *teu* em posição pré-nominal:

²⁵ Consideramos como substantivos animados os seres vivos e inanimados os que não possuem vida.

(11) Não sei explicar-te melhor por meio de uma carta, só| com a *tua presença* é que podemos conversar detalhadamente. (C2_F_1975_25)

- O possessivo *seu* em posição pós-nominal:

(12) Será que dá para mandar ao menos | um bilhete, isto é se não for demais ou melhor se você que | mereço uma *notícia sua*. (C2_F_1975_28)

4.6.7 A estrutura composicional da carta

Selecionamos esse fator com o intento de analisarmos se a estrutura composicional da carta, tal como, a captação de benevolência, o núcleo e a seção de despedida, pode ser uma variável condicionante da variação *teu/seu*. Na análise dos dados, utilizaremos o conceito de Tradição Discursiva para verificarmos se a repetição de um determinado possessivo, num dado contexto expresso na estrutura da carta, possa significar uma tradição. Nesse sentido, elencamos as seguintes hipóteses:

- I. O *teu* é mais ocorrente na saudação inicial e até o início do núcleo da carta pelo fato de que mesmo o missivista não realizando o pronome pessoal *tu* ele inicia a escrita com um certo cuidado vale-se da norma padrão e exprime sentimentos de modo mais intenso;
- II. o *seu* é mais ocorrente a partir do núcleo da carta, pelo fato de que o missivista já apresenta uma escrita menos policiada e já começa a tratar de alguns assuntos mais sérios, menos sentimentais.

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- O possessivo *teu* no início da carta:

(13) Recebi a *tua* cartinha fiquei muito feliz em saber notícias *tuas*. (C2_F_1974_16)

- O possessivo *seu* a partir do núcleo da carta:

(14) Olhe Celma por hoje é só beijos e abraços do sempre *seu* | que não lhe esquece lembranças as meninas etalvez | daqui pra domingo estarei pela air. (C2_M_1975_32)

4.6.8 O número do possessivo

Como apresentado na análise das gramáticas, os pronomes possessivos apresentam a flexão em concordância com o número do possuído. Dessa forma, decidimos analisar se a flexão de número singular ou plural pode influenciar na variação dos possessivos *teu* e *seu* na indicação de posse para a segunda pessoa do singular. Nesse sentido, elencamos as seguintes hipóteses:

- I. O possessivo *teu* seria mais utilizado no singular por se referir mais a substantivos como: amor, carinho e carta.
- II. O possessivo *seu* seria mais utilizado no plural por se referir mais a substantivos como: pais, braços, beijinhos.

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

(15) Celma Recebi *tua* carta e fiquei muito preocupado | nunca esperava isso.
(C2_M_1976_38)

(16) Celma meu amor: Recebe *suas* duas missivas cartinhas, as mesmas | me deixou contente.
(C2_M_1976_41)

4.6.9 O gênero do possessivo

Como apresentado no estudo sobre o que as gramáticas postulam sobre os pronomes possessivos, eles apresentam a flexão em concordância com o gênero do possuído. Com base nisso, decidimos selecionar esse fator também como uma possível variável condicionante da variação entre *teu* e *seu*. Diante disso, decidimos, assim como Pereira (2016) e Tosi (2021), realizar o controle dessa variável como possível condicionante dessa variável. Para analisar essa variável, selecionamos as seguintes hipóteses:

- I. O possessivo *tua* seria mais utilizado por se referir a substantivos femininos como: carta, mãe, casa, que são muito recorrentes nas cartas.
- II. O possessivo *seu* seria mais utilizado no masculino por se referir a substantivos como: pai, amor, carinho, que são muito recorrentes nas cartas.

Os exemplos extraídos do nosso *corpus*, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- O possessivo feminino *tua*:

(17) Não se <↑pode> amar sem sofrer porque é gran= | de o meu sofrimento viver separado de | ti e sem ter o direito de ir na *tua* casa | para matar as saudades quando elas se tor= |nam insuportáveis. (C1_M_SD_21)

- O possessivo masculino *seu*:

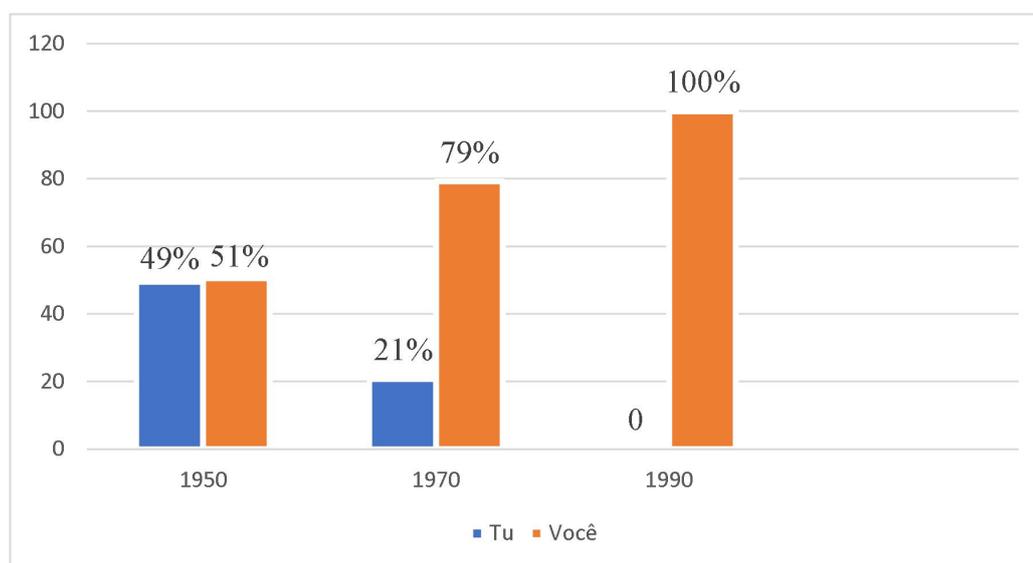
(18) Serto sei que estou errado mas sinto que já | fiz muito esforço por você, quantas vezes de 15 em | 15 dias eu estava ao *seu* lado. (C2_M_1976_38)

A partir da apresentação do levantamento bibliográfico, que corresponde à contextualização da temática, do embasamento teórico e da metodologia adotada, na próxima seção, dispomos e analisamos os resultados obtidos. Antes de passarmos para a amostra dos dados, cabe aqui especificar que, com base nos pressupostos teóricos das Tradições Discursivas, analisamos os dados a fim de excluir da quantificação os dados que já configuram tradições discursivas. Dessa forma, estruturas como *seu João* não foram quantificadas – uma vez que tais construções são formas cristalizadas; ademais, a palavra *seu* não indica posse, mas sim vocativo advindo da palavra *senhor*.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, antes de apresentarmos os resultados sobre a variação dos pronomes possessivos aqui estudados, demonstramos os resultados sobre a variação das formas *tu* e *você* na posição de sujeito. Esses dados são evidenciados com base no estudo de Lima (2018), que analisou a distribuição das formas *tu* e *você* em posição de sujeito nas cartas das décadas de 50 e 70. Nesse sentido, observamos como essas formas se comportam ao longo das três décadas com o intuito de identificarmos se há alguma relação com o comportamento das formas possessivas. O gráfico 1 ilustra os resultados desse estudo:

Gráfico 1: ocorrências dos pronomes *tu* e *você* ao longo das três décadas



Fonte: adaptado de Lima (2018)

De acordo com os dados presentes no gráfico, é possível observar que na década de 50 há uma frequência muito próxima das formas *tu* e *você* na posição de sujeito. Na década de 70, já é possível observar que houve o uso majoritário do *você* na posição de sujeito, como destaca Lima (2018). Na década de 90, por sua vez, houve total uso do *você* na posição de sujeito.

A fim de tentarmos compreender melhor o uso dos pronomes possessivos nas missivas, realizamos, assim como Lopes *et al.* (2018), uma classificação da simetria do tratamento utilizado nas 153 cartas. Sendo assim, classificamos as missivas em *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo e *Tu-Você*.

A análise é realizada por casal com o intuito de verificarmos melhor a trajetória das formas *tu* e *você* ao longo das três décadas. Na tabela abaixo, podemos observar os resultados dessa classificação:

Quadro 14: Classificação das cartas

Década	<i>Tu</i> exclusivo	<i>Você</i> exclusivo	<i>Tu~Você</i>
1950	36%	23%	41%
1970	24%	60%	16%
1990	0	100%	0

Fonte: o autor (2023)

As 22 cartas do casal I, que datam da década de 50, distribuem-se em 8 cartas (36%) de simetria *Tu*-exclusivo, 5 cartas (23%) de *Você*-exclusivo e 9 cartas (41%) de *Tu~Você*. Quanto à classificação das 116 cartas do casal da década de 70, os dados apresentam uma mudança em relação à escolha da simetria do tratamento. Nesse casal, a simetria *Você*-exclusivo é predominante, com 70 (60%) das ocorrências; o *Tu*-exclusivo com apenas 27 (24%) e 19 (16%) de *Tu~Você*. Nas 15 cartas do casal III, datadas da década de 90, ocorre uma guinada em relação à década de 50. As 15 cartas analisadas apresentam simetria *Você*-exclusivo, sendo possível observar o *te* e *teu* coindexados ao *você*. Os dados apresentados corroboram o estudo de Lopes *et al.* (2018), em que são identificadas três fases do comportamento da variação *tu/você*.

Nesse sentido, de acordo com a autora, na terceira fase (1930-1970), na qual a maior parte das cartas que compõem o nosso *corpus* insere-se, o pronome *você* se apresenta como mais ocorrente que o pronome *tu*. Em consonância ao estudo de Lopes *et al.* (2018), os resultados apresentam um constante crescimento do número de cartas de simetria *Você*-exclusivo e constante declínio de cartas de simetria *Tu*-exclusivo e *Tu~Você*.

Nesse sentido, embora não tenhamos um número equivalente de cartas para cada uma das três décadas, podemos identificar, assim como Lopes *et al.* (2018), três fases da variação *tu/você* no *corpus*:

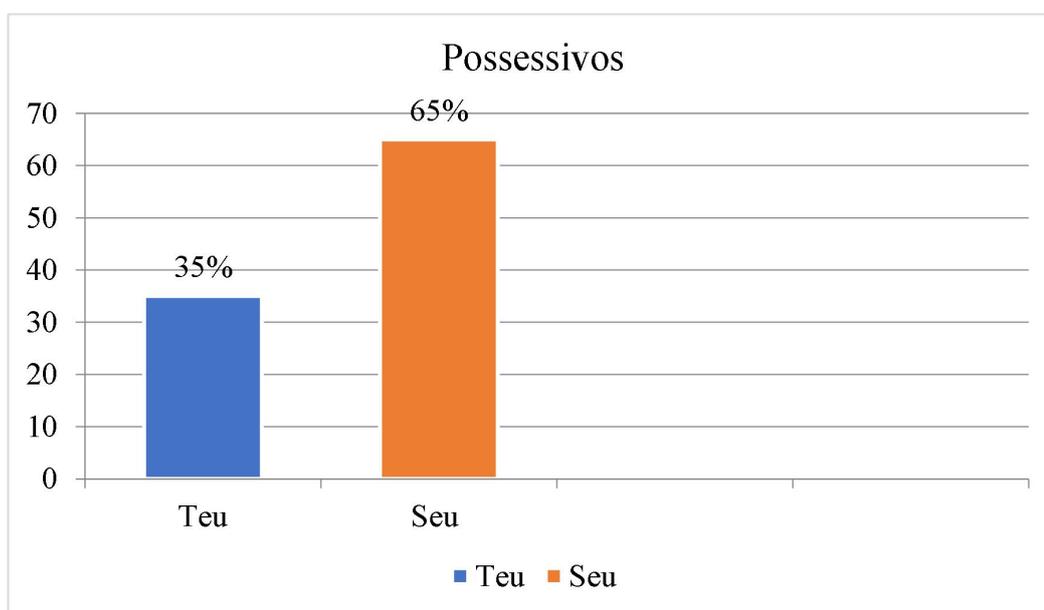
- 1ª fase: de 1956 a 1958 as duas formas apresentam números de ocorrências próximos;
- 2ª fase: de 1972 a 1977 *você* passa a ser mais ocorrente que o pronome *tu*;
- 3ª fase: entre 1993 e 1994 *você* passa a ser a forma utilizada na posição de sujeito.

Na próxima seção, apresentamos os dados dos possessivos *teu* e *seu* encontrados no *corpus*.

5.1 Quantitativo geral das ocorrências de *teu/seu*

Em relação à indicação de posse para a segunda pessoa do singular, encontramos no *corpus* 314 ocorrências das formas pronominais possessivas *teu/seu*. Essas ocorrências se distribuem em 111 da variante *teu* e 203 da variante *seu*. Esse dado mostra que a variante *seu* é a mais ocorrente nas cartas do sertão de Pernambuco. O gráfico a seguir ilustra esses resultados:

Gráfico 2 – Ocorrências gerais dos possessivos



Fonte: o autor (2023)

Como apresentado no gráfico 1, o possessivo *seu* apresenta 65% (203 ocorrências), sendo a variante mais ocorrente no *corpus*. Por outro lado, o possessivo *teu* apresenta 35% (111 ocorrências). Esses dados foram obtidos por meio do programa *GoldVarb X*. Após a rodada geral (rodada *No Record*), os dados foram submetidos à análise de regra variável (*Binomial, Up and Down*). Das nove variáveis controladas, o programa elencou como estatisticamente significantes, em ordem de relevância: (i) a posição de sujeito, (ii) a semântica do termo possuído, (iii) a década em que as cartas foram escritas, (iv) a estrutura composicional da carta e (v) a posição do possessivo. Para fins de análise de peso relativo, adotamos como valor de aplicação a variante *seu*.

Em seguida, apresentamos os resultados das variáveis independentes selecionadas, seguindo a ordem de relevância apontada pelo programa *GoldVarb X*. As frequências (de ocorrência e percentual) das variáveis não selecionadas serão apresentadas nos anexos deste trabalho.

5.2 A posição de Sujeito

A primeira variável considerada relevante pelo programa de estatística foi a variável posição de sujeito. No quadro a seguir apresentaremos os dados tomando como referência o possessivo *teu*:

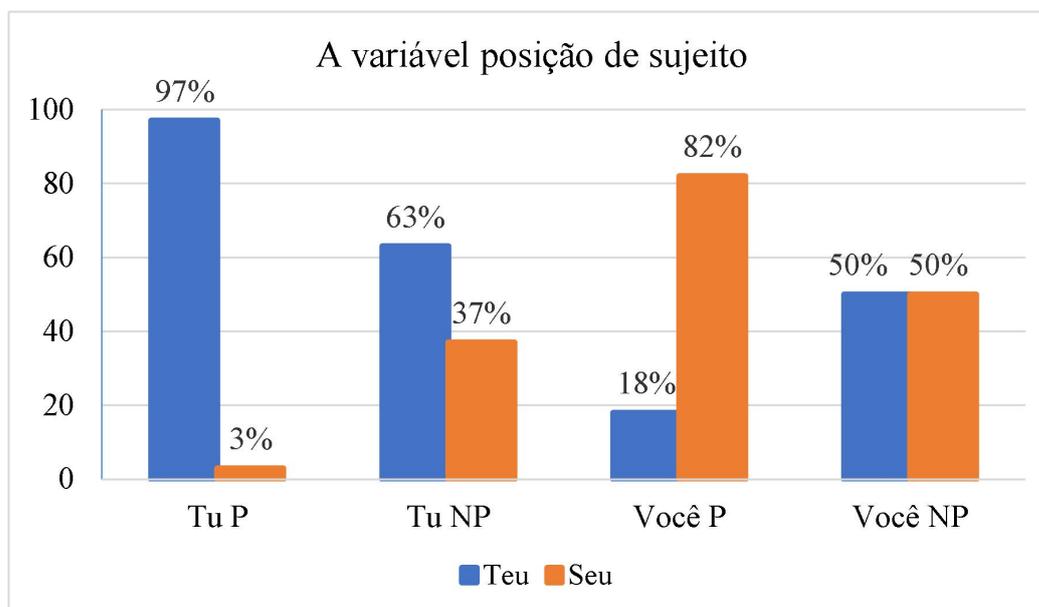
Quadro 15: A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito

A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito					
Fatores	Teu		Seu		Peso Relativo
	Aplicação total	%	Aplicação total	%	
Tu Preenchido	33/34	97%	1/34	3%	.959
Tu não Preenchido	37/59	63%	22/59	37%	.800
Você Preenchido	40/219	18%	179/219	82%	.286
Você não Preenchido	1/2	50%	1/2	50%	.997

Fonte: o autor (2023)

Para melhor ilustrar a organização dos dados, apresentamos também em forma de gráfico a fim de ficar mais compreensível o comportamento das variantes:

Gráfico 3: A posição de sujeito



Fonte: o autor (2023)

Como apresentado no gráfico 3 e no quadro 15, o fator *posição de sujeito tu preenchido* (com peso relativo de .959) apresenta 97% (33 ocorrências) do possessivo *teu* e 3% (1 ocorrência) do possessivo *seu*. Em referência ao *tu não preenchido* (com peso relativo de .800) há 63% (37 ocorrências) do possessivo *teu* e 37% (22 ocorrências) do possessivo *seu*. Em se tratando das ocorrências dos possessivos em referência ao *você preenchido* (com peso relativo de .286), o gráfico apresenta 18% (40 ocorrências) do possessivo *teu* e 82% (179 ocorrências) do possessivo *seu*. Por fim, quando o *você não preenchido* (com peso relativo de .997) ocupa a posição de sujeito, os possessivos se distribuem em 50% (1 ocorrência) do possessivo *teu* e 50% (1 ocorrência) do possessivo *seu*.

Esses dados mostram que a categoria *preenchimento do sujeito* é um fator significativo para a escolha das variáveis. Quando o *tu* preenchido ocupa a posição de sujeito, o possessivo utilizado é o possessivo *teu*, havendo apenas uma ocorrência do possessivo *seu*. Como mostrado nos exemplos a seguir retirados do *corpus*:

- Possessivo *teu* em referência a *tu* preenchido:

(01) Espero minha noiva em *tú* atender ao meu convite porque o meu coração sente sede do *teu* amor. (C1_M_1958_14)

(02) *tu* não avalias ais saudades que vivo sofrendo por te nestes dias que não posso passar ao *teu* lado sentindo a doçura do *teu* amor. (C1_F_SD_1)

- Possessivo *seu* em referência a *tu* preenchido:

(03) *tú* fale sobre este assunto a *téus* país e depois me diga o que eles disseram porque eu já estou sismado e não falar com *seu* pai sem primeiro saber alguma solução.” (C1_M_1957_6)

(04) *tu* não falou a *sua* mãe a respeito disto. (C2_F_1974_16)

O exemplo (03) apresenta uma ocorrência do possessivo *seu* coindexado ao pronome *tu*. Antes dessa realização, o missivista utilizou o possessivo *teu*, o que constata que essa variante é a mais habitual a ser utilizada para a indicação de posse nessa década. Embora o sintagma nominal “*seu pai*” esteja indexado ao *você* oculto no imperativo, essa forma elíptica dá a abertura para a instabilidade do uso das formas ao consideramos a oração anterior. Como progressão dessa instabilidade, o *seu* já começa a surgir diretamente em referência ao pronome pessoal *tu*, como apresentado no exemplo (04), o qual foi retirado de uma carta do missivista do casal da década de 70.

Como apresentado nos exemplos, esse dado de uma única ocorrência do possessivo *seu* em referência ao *tu* na posição de sujeito mostra não só que há a relação de concordância entre *tu-teu*, como também pode indicar o início da especialização do possessivo *seu* como indicador de posse para a segunda pessoa do singular.

Ao analisar as ocorrências dos possessivos em referência ao *tu* em posição não preenchida de sujeito, o possessivo *seu* apresenta 37% das ocorrências. Esse dado é um possível indicador de que, quando o *tu* não é realizado, o possessivo *seu* é favorecido. Os exemplos a seguir ilustram esses resultados:

- Possessivo *teu* em referência a *tu* não preenchido:

(05) Não podes imaginar qual minha alegria ao receber notícias *tuas*. (C2_F_1976_47)

(06) Como estás; bem? Almejo que esta | ao chegar em *tuas* mãos, tudo esteja em | harmonia. Recebí *teu* presente agora à noite. (C2_F_1976_47)

- Possessivo *seu* em referência a *tu* não preenchido:

(07) Sei que sabes muito bem, como a gente se alegra quando a pessoa que | dedicamos amor, atinge o *seu* ideal, tanto desejado. (C2_F_1974_17)

- (08) Meu bem; por hoje é só. Um beijinho e dois abraços. Lembranças minhas a Dona Terezinha, Moura e todos que prezas. A *sua*: Celma Gomes. (C2_F_1974_17)

Os exemplos apresentados mostram que o possessivo *seu* passa a ser mais ocorrente na indicação de posse da segunda pessoa do singular. Sendo a língua portuguesa uma língua em que o sujeito é mais realizado de forma oculta, esse contexto favorece o emprego da variante *seu*. Ao analisarmos os exemplos (07) e (08), podemos ver que o possessivo *seu* passa a ser favorecido nos contextos em que o *tu* é realizado na posição não preenchida de sujeito. Além disso, a forma nominal *a gente*, assim como o *você*, uma forma inovadora, por ser uma variante do plural pode ter condicionado o emprego do possessivo *seu* no exemplo (07).

Esses exemplos corroboram o estudo de Duarte (1995) em que se é observado que com a inserção do *você* e a *a gente* no paradigma de pronomes pessoais do Português Brasileiro enfraquece as flexões verbais. Dessa forma, a partir do século XIX, devido ao sincretismo das formas flexionais, houve maior necessidade de se preencher a posição de sujeito. Diante disso, os nossos dados mostram que o *você* passa a ser a forma preferida para ocupar essa posição e o possessivo além de acompanhar o *você* é favorecido quando o *tu* está em posição não preenchida.

Em se tratando da distribuição dos possessivos em referência ao *você* preenchido na posição de sujeito, podemos identificar duas questões. Além da concordância *você-seu*, identificamos também que o *você* é mais realizado em posição preenchida de sujeito. Isso favorece a realização do possessivo *seu* e o declínio do possessivo *teu*, uma vez que o *você* está quase suplantando o pronome *tu*.

- Possessivo *teu* em referência a *você* preenchido:

- (09) pedi que *você* não faltasse aula e *você* não ligou o mesmo acontece com os dentes e tantas outras coisas que *você* só faz o contrário. Quero dizer que continue como bem entender pois cada cabeça é um mundo. acho que é para o *teu* bem, mas haja como achar melhor. (C2_F_1973_10)
- (10) No dia 31/12/93 fiquei super feliz quando me chamou pra passar o reveion na *sua* casa, com *você*, não como namorados, mas so o fato de estar a *seu* lado era o suficiente para mim. ~~mas quando Dea falou a~~ e pensei ele ainda gosta de mim vi um certo brilho nos *teus* olhos! (C3_F_SD_10)

- Possessivo *seu* em referência a *você* preenchido:

- (11) Eu estou preocupada com esta idéia de *você* entrar na polícia, principalmente porque *você* não tem ordem de *sua* mãe. (C2_F_1974_16)

- (12) Talvez *você* venha ainda com *suas* desculpas, mas não adianta, sempre a mesma coisa e isto eu já acho o cúmulo. (C2_F_1974_13)

Por fim, a distribuição dos possessivos em referência ao *você* em posição não preenchida de sujeito apresenta um quadro empatado, em que há apenas uma ocorrência do possessivo *teu* e uma ocorrência do possessivo *seu*. Algo que foi observado, como mencionado anteriormente, é a forma *você* apresentando especialização na posição preenchida de sujeito.

Em síntese, a análise da posição de sujeito corroborou a hipótese de que há uma correlação de formas *tu-teu* e *você-seu*. Ou seja, como prevemos em hipótese, quando o *você* está na posição de sujeito, o possessivo empregado é o possessivo *seu*. Foi possível observar também que o pronome *tu* em posição não preenchida de sujeito favorece o emprego do possessivo *seu* no *corpus*, com 37% das ocorrências. Uma vez que observamos uma correlação entre as formas, esse dado (37% do possessivo *seu* em referência ao *tu* não preenchido) parece ser significativo dentro desse fator.

5.3 A semântica do termo possuído

Seguindo a ordem de relevância apresentada pelo programa estatístico, apresentamos, nesta seção, os dados obtidos por meio do controle da variável *a semântica do termo possuído*. Vejamos, no quadro 14, os resultados obtidos na análise de regra variável:

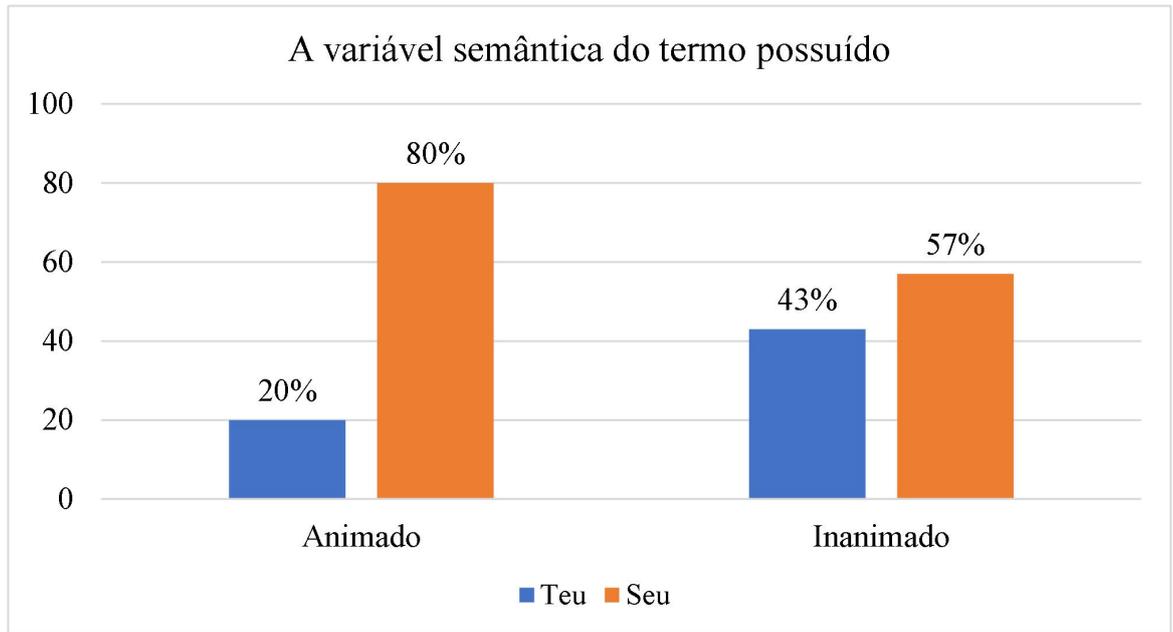
Quadro 16: A semântica do termo possuído

A semântica do termo possuído					
Possessivos	Teu		Seu		Peso Relativo
Fatores	Aplicação total	%	Aplicação total	%	
Animado	21/104	20%	83/104	80%	.300
Inanimado	90/210	43%	120/210	57%	.603

Fonte: o autor (2023)

Para melhor ilustrar a organização dos dados, apresentamos também em forma de gráfico, a fim de ficar mais compreensível o comportamento das variantes:

Gráfico 4: a semântica do termo possuído



O gráfico 4 nos apresenta a distribuição das variáveis de acordo com a semântica do termo possuído. Os possessivos em indicação de posse a substantivos *animados* (com peso relativo de .300) se distribuem em 20% (21 ocorrências) do possessivo *teu* e 80% (83 ocorrências) do possessivo *seu*. Em relação à indicação de posse a substantivos *inanimados* (com peso relativo de .603), a distribuição se dá em 43% (90 ocorrências) do possessivo *teu* e 57% (120 ocorrências) do possessivo *seu*.

Vejamos os exemplos:

- *teu* e *seu* em indicação de posse de substantivos animados:

(13) “[...] *tú* fale sobre | este assunto a *téus* país e depois me | diga o que eles disseram porque eu já | estou sismado e não falar com | *seu* pai sem primeiro saber algu|ma solução.” (C1_M_1957_6)

- *teu* e *seu* em indicação de posse de substantivos inanimados:

(14) “[...] Olhe benzinho as fotos ainda na tirei mas não si | preocupe quando eu for air levarei. || Olhe aquela cansanzinha que se chama Charly | bem entendido parece um pouco com agente, dessa | vez sei que aprendo a cantar CHARLY. CELMA desde que ti | conheci sob os *teus* cuidados pouco a pouco foi voltando | a viver ao *seu* lado, mas quando queria voar meu desejo | era mais forte isto foi minha sorte *você* cruzar o meu | caminho” (C2_M_1974_14)

No exemplo (13), retirado de uma carta do missivista do casal I, há uma realização do possessivo *teu* e uma do possessivo *seu* indicando a posse de substantivos animados. Os dois possessivos estão indicando a posse de uma mesma palavra pai/pais. A única diferença é que o possessivo *teus* se encontra no plural em concordância com *pais*, mas o valor semântico do substantivo nas duas ocorrências é o mesmo.

No exemplo (14), retirado de uma carta do missivista do casal II, também encontramos uma ocorrência do possessivo *teu* e uma do possessivo *seu* indicando posse a substantivos inanimados. A ocorrência de *teu* está ligada ao substantivo *cuidados* e a ocorrência do possessivo *seu* está ligada ao substantivo *lado*; como se pode notar, os dois substantivos são inanimados. Nesse sentido, esses resultados parecem indicar que a classificação dos substantivos quanto a animados e inanimados parece não influenciar na variação dos possessivos *teu* e *seu* no âmbito da segunda pessoa do singular. Vale ressaltar que a carta em que os possessivos foram realizados é de simetria *você* exclusivo, o exemplo apresenta como referente um vocativo, mas logo após utiliza o *você* como objeto.

Na próxima seção, apresentamos os resultados da análise das ocorrências dos possessivos ao longo das três décadas.

5.4 A variável década

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos a partir do controle da variável *década* que corresponde às cartas de cada casal. Vejamos, no quadro, os resultados obtidos na análise de regra variável:

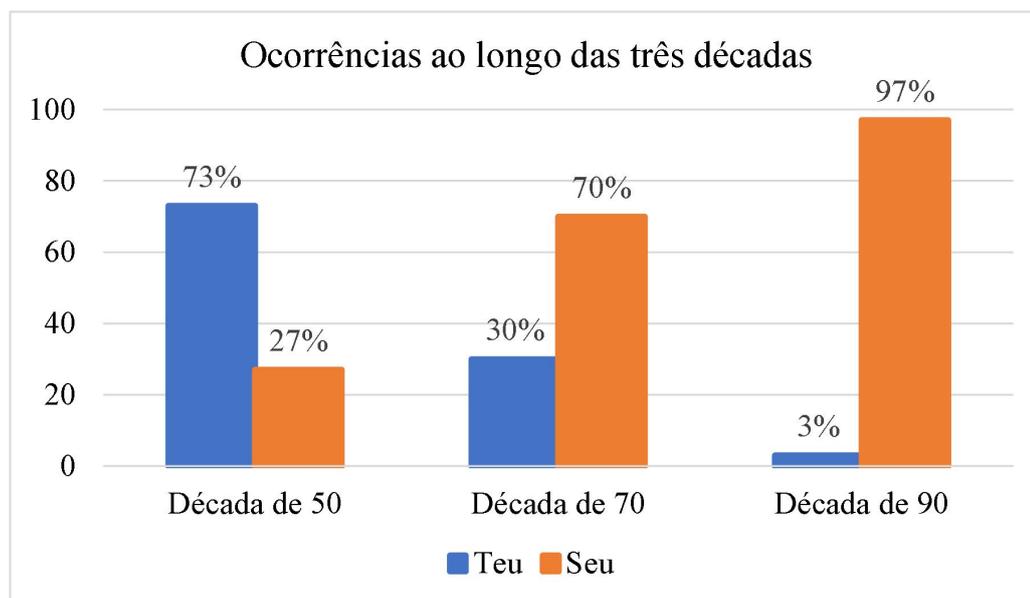
Quadro 17: a década em que as cartas foram escritas

A década em que as cartas foram escritas					
Possessivos	Teu		Seu		Peso Relativo
Fatores	Aplicação total	%	Aplicação total	%	
Década de 50	43/59	73%	16/59	27%	.792
Década de 70	67/224	30%	157/224	70%	.578
Década de 90	1/32	3%	31/32	97%	.008

Fonte: o autor (2023)

No gráfico 4, dispomos o percurso das variantes ao longo das três décadas, os dados estão quantificados em porcentagem:

Gráfico 5: Os possessivos ao longo das três décadas



Fonte: o autor (2023)

Como apresentado no gráfico anterior, na década de 50 (com peso relativo de .792), os missivistas empregam 73% (43 ocorrências) do possessivo *teu* e apenas 27% (16 ocorrências) do possessivo *seu*. Na década de 70 (com peso relativo de .578), por sua vez, a distribuição dos possessivos apresenta uma guinada contendo apenas 30% (67 ocorrências) do possessivo *teu* e 70% (157 ocorrências) do possessivo *seu*. Essa guinada é mantida na década de 90 (com peso relativo de .008), na qual os missivistas empregam apenas 3% (1 ocorrência) do possessivo *teu* e 97% (30 ocorrências) do possessivo *seu*. Vejamos os exemplos a seguir:

(15) “[...] *tu* não avalias ais saudades | que vivo sofrendo por te nestes dias que não | posso passar ao *teu* lado.” (C1_F_SD_1)

(16) “[...] D. Carlinda me falou que *tu* não | falou a *sua* mãe a respeito disto.” (C2_F_1974_16)

(17) “[...] Acho que aquela mite de an_ tes não existe mais, só existe magoas dentro de mim, gostaria que estivesse aqui, pra chorar no *teu* ombro.” (C3_F_1994_1)

Os exemplos 15, 16 e 17 mostram que há um percurso estabelecido ao longo das três. Tal percurso é iniciado na década de 50 com o *tu* preenchido na posição de sujeito, com a conjugação verbal de 2ª pessoa e o possessivo *teu* indicando a posse. Em seguida, na década de 70, o exemplo 16 ilustra a instabilidade ocorrente entre os pronomes e seus paradigmas

uma vez que é visto o possessivo *seu* em referência ao *tu* preenchido na posição de sujeito. Por fim, na década de 90, os falantes utilizam mais o *você* na posição de sujeito e o possessivo *seu*, no exemplo 17, há a única ocorrência do possessivo *teu*, mas quando o a posição de sujeito é oculta.

Com base nesses resultados, é confirmada a hipótese de que, em uma linha temporal, o *tu* juntamente com o possessivo *teu* vão caindo em desuso, em contrapartida, assim como o *você*, o possessivo *seu* passa a ser a variante mais utilizada pelos missivistas. Essa hipótese foi traçada com base nos resultados obtidos por Souza (2012) e Lima (2018) em que conseguem observar três fases de comportamento do *você* em rumo a uma possível mudança em relação ao *tu* como pronome pessoal de segunda pessoa.

5.5 A estrutura composicional da carta como fator condicionante da variação

Como já apontamos, por limitações de mecanismos que fossem capazes de gravar a fala, os estudos históricos dependem do material escrito. Os textos escritos são fonte primordial para os pesquisadores em Sociolinguística Histórica, já que os dados, por diversos fatores, na maioria das vezes, conservaram-se nessa modalidade. Nesse sentido, a carta se configura como uma rica fonte de dados linguísticos para os que fazem pesquisas em Linguística Histórica.

Com base nesses pressupostos, debruçamo-nos mais sobre o gênero que veicula os nossos dados, a carta pessoal. Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos na análise da distribuição dos possessivos *teu* e *seu* ao longo da estrutura composicional das 153 cartas do sertão pernambucano. Essa análise tem como base os estudos de Lopes (2011, 2018), como discutido no tópico 3.1 *A carta de amor como objeto de estudo para Sociolinguística Histórica*, do capítulo III, e no conceito de Tradição Discursiva.

Lopes (2011; 2018), após analisar o gênero carta, apresenta como partes constitutivas desse gênero as seguintes: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. No entanto, a autora diz que pode haver variações nessa estrutura e até mesmo a carta pode não possuir todas elas.

Como prova de que há variação nessa estrutura, identificamos no *corpus* algumas cartas com uma última parte constituinte, o P.S., como marcado pelos missivistas, e outras não. Após escreverem a carta, caso o missivista esquecesse de dizer algo no corpo do texto, ele escrevia o “P.S:” e escrevia a informação esquecida. Dessa forma, o *P.S* funciona como

uma pós-escrita (do latim *Post Scriptum*), ou seja, algo que o missivista se esqueceu de falar no corpo do texto. Vejamos, no quadro, os resultados obtidos na análise de regra variável:

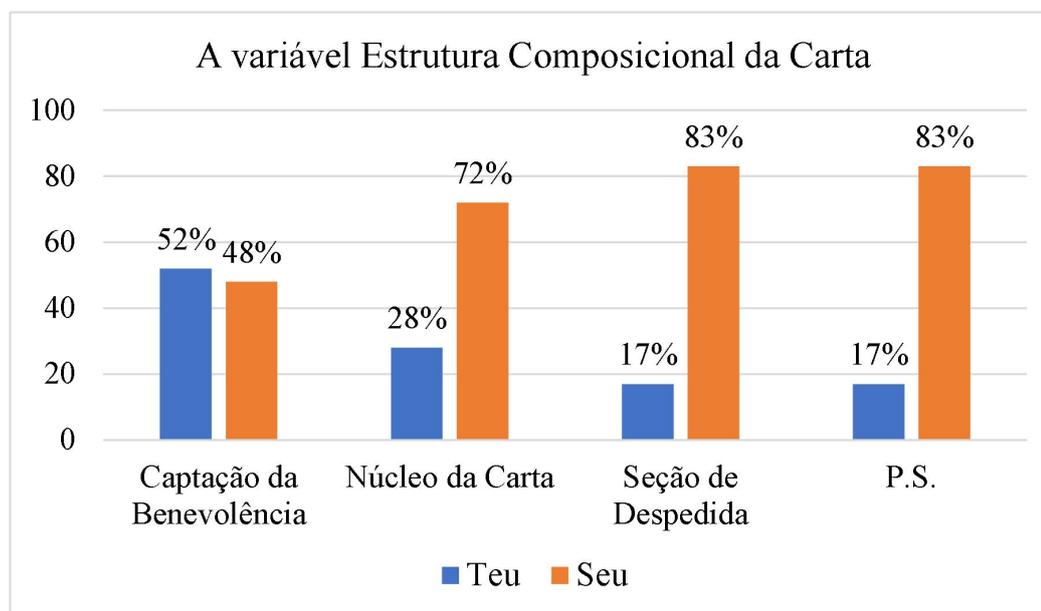
Quadro 18: A estrutura composicional da carta

A estrutura composicional da carta					
Possessivos	Teu		Seu		Peso Relativo
Fatores	Aplicação total	Porcentagem	Aplicação total	Porcentagem	
Captação da benevolência	69/130	52%	61/130	58%	.652
Núcleo	29/105	28%	76/105	72%	.388
Seção de despedida	12/71	17%	59/71	83%	.409
P.S	1/6	17%	5/6	83%	.188

Fonte: o autor (2023)

No gráfico, a seguir, apresentamos o quantitativo geral dessas ocorrências com o intuito de melhor compreender o comportamento das variáveis:

Gráfico 6: A distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta



Fonte: o autor (2023)

O gráfico 6 apresenta a distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta. De acordo com os dados apresentados, na abertura da carta,

denominada *captação da benevolência* (com peso relativo de .652), os missivistas empregam 52% (69 ocorrências) do possessivo *teu* e 48% (63 ocorrências) do possessivo *seu*.

No *núcleo da carta* (com peso relativo de .388), por sua vez, os possessivos se distribuem em 28% (29 ocorrências) do possessivo *teu* e 72% (76 ocorrências) do possessivo *seu*. Por outro lado, na *seção de despedida* (com peso relativo de .409), os possessivos se distribuem em 17% (12 ocorrências) do possessivo *teu* e 83% (59 ocorrências) do possessivo *seu*. Por fim, no *P.S.* (com peso relativo de .188) os possessivos se distribuem em 17% (1 ocorrência) do possessivo *teu* e 83% ocorrências do possessivo *seu*.

Vejam os alguns exemplos extraídos do *corpus*:

- Captação da benevolência:

(16) “[...] Recebi a *tua* carta, fiquei mui= | to satisfeito em saber notícias *tuas* | e também porque a *tua* cartinha veio | encher o meu coração de alegria pois | só o *teu* amor preenche o vacuo do | meu coração.” (C1_M_1958_13)

(17) “[...] Estou enviando esta simples lembrança | cinha não sei se *irás* gostar. Só foi o que encontrei | de melhor. Espermente; caso não der mande de volta | que trocarei por outro, conforme *tsua* indicação.” (C2_F_1972_58)

- Núcleo da carta:

(18) “[...] Olhe, muito me admiro, em ser preciso mentir, *dizeres* que | não *hias* por causa do emprego e muito mas pela consideração. Acho | que falar a verdade não custa nada a ninguém ao contrário, e o | melhor é que estou sabendo de tudo. Até da *sua* paquera. Boa sorte no amor.” (C2_F_1974_13)

- Seção de despedida:

(19) “[...] Um beijão e um abraço bem forte daquela que não te esquece! me escreve! EU TE ADORO! Mite sua princesa?” (C3_F_1994_6)

(20) “[...] Thau amor! || Sua: Celma Ramos.” (C2_F_1972_58)

- P.S:

(21) “[...] Peço que não vá mostrar estas cartas minhas a | *sua* namorada peço que faça uma fogueirinha | ou devova-me.” (C2_F_1972_2)

(22) “[...] PS: “Meu Bem”, como vão *teus* estudos, que não mandastes | falar nada a respeito?”

Os exemplos (16) e (17) representam a *captação da benevolência*, nessa parte da carta, geralmente, há um vocativo e a realização de pronomes clíticos e possessivos do paradigma

do *tu*. No entanto, após a realização do possessivo *teu*, surgem algumas ocorrências do possessivo *seu*. No exemplo (17), mesmo tendo um verbo indicando a conjugação de segunda pessoa, a missivista apresenta dúvida quanto ao qual possessivo utilizar e, assim, rasura a letra S e coloca um T: “*tsua*”.

O exemplo (18) representa o *núcleo da carta*, em que a missivista utiliza a variante *seu*. Nessa parte da carta, é comum que os missivistas utilizem ainda o possessivo *teu*. Os exemplos (19) e (20) representam a *seção de despedida*, na qual os missivistas utilizam a variante *seu* e sempre o seu nome ou um nome carinhoso, indicando afeto para com o destinatário. O exemplo (21) representa o *P.S* e traz a variante *seu* como o possessivo utilizado nessa parte da carta. Por fim, o exemplo (22) apresenta o possessivo *teu* em referência ao vocativo “Meu bem” a única ocorrência da variante *teu* nessa parte das cartas.

De acordo com Kabatek (2006, p. 157), ratifica-se que uma tradição discursiva pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Nesse sentido, além de a estrutura da carta de amor configurar uma tradição discursiva, a repetição do possessivo *seu*, principalmente na *seção de despedida* e no *P.S.*, configura-se como uma forma expressiva participante de uma tradição discursiva, haja vista ser estabelecida uma relação de união entre a parte da carta e um elemento linguístico, neste caso, o possessivo *seu*. Com base no conceito de Tradição Discursiva aqui discutido, esse dado é relevante por formar uma tradição discursiva que configura os modos de indicar a posse na segunda pessoa do singular em cartas de amor.

No entanto, ao analisarmos o percurso das formas *tu/você* e *teu/seu* observamos que, ao longo das décadas, o *tu-teu* caem em desuso e o *você-seu* ascendem. Diante disso, o controle dessa variável mostra que, ao longo da estrutura da carta de casal, o *teu* se mostra como o possessivo mais utilizado para ressaltar a intimidade presente na abertura da carta e o seu uso vai diminuindo a partir do núcleo onde o conteúdo principal da carta é apresentado. Sendo assim, é confirmada a hipótese de que o possessivo *teu* é o mais ocorrente na abertura da carta e o possessivo *seu* seria mais ocorrente a partir do núcleo.

5.6 A posição do possessivo

Ao analisarmos esse fator, buscamos identificar se a posição do possessivo em relação ao termo possuído pode condicionar a escolha de uma ou de outra forma variante. Para tanto, observamos se os possessivos se encontram em posição pré-nominal ou pós-nominal; e se há preferência pelo possessivo *teu* ou *seu* para ocupar essas posições. Embora não nos tenhamos aprofundado nas discussões dos autores, essa análise é norteadada pelo estudo de Cerqueira (1996) e pelo de Soares (1999). Vejamos, no quadro, os resultados obtidos na análise de regra variável:

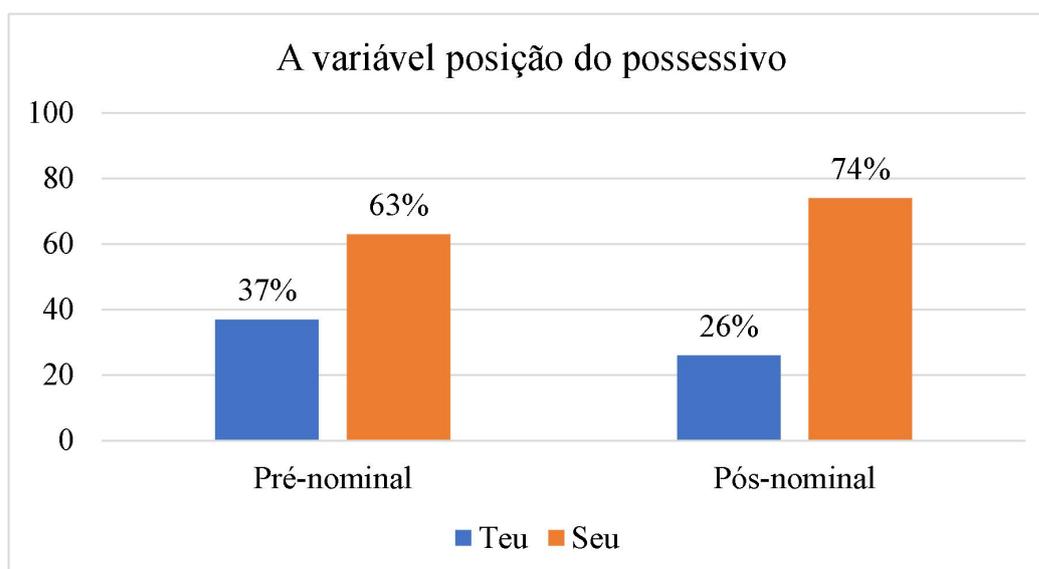
Quadro 19: A posição do possessivo em relação ao termo possuído:

A posição do possessivo em relação ao termo possuído					
Possessivos	Teu		Seu		Peso Relativo
Fatores	Aplicação total	%	Aplicação total	%	
Pré-nominal	101/275	37%	174/275	63%	.537
Pós-Nominal	10/39	26%	29/39	74%	.263

Fonte: o autor (2023)

Para melhor ilustrar a organização dos dados, apresentamos também em forma de gráfico, a fim de ficar mais compreensível o comportamento das variantes:

Gráfico 7: A posição do possessivo



Fonte: o autor (2023)

O gráfico 7 nos apresenta a distribuição das variáveis de acordo com a *posição do possessivo* em relação ao termo possuído. Na posição *pré-nominal* (com peso relativo de .537), os missivistas empregam 37% (101 ocorrências) do possessivo *teu* e 63% (174 ocorrências) do possessivo *seu*. Por outro lado, na posição *pós-nominal* (com peso relativo de .263), as variantes se distribuem em 26% (10) ocorrências do possessivo *teu* e 74% (29) ocorrências do possessivo *seu*.

Esse resultado dialoga com o estudo de Soares (1999), apresentado anteriormente, em que o possessivo *seu*, em terceira pessoa, é realizado na posição pré-nominal ou, nas palavras do autor, anteposto ao substantivo. No nosso estudo, verificamos que tanto o possessivo *seu* quanto o *teu* são utilizados na posição pós-nominal.

No estudo de Cerqueira (1996), conforme os exemplos apresentados pelo autor “seu pai” e “pai dele”, *seu* surgiria em posição pré-nominal e *dele* em posição pós-nominal. Os dados encontrados no nosso *corpus* revelam que no PB a indicação de posse para a segunda pessoa é feita com o possessivo em posição pré-nominal, independente de qual possessivo seja utilizado *teu* ou *seu*. Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*.

Os possessivos *teu* e *seu* em posição pré-nominal:

(23) “[...] um forte | aperto de mão desta *tua* noiva que morre por te.” (C1_F_SD_1)

(24) “[...]Aqui <↑termino> pra não ti aborrecer | solicitando resposta <↑breve>subescrevo atenciosa- | mente a *seu* dimirador que tanto ti ama | que é, Raimundo José Soares.” (C1_M_1956_5)

No exemplo (23), é apresentado um trecho da carta da missivista do casal I, dos anos 50. Nesse exemplo, a missivista utiliza o possessivo *teu* em posição pré-nominal indicando a relação de posse estabelecida pelo laço afetivo dos missivistas realizado pela condição de noivos: “*tua noiva*”.

Por outro lado, o exemplo (24), retirado da carta de número 5 do missivista do casal I, apresenta o possessivo *seu* em posição pré-nominal. Nesse exemplo, também há um aspecto do PB já ressaltado por Cerqueira (1996), que é a coocorrência de artigos e possessivos pré-nominais: “*a seu dimirador*”.

Os possessivos *teu* e *seu* em posição pós-nominais:

(25) “[...] É nessa hora de tristeza e inque= | tação para o meu coração que passo | a responder a *tua* cartinha que veio | envolver-me de alegria porque cada | vez *que eu recebo uma carta tua* | sinto prazer.” (C2_F_1975_19)

(26) “[...] Querido João Não sei realmente qual o motivo que leva-me | a escrever-te esta. Talvez sejam as saudades ou mesmo as | preocupações; *porque desde a segunda feira depois do jogo | eu esperei carta sua* e não chegou nenhuma. (C2_F_1972_1)

No exemplo (25), temos um período composto por seis orações em que na quinta, em destaque, há a realização do possessivo *tua* em posição pós-nominal. Essa oração subordinada *que eu recebo uma carta tua* está estruturada em torno da forma verbal *recebo* (VTD), que exige o complemento “uma cartinha *tua*” (OD).

No exemplo (26), por sua vez, também há um período composto por seis orações. A quinta oração, *esperei carta sua*, é coordenada e possui o verbo "esperar" (VTD) e "carta sua" como (OD), com possessivo pós-nominal. Na sexta e última oração *e não chegou nenhuma*, o verbo "chegar" é intransitivo.

Nesses dois exemplos, há uma série de similitudes. As duas orações em que o possessivo se encontra em posição pós-nominal são subordinadas, os verbos que antecedem o possessivo são transitivos diretos e o possessivo exerce a função de objeto direto. Além disso, a posição pós-nominal do possessivo parece ser realizada em fins de períodos compostos por mais de 3 orações. Além disso, em ambos os dados os possessivos pós-nominais estão em estruturas com SNs indefinidos/não-específicos: o 1º, com o "um" na posição de determinante, e o 2º sem determinante.

Essa hipótese torna-se mais possível quando vemos que, no exemplo 24, na terceira oração, *a responder a tua cartinha*, há uma ocorrência do possessivo em posição pré-nominal. Embora não tenhamos realizado o controle geral do tipo de oração em que se encontra o possessivo, esse fator parece ser válido ao menos na análise da posição do possessivo em relação ao termo possuído, uma vez que as orações são subordinadas substantivas.

Frente aos dados apresentados até aqui das variáveis consideradas relevantes pelo programa computacional *GoldVarbX*, conseguimos identificar alguns resultados a respeito da variação *teu/seu*: (i) o possessivo *seu* é o possessivo mais utilizado no *corpus*; (ii) o período em que as cartas foram escritas condiciona a variação mostrando um percurso no processo de variação; (iii) a posição de sujeito estabelece uma correlação direta com os possessivos; (iv) as categorias preenchida e não preenchida de sujeito favorecem a alternância das formas possessivas; (v) a estrutura composicional da carta estabelece um percurso de crescimento da variante *seu* e queda da variante *teu*; (vi); e, por fim, a variável posição do possessivo mostra que a variante *teu* é mais realizada em posição pré-nominal e a variante *seu* é mais ocorrente em posição pós-nominal.

A partir desses resultados, tento em vista que a *variável década em que as cartas foram escritas* foi a única variável extralinguística considerada relevante e a *posição de sujeito* foi a mais relevante dentre as variáveis linguísticas para melhor analisarmos esses dados, optamos por fazer o cruzamento dessas variáveis. Diante disso, na próxima seção, apresentamos os resultados desse cruzamento.

5.7 Cruzamento de algumas variáveis

Nesta seção, apresentamos o cruzamento das duas variáveis mais significativas consideradas pelo programa computacional *GoldVarbX*. O cruzamento dessas variáveis foi realizado para que, de forma mais detalhada, possamos analisar as variáveis mais significativas para a indicação de posse da segunda pessoa do singular. Desse modo, como apontado anteriormente, acreditamos que o cruzamento da variável linguística *posição de sujeito* com a variável extralinguística *década em que as cartas foram escritas* mostrará com precisão o percurso temporal de realização da posição de sujeito em correlação com a indicação de posse.

Como hipótese acreditamos que, ao longo das três décadas, o *tu* vai caindo em desuso e o *você* ascende à essa função trazendo o possessivo *seu* como indicador da posse na segunda pessoa do singular. Vejamos os dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1: Década x Posição de sujeito

Década	Possessivo	Posição de Sujeito			
		<i>Tu</i> não Preenchido	<i>Tu</i> Preenchido	<i>Você</i> não Preenchido	<i>Você</i> Preenchido
1950	Teu	100% (1/1)	97% (33/34)	0	38% (9/24)
	Seu	0	3% (1/34)	0	62% (15/24)
1970	Teu	62% (36/58)	0	0	19% (31/166)
	Seu	38% (22/58)	0	0	81% (135/166)
1990	Teu	0	0	50% (1/2)	0
	Seu	0	0	50% (1/2)	100% (29/29)

Fonte: o autor (2023)

Na década de 50, a variante *teu* representa 100% em posição não preenchida de sujeito e 97% em posição preenchida e 38% quando o *você* estava em posição preenchida de sujeito. A variante *seu* apresenta 3% quando o *tu* está na posição preenchida de sujeito e 62% quando o *você* está em posição preenchida de sujeito.

Diante desses dados, o cruzamento evidencia que, na década de 50, o *tu* apresenta uma forte concordância com a variante *teu* tendo apenas um percentual de 3% (uma ocorrência) da variante *seu* em referência ao *tu* em posição preenchida. Até mesmo quando o *você* foi utilizado como sujeito, a variante *teu* apresentou um percentual de 38% (9 ocorrências), um dado que mostra a preferência dos missivistas dessa década pela variante *teu*.

No entanto, como apresentado, embora a variante *teu* seja a preferível pelos missivistas dessa década, uma única ocorrência da variante *seu* em referência ao *tu* em posição preenchida de sujeito mostra que os missivistas já iniciam uma instabilidade no emprego do sistema pronominal. Os exemplos a seguir ilustram esses dados da década de 50:

- *Tu* preenchido:

(27) D. Carlinda me falou que *tu* não | falou a *sua* mãe a respeito disto..
(C2_F_1974_16)

(28) só *tú* pode fazer a mi= |nha felicidade. Que será de mim oh! | minha querida sem o *teu* amor? (C1_M_1958_13)

- *Tu* não preenchido:

(29) sem fingi- | mento meu amor, nasceu somente para | ti, és de toda minha consideração não ti | esqueço em um so momento fico horas a pen- | sar e meditar em que abraços andara | aquela querida que consagrei todo meu | mor puro e declarando pois é claro que | *tua* simpatia me domina. (C1_F_1956_2)

- *Você* preenchido:

(30) Maria, eu fiquei | muito satisfeito em *você* ter meavizado | que *seus* pais não consente essa nossa | amizade, se <↑*tinha*> me avisado á mais tempo | *tinha* evitado e de agora por diante | evita de eu frequentar *sua* casa. (C1_M_1956_5)

(31) Maria *você* duvida do meu amor? Pois eu | lhe digo *você* faz mal em duvidar | porque pelo *teu* amor pela *tua* pes= | sã eu enfrentarei tudo na vida | porque eu te amo com todas asfi- | bras do meu coração. (C1_M_1958_13)

Na década de 70, o cruzamento mostra que há apenas duas categorias de sujeito utilizadas pelos missivistas, a saber: a categoria *tu não preenchido* e a categoria *você preenchido*. Na categoria *tu não preenchido* a variante *teu* apresentou o percentual de 62% (36 de 58 ocorrências) e a variante *seu* apresentou o percentual de 38% (22 de 58 ocorrência). Por outro lado, na categoria *você preenchido* a variante *teu* apresentou o percentual de 19% (31 de 166 ocorrências) e a variante *seu* apresentou o percentual de 81% (135 de 166). Como visto, os dados dessa década continuam a evidenciar a concordância estabelecida entre as formas *tu-teu* e *você-seu*, além disso, a categoria de sujeito mostra que a variante *seu* com um percentual de 38% é favorecida quando o *tu* é não preenchido. Em contrapartida, embora ainda resitente, a variante *teu* apresenta o percentual de apenas 19% em um universo de 166 ocorrências. Vejamos os exemplos a seguir que ilustram esses dados :

- *Tu* não preenchido:

(32) Não *podes* imaginar qual minha alegria ao receber no- | tícias *tuas*. || Fui em casa chegando lá estava *tua* carta colocada | na flor do jarro da mesa. (C2_F_1977_54)

(33) Como foi de festa, bem? Suponho que tenha | sido ótima! Olhe, muito me admiro, em ser preciso mentir, *dizeres* que | não hias por causa do emprego e muito mas pela consideração. Acho | que falar a verdade não custa nada a ninguém ao contrário, e o | melhor é que estou sabendo de tudo. Até da *sua* paquera. Boa sorte no amor. (C2_F_1974_13)

- *Você* preenchido:

(34) Não posso | adivinhar se *você* também está com saudades de mim, | de falar comigo, de me ver, de ficarmos juntinhos, não | sei; só sei que (“eu”), estou com muitas saudades, louca | para estar ao *teu* lado, estou sentindo muito *tua* fal - | ta. (C2_F_1972_62)

(35) *você* parece que pensa que é mal ~~vont~~ | vontade minha de escrever mas não é isso acho | que é porque confio muito em *você* e merece | mas do que eu confio. Do sempre *seu* João Gomes.

Por fim, na década de 90, os missivistas utilizam apenas as categorias *você não preenchido* e *você preenchido*. O que já mostra que o *tu* se torna obsoleto na escrita dos missivistas dessa década. Na categoria *você não preenchido*, há uma ocorrência da variante *seu* e uma da variante *teu*.

Esse dado nos mostra que a única ocorrência da variante *teu* foi realizada quando o *você não estava na categoria* preenchida, o que nos leva a compreensão de que assim como a variante *seu* foi favorecida nas outras duas décadas na categoria de *tu não preenchido* o mesmo ocorreu com essa ocorrência de *teu* na década de 90. Em contrapartida, na categoria *você preenchido*, a variante *seu* apresenta o percentual de 100%.

Com base nesses resultados, compreendemos e confirmamos a hipótese de que, juntamente com as formas na posição de sujeito, as variantes *teu* e *seu* apresentam um percurso contrário ao longo das três décadas. Os dados gerais mostram o resultado de que as formas *você* e *seu* são as mais ocorrentes no *corpus*. Além disso, por meio do cruzamento das variáveis *forma utilizada na posição de sujeito* e *década* em que as cartas foram escritas verificamos um percurso em que:

- Na década de 50:
 - (i) A variante *teu* é mais ocorrente juntamente com o *tu* em posição preenchida de sujeito;
 - (ii) A variante *seu* começa a surgir como estratégia de indicação de posse para a segunda pessoa do singular em referência ao *tu* em categoria preenchida de sujeito;

- Na década de 70:
 - (i) A variante *teu* passa a cair em declínio juntamente com o *tu* em posição de sujeito;
 - (ii) A maioria das ocorrências do *tu* são na categoria não preenchida de sujeito, o que favorece a realização do *seu* na indicação de posse;

(iii) O *você* ascende na posição de sujeito trazendo o possessivo *seu*, que se sobressai à variante concorrente.

• Na década de 90:

(I) O *tu* cai em desuso não apresentando nenhuma ocorrência e a única ocorrência da variante *teu* é em referência ao *você* em posição não preenchida de sujeito;

(II) O *você* torna-se a única estratégia como pronome sujeito para a segunda pessoa do singular, principalmente na categoria preenchida, juntamente com a variante *seu*.

Os dados aqui apresentados corroboram para a descrição do Português Brasileiro mostrando que na escrita de sertanejos do Sertão do Pajeú nos anos de 1950 a 1990 as formas mais utilizadas para a segunda pessoa do discurso e para a indicação de posse são as formas *você-seu*.

Comparando esse resultado com os estudos que se ativeram à análise exclusiva do paradigma de segunda pessoa (*teu/seu*) notamos que há um diálogo com os de Barboza (2018), Araújo (2019), que também utilizam *corpus* constituído por cartas, e até mesmo com o estudo de Araújo (2011), que analisa entrevistas.

Nessa discussão a aplicação das teorias das relações sociais apresentadas Brown e Levinson (1987) e Brown e Gilman (1960) nos ajudaram a entender a natureza da relação entre os casais. Por serem casais, as consideramos como relações simétricas em que há um mesmo nível de respeito e cerimônia entre os missivistas.

6 CONCLUSÕES

Embora tenhamos lidado com problemas na constituição da amostra, como a diferença entre a quantidade de cartas dos casais e mesmo entre os casais, foi possível desenvolver as breves discussões aqui apresentadas. Dessa forma, baseando-se na análise dos resultados da variação *teu/seu*, foi possível responder a alguns questionamentos que direcionaram essa pesquisa e a verificação de algumas hipóteses e postulados.

Com base no estudo bibliográfico, observamos que, nas gramáticas de cunho mais normativo-prescritivo, a variante *teu* é a mais indicada para marcar posse no âmbito da segunda pessoa, não prevendo, portanto, a variante *seu*. Já nas gramáticas de cunho descritivo-funcionalista, o *teu* e *seu* são indicados para se referir à ideia de posse na segunda pessoa do discurso e *dele* e *seu* para a terceira. Também foi possível observar que a nova pronominal *você* ainda sofre estigma por parte de alguns gramáticos, não sendo incorporada no quadro pronominal ao lado de *tu*.

A indicação de posse na língua portuguesa pode ser realizada não somente pelo uso dos possessivos, mas também em função de um núcleo sintagmático. A exemplo, a sentença *Laura possui um livro*, o verbo *possuir* determina o núcleo do sintagma verbal [*possui um livro*], portanto, nota-se que o verbo *possuir* exerce a função de um possessivo. Além do mais, considera-se que, no viés semântico, os pronomes possessivos têm valor de indefinição, aproximação numérica e porta valores afetivos.

Sobre os estudos já realizados sobre o fenômeno em estudo:

Em se tratando da variação entre os possessivos *teu* e *seu* para indicar posse na segunda pessoa do singular, os resultados dos estudos já realizados apresentam o possessivo *teu* como mais utilizado. De acordo com estudos tais como Arduin (2005) e Pereira (2016), a variante *teu* é mais ocorrente em relações simétricas de maior intimidade entre os interlocutores. E o pronome *seu*, por aparentar um caráter neutro, é mais ocorrente em situações assimétricas ascendentes ou quando o falante não possui certeza quanto ao como se referir ao seu interlocutor. Diante disso, passemos a apresentar os resultados que essa pesquisa trouxe para os questionamentos e hipóteses traçados.

1. **Questionamento:** como as formas *teu* e *seu* se distribuem no nosso *corpus*?

Em relação ao mapeamento da variação *teu/seu* nas cartas pernambucanas, obtivemos um resultado diferente do que foi encontrado na região Sul do Brasil. No nosso *corpus*, foram encontrados 314 dados dos possessivos *teu* e *seu*, sendo 111 de *teu* e 203 da variante *seu*. A

variante *seu* é mais ocorrente que o *teu*, diferindo até mesmo do trabalho de Pereira (2016) que possui como *corpus* também cartas pessoais.

1. **Postulado:** correspondência entre *você-seu*, *tu-teu*:

O *corpus* direciona para uma correspondência de formas, prevista pelo paradigma formal, já que a nova forma pronominal *você* e o possessivo *seu*, utilizado para a referência a segunda pessoa do discurso, são as formas mais ocorrentes. Essa correspondência de formas se faz ainda mais notória após a classificação das cartas quanto à forma de tratamento utilizada: *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo ou *TU~VOCÊ*.

Ao longo das três décadas, observamos o crescimento contínuo do uso do *você* juntamente com o possessivo *seu*. Ao longo das três décadas a variante *teu* juntamente com *tu* vão caindo em desuso e a variante *seu* juntamente com o *você* tornam-se as mais ocorrente. Esse dado se faz mais notório por meio do cruzamento entre as variáveis década em que as cartas foram escritas e a posição de sujeito. Por meio desse cruzamento é visto a correspondência entre as formas e o percurso que elas fazem no *corpus* chegando à década de 90 sem nenhuma ocorrência do *tu* e com apenas uma ocorrência do possessivo *teu* em referência ao *você* em categoria não preenchida de sujeito.

Em se tratando das categorias preenchida e não preenchida de sujeito, foi possível observar contribuições para o entendimento do comportamento dos possessivos *teu* e *seu*. Como apontado por Lima (2018), o *tu* inicia o seu declínio sendo utilizado na categoria não preenchida e já na década de 90 não possui nenhuma ocorrência. Por outro lado, o *você* cresce ao longo das três décadas ocupando a categoria preenchida de sujeito e trazendo o possessivo *seu* para indicar a posse na segunda pessoa do singular.

Na década de 90, há apenas uma ocorrência do possessivo *teu* em referência a *você* na posição não preenchida de sujeito. Ou seja, assim como a variante *seu* foi favorecida pelo crescente uso do *tu* na posição não preenchida de sujeito, o mesmo ocorre com *teu* em referência a *você*. Na década de 90, essa variante encontra forças para sinalizar duas ocorrências em referência ao *você* em posição não preenchida.

Com base nisso, respondemos ao questionamento:

2. **Questionamento:** qual o possessivo utilizado para a indicação de posse quando o *você* está na posição de sujeito?

Como apresentado no gráfico 3, na página 87, quando o pronome *você* está na posição de sujeito, 82% das ocorrências dos possessivos são da variante *seu*.

2. **Hipótese:** Sobre a semântica do termo possuído, acreditamos que o possessivo *teu* é mais utilizado para realizar a indicação de posse de substantivos animados e o possessivo *seu* de substantivos inanimados.

Em relação à semântica do termo possuído, esse fator não se apresentou como condicionador da variação *teu/seu*. Após a análise, identificamos que os resultados estão diretamente relacionados ao possessivo que é preferido pelos missivistas. No casal I, há preferência pelo possessivo *teu* e nos casais II e III há preferência pelo possessivo *seu* não havendo um condicionamento pelo fator semântica do termo possuído/substantivo.

As ocorrências do possessivo *teu* se distribuem em 55% em referência a substantivos animados e 45% a substantivos inanimados. O possessivo *seu*, por sua vez, apresenta 54% das ocorrências em referência a substantivos animados e 46% em referência a substantivos inanimados. Esses dados são desconsiderados por apresentarem um mínimo de 10% de diferença.

3. **Hipótese:** Em se tratando da posição do possessivo em relação ao termo possuído, o *teu* é mais ocorrente em posição pré-nominal e o *seu* é mais ocorrente em posição pós-nominal.

Na análise do fator posição do possessivo em relação ao termo possuído, identificamos que tanto o possessivo *seu* 84% quanto o possessivo *teu* 92% são realizados em posição pré-nominal. Nesse sentido, os dados encontrados no nosso *corpus*, assim como outros trabalhos consultados tais como Cerqueira (1996) e Soares (1999), revelam que no PB a indicação de posse para a segunda pessoa é feita com o possessivo em posição pré-nominal, independente de qual possessivo seja utilizado.

Um fato curioso em relação a esse fator é que, nas poucas ocorrências das duas variantes em posição pós-nominal, o possessivo era realizado em fins de períodos compostos por mais de três orações. Embora não seja algo que condicione a variação *teu/seu*, essa pode ser uma hipótese para a colocação pós-nominal dos possessivos de segunda pessoa. Já que, de acordo com o estudo de Cerqueira (1996), a posição pós-nominal é ocupado pela construção genitiva de terceira pessoa, o possessivo *dele*.

4. **Hipótese:** Na distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, o possessivo *teu* seria mais ocorrente na abertura na carta e início do núcleo da carta. O possessivo *seu* seria mais ocorrente nas partes finais da carta.

Por fim, no que diz respeito ao nosso último fator linguístico selecionado, por meio da análise da distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, acreditamos que as missivas amorosas, principalmente na *seção de despedida*, 90%, e no *P.S.*, 88%, evidenciam o favorecimento da variante *seu*. O emprego dessa variante nessas partes fixas da carta configura os modos tradicionais de dizer das cartas de amor.

Nesse sentido, é estabelecida, assim, uma relação de tradição entre as fórmulas de fechamento da carta e o possessivo *seu*, se configurando como uma tradição discursiva, de acordo com Kabatek (2006). Diante disso, a nossa hipótese é confirmada, sendo o possessivo **teu** mais ocorrente na abertura *Captação da benevolência* 59% da carta e o possessivo *seu* nas seções de fechamento da carta.

Com base nos resultados apresentados, chegamos a resposta do nosso terceiro questionamento.

3. **Questionamento:** quais os fatores linguísticos e extralinguísticos estão associados a variação da frequência de uso *teu/seu*?

Os resultados da pesquisa mostram que a posição de sujeito juntamente com as categorias preenchida e não preenchida de sujeito, a estrutura composicional da carta de casal, a semântica do termo possuído, a posição do possessivo e a década em que as cartas foram escritas são fatores linguísticos que condicionam a variação dos possessivos *teu* e *seu* no nosso *corpus*.

Desta forma, frente aos dados apresentados até aqui das variáveis consideradas relevantes pelo programa computacional *GoldVarbX*, conseguimos identificar a respeito da variação *teu/seu*: (i) o possessivo *seu* é o possessivo mais utilizado no *corpus*; (iii) o período em que as cartas foram escritas condiciona a variação mostrando um percurso no processo de variação; (iv) o pronome em posição de sujeito estabelece uma correlação direta com os possessivos; (v) as categorias preenchida e não preenchida de sujeito favorecem a alternância das formas possessivas; (vi) a estrutura composicional da carta estabelece um percurso de crescimento da variante *seu* e queda da variante *teu*; (vii); e, por fim, a variável posição do possessivo mostra que a variante *teu* é mais realizada em posição pré-nominal e a variante *seu* é mais ocorrente em posição pós-nominal.

Portanto, esses resultados buscam contribuir com a descrição do português brasileiro, mais especificamente com o português da região do sertão do Pajeú. Os nossos dados delineiam a variação entre as formas possessivas *teu* e *seu* em cartas, encontradas por acaso ou sorte, que apresentam a escrita rural no sertão do Pajeú nas décadas de 50, 70 e 90.

Nesse *corpus*, ainda pequeno para realmente configurar-se como representativo da escrita nessa região, foi verificado o crescimento contínuo das formas *você-seu* e o declínio das formas *tu-teu*, no processo de variação. Há, sem sombra de dúvidas, ainda muitos questionamentos a serem desenvolvidos e respondidos sobre o tema e a necessidade da obtenção de mais dados para a representação linguística desse fenômeno na região.

No mais, essa pesquisa também apresenta lacunas que buscaremos solucionar em etapas futuras. A exemplo, podemos mencionar o controle do tipo de oração em que os possessivos se encontram e a classificação do discurso amoroso presente nas cartas de casais, uma vez que, de acordo com a discussão sobre o discurso amoroso apresentado no referencial teórico, podemos identificar que as cartas do casal da década de 50 configuram-se como discurso amoroso.

No entanto, as cartas dos demais casais apresentam também discursos não amorosos. Além disso, com a expansão do *corpus* com cartas de remetentes que possuam outro tipo de relação pode-se analisar com mais precisão a influência das teorias das relações sociais apresentadas Brown e Levinson (1987) e Brown e Gilman (1960). sobre a indicação de posse, o *corpus* também possibilita o estudo da variação *seu/dele*, na 3ª pessoa, e das construções genitivas *de ti/de você*, na 2ª pessoa do singular.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1951.

ALMEIDA, Norma Lúcia de. **Urbanização , escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX)**. *Tabuleiro de Letras*, 4: 71-85, 2012.

SHERRY, Almeida. **As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas”**: por uma distinção do discurso da carta de amor (no prelo).

ARDUIN, Joana. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ASSIS, Danila Mendes dos Santos de. **Construções com de-possessivo na 2ª pessoa do plural**: um estudo sobre o percurso de *de vocês* na história do português. Monografia de conclusão de curso de graduação Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 2013.
<http://www.portaldeperiodicos.letras.ufrj.br/index.php/clac/article/view/75/42>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

ATAÍDE, Cleber Alves de. A constituição de corpora sócio-históricos do português brasileiro: edições de cartas pessoais e o modelo de Tradição Discursiva. **Revista Diálogos**. UFMT, V. 8, n. 2, p. 01-21, 2020. ISSN 2319-0825.

ATAÍDE, Cleber Alves de. Aspectos sócio-históricos dos manuscritos e impressos pernambucanos. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S.l.], v. 17, n. 28, p. 72-103, abr. 2019. ISSN 1809-3507. Acesso em: 10 jul. 2020. Doi: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2018.42148>.

ATAÍDE, Cleber Alves de; LIMA, Tallys Júlio Souza. A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. **Revista LaborHistórico**. Rio de Janeiro, 4 (2): 92-103, jul. | dez. 2018.

ATAÍDE, Cleber Alves de; GOMES, Valéria Severina. **Os modos de dizer das cartas de amor do Litoral e do Sertão** (no prelo).

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002 [1928].

BROWN, Roger.; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. **American Anthropologist**, v. 4, n. 6, p. 24-39, 1960.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Ana. On Possessives in Portuguese. Lisboa, Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, 2006. **Revista do Gell**: 35-48, 2004b.

CERQUEIRA, Vicente Cruz. **A sintaxe do possessivo no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 1996.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico metodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística**. vol. 4, nº 2, 2010.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Editorial Gregos, 2007.

COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto**: Introducción a una ermeneutica del senso. Edizione italiana a cura di Donatella Di Cesare. Roma: Caroci editore, 1997.

COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto**: Introducción a la hermenéutica del sentido. Édition et annotation d'Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. “O tratamento *Você* em português: uma abordagem histórica”. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, nº 2, v.3, p. 114-132, 2017.

HOPPER, Paul J. General properties of foregrounding. In: GIVÓN, T. (ed.) **Syntax and semantics**. V. 12: Discourse and syntax, New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, Paul J. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, p. 17-35, 1991.

HOPPER, Paul J. TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUERTA FLORES, N. Los Possessivos. In: Company Compan. **Concepción Sintaxis Histórica de La Lengua Espanola**. Segunda parte: la frase nominal. 2009: 611-757.

KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia *et al.* (org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, Tallys Júlio Souza. “**Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar**”: a variação dos pronomes pessoais *Tu e Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. Trabalho de Conclusão de Curso. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. “O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos” In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAES, Maria Aparecida Correar Torre. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, p. 419-436.

LOPES, Célia Regina dos Santos. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, 19: 116-141, 2012.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *et al*, A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: Célia Regina Lopes; Ataliba T. de Castilho. (org.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. 1ª.ed. São Paulo: Contexto, 2018, v. 4, p. 142-185.

LOPES, Célia Regina dos Santos *et al*. “A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais”. In: LOPES, Célia Regina dos Santos. **Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. Editora Contexto, Vol. 8, 1ª edição, 2018.

MACHADO, Ana Carolina Morito. **As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2011.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Fernanda. **Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular**. Manuscrito, 2008.

MENON, Odete Pereira da Silva. Reestruturação do sistema possessivo em português. In: **Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**. Umuarama: UNIPAR/FAFID, 1996a. p. 334-338.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Variação e mudança: o papel dos condicionamentos linguísticos**. *Fragmenta*, 13: 89-114. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

MENON, Odete Pereira da Silva. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo (org.). **Teoria e análise linguística: novas trilhas**. Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, Letramento e Inclusão Social**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes tu e você no português oral de São João da Ponte (MG)**. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

NETA, Antonia. V. A. Perfil do possessivo de terceira pessoa na fala pessoense. In: HORA, D. (Ed.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004. p. 129-140.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os pronomes. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Palavras de classe fechada: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese de Doutorado em linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OVÍDIO. **A arte de amar**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). **Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento**. 1 ed. Campinas: Pontes, 2006, v. 3, p. 11-48.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016.

PERINI, Mário Andrade. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PERES, Edenize Ponzo. **O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. Belo Horizonte, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ROSA, Eliane da. Sociolinguística Histórica. **Revista de Letras – ISSN 2179-5282 – v.17, n. 21, jul./dez. – UTFPR – CURITIBA, 2015.**

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SILVA, Antonia Carolina Alves. **As formas da função acusativa em cartas de amor do sertão pernambucano: entre variação e tradição discursiva**. Trabalho de conclusão de curso. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

SCHERRE et al. Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro. In: **II SIMELP**, Universidade de Évora, 2009.

SCHERRE, Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte 2011.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. Segunda e Terceira pessoa – **O pronome possessivo em questão**: Uma análise variacionista. Dissertação de Mestrado em linguística– UFPR, Curitiba, 1999.

SOUZA, Janaina Pereira Fernandes de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, Uerli; LABOV, Willian; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

TOSI, Brenda Gonçalves. **O estudo da variação teu/seu**: uma análise do comportamento dos possessivos a partir de esquetes humorísticos. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2021.

APÊNDICE A – VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS

A seguir, serão apresentadas as frequências (de ocorrência e percentual) das variáveis não selecionadas.

- Variável não selecionada: (i) o gênero dos missivistas (M: feminino/H: masculino).

2 (3)		1	2		
M	N	63	119	182	58.0
	%	34.6	65.4		
H	N	48	84	132	42.0
	%	36.4	63.6		
Total	N	111	203	314	
	%	35.4	64.6		

-
- Variável não selecionada: (ii) Escolaridade (F: Ensino Fundamental/E: Ensino Médio/Z: Ensino Superior).

3 (4)		1	2		
F	N	56	82	138	43.9
	%	40.6	59.4		
E	N	54	91	145	46.2
	%	37.2	62.8		
Z	N	1	30	31	9.9
	%	3.2	96.8		
Total	N	111	203	314	
	%	35.4	64.6		

• Variável não selecionada: (iii) Número do Possessivo (I: Singular/P: Plural).

8 (9)		1	2		
I	N	94	167	261	85.6
	%	36.0	64.0		
P	N	17	27	44	14.4
	%	38.6	61.4		
Total	N	111	194	305	
	%	36.4	63.6		

• Variável não selecionada: (iv) O gênero do Possessivo (Q: Masculino/R: Feminino).

9 (10)		1	2		
R	N	72	125	197	64.6
	%	36.5	63.5		
Q	N	39	69	108	35.4
	%	36.1	63.9		
Total	N	111	194	305	
	%	36.4	63.6		

TOTAL	N	111	203	314	
	%	35.4	64.6		

APÊNDICE B - NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PHPB

Tratamento do *corpus*: o percurso metodológico incluirá o registro fotográfico ou impresso de gêneros jornalísticos do século XIX e XX e de textos manuscritos do mesmo período disponíveis em arquivos públicos, museus e em fundações das cidades do sertão pernambucano. Em todos os casos haverá a transcrição dos textos e procurar-se-á manter a originalidade, seguindo as notações de ordem filológica para a transcrição organizadas por Guedes & Berlinck (2000:12).

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco.

Século XIX- Jornal Impresso/ Anúncio

Edição: GOMES, Valéria Severina

SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Anúncio
3. Assunto: Compra de imóvel
4. Data do Documento: 07 de Novembro de 1825.
5. Local de Origem do documento: Brasil-Pernambuco-Recife.
6. Local de Depósito do Documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: não há autoria
9. Identificação do destinatário:
 8. Número de Palavras: 37
 9. Informações levantadas: Nesse período, o *Diario de Pernambuco* funcionava exclusivamente como um caderno classificados.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina & SILVA, Andréa Souza. Anúncios – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Anúncios da primeira metade do século XIX - Anúncio 1).

Quadro 1: Notações para transcrição

[]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [] vender; para o verão e arti[]s de modas.
[[]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex.: drigi[[gi]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo] [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de tres andares; de profição agrônomo. [espaço] com boas referências.
	na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: <i>Senhor, réis, número, Excelentíssimo, Nossa Senhora, ReVerendíssima.</i>

APÊNDICE C – EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)

Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos

Edição Semidiplomática

1. A transcrição será conservadora.

2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se - em itálico - as letras omitidas e observando-se os seguintes casos:

a) A norma não se aplica às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “*etc.*”, “*Sr.*”, “*Sr.^a.*”, “*ltda.*”, “*Cia*”, “*V. Ex*” e “*D.*” permanecem inalteradas.

b) Respeitar, sempre que possível, a grafia do documento, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “*munto*”, que leva a abreviatura “*m.^{to}*” a ser transcrita “*munto*”.

c) No caso de variação no próprio documento ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “*Deos*” e “*Deus*”, que levam a abreviatura “*D.*” a ser transcrita “*Deus*”.

3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “*epor*” “*ser*”; “*aellas*”; “*daPiedade*”; “*omninino*”; “*dosertaõ*”; “*mostrandoselhe*”; “*achandose*”; “*sesegue*”.

4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Exemplo: “que podem prejudicar. [espaço] Osdias passãõ eninguemcomparece”. Serão observados dois casos especiais:

a) Em relação a trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor incluirá, em

nota de rodapé, uma possível interpretação. Exemplo: Na edição teríamos, “Tenho uma criada que | dice que sabia fazer tudo | que eu mandace ella | fazer emtaõ perguntei | e Paõ doce voce sabe fazer | sei emtaõ mando todos | os sabados fazer.” Em nota teríamos, “Nota 1: Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace ella fazer. Emtaõ perguntei: 𐄂 E Paõ doce, voce sabe fazer? 𐄂 ‘Sei’. Emtaõ mando todos os sabados fazer.”

b) A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação original será mantida. Exemplos: “aRepublica”; “docomercio”; “edemarcando tambem lugar; “Rey D. Jose”; “oRio Pirahý”; “oexercicio”; “que hé munto conveniente”; “fomos a ele”; “fomos á ele”; “fomos à ele”. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original. Exemplos: “; “atira- | mos” e “atira= | mos”.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. No caso dos impressos, eventuais erros de composição serão marcados com (*sic*) logo após o vocábulo e remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo, “Nota 1: Acawado por acamado.”. Se for inevitável, por limites do editor de textos, o erro será descrito. Exemplo, “Nota 2: A letra <a> inicial de ‘affirma’ está invertida”

8. No caso dos manuscritos, eventuais grafias diferenciadas serão remetidas para nota de rodapé, onde se registrará(rão) sua(s) variante(s) mais comum(ns) e, quando possível, considerações sobre a variação em si. Exemplos, “Nota 1: ‘que eu afamado livro’ provavelmente ‘que meu afamado livro.’ ” Talvez a escrita de eu por meu possa indicar lapso de escritura ou erro de cópia; “Nota 2: Pirassocunda possível variante de Pirassununga: talvez a oscilação de grafia indique instabilidade para a escrita de termos Tupi”;

9. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; < ↓>, se na entrelinha inferior. Por exemplo: “em *dezembro* recebi <↑todos> os senadores em casa”. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, devese haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé. Exemplos, “Nota 1: abaixo de <↑todos> há palavra suprimida”; “Nota 2: abaixo de <↑todos> foi riscado ‘dentre’.”

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que o lugar convencionado é a casa de Pedro no largo da matriz>. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades. Exemplo: “nota 1: Escrito verticalmente de cima para baixo”.

10. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplos: “todos ~~ninguem~~ dos presentes assignaram; sahiram ~~sahiram~~ as pressas para o adro”. No caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção oposta.

11. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização. Exemplos, “Nota 1: À direita do título encontra-se escrito por outro punho: ‘copiado’”; “Nota 2: Na margem inferior encontra-se escrito por outro punho: ‘página 18’”; “Nota 3: Na margem superior encontra-se o carimbado ‘Arquivo Nacional’”.

12. Intervenções do editor não devese ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: “não deixe passar neste [registro] de Areas”. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes e em itálico. Exemplos: ent[re]gue o [rapaz].; “faça venda a duas b[arric]as de vinho”.

13. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[.]r.”; “É assim [ilegível.] em Java”; “É assim [ilegível + 2 linhas] em Havana.” Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.

14. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [*inint.*] para vocábulos e [*inint.* + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [*inint.*] em Java”; “É assim [*inint.* + 2 linhas] em Havana.”

15. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical entre as linhas. A mudança de parágrafo será indicada pela marca de duas barras verticais. Exemplo: “Es- | taes pois muito atrazado, ponde-
vos na | pira meu ignorantão. || Seria bonito que todas as.”

16. A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso:

a) Se em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fol. 1r]; [fol. 1v]; [fol. 2r]; [fol. 2v]; [fol. 3r]; [fol. 3v]; [fol. 16r].

b) Se em documentos impressos, indicação de página. Exemplos: [p. 1]; [p. 2]; [p. 3]; [p. 19].

17. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

18. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].

19. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e *layout* do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.